

**FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA
CONTEMPORÂNEA - CPDOC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS
- PPHPBC
MESTRADO EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS**

Ampliando Futuros: O Curso Pré-Vestibular Comunitário da Maré

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História Política e Bens Culturais (PPHPBC) do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC para obtenção do grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais.

Elionalva Sousa Silva

Rio de Janeiro
Março/2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA
CONTEMPORÂNEA - CPDOC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS
- PPHPBC
MESTRADO EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
APRESENTADO POR
ELIONALVA SOUSA SILVA**

**AMPLIANDO FUTUROS:
O CURSO PRÉ-VESTIBULAR COMUNITÁRIO DA MARÉ**

ORIENTADORA: PROF.^a DR.^a HELENA BOMENY

Ampliando Futuros: O Curso Pré-Vestibular Comunitário da Maré.

Autora: Elionalva Sousa Silva

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADO POR
ELIONALVA SOUSA SILVA

E

APROVADA EM 28 DE MARÇO DE 2006

PELA BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a _____
Helena Bomeny (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a _____
Dulce Chaves Pandolfi

Prof. Dr. _____
Diógenes Pinheiro

RESUMO

Ampliando Futuros: O Pré-Vestibular Comunitário da Maré. Rio de Janeiro: CPDOC/PPGFPBC/FGV, 2006. Dissertação

Estudo sobre o Curso Pré-vestibular Comunitário da Maré (CPV-Maré), a partir de sua inserção no movimento de pré-vestibulares comunitários existente hoje em todo o Brasil. Os dados e fontes coletados permitiram entender como se deu a trajetória do curso, bem como seus resultados e limites. Através do crescimento do curso, é possível entender o processo de crescimento e institucionalização do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM), organização não governamental criada por moradores e ex-moradores da Maré em 1997, que teve crescente e expressivo crescimento desde a sua formação.

Em sete anos de existência – 1998 a 2005 –, os estudantes que freqüentaram o CPV-Maré obtiveram, ao todo, 539 aprovações para universidades públicas e privadas, sobretudo para a PUC-RJ, totalizando 408 ingressos de alunos no ensino superior. Em consonância com a proposta do curso, e diante da condição econômica de seus alunos, serão aqui consideradas apenas as aprovações para as universidades públicas e para a PUC-RJ, tendo em vista a parceria estabelecida entre essa universidade e o CEASM, no tocante à concessão de bolsas de estudo. Assim, são 355 alunos que ingressaram nas universidades públicas e na PUC-Rio. É com esse quantitativo que iremos trabalhar neste estudo.

ABSTRACT

A study about the communitarian “Pré-vestibular” Course of Maré (CPV-Maré), and of its insertion on the movement of communitarian ‘pré-vestibulares’, existing all over Brazil. The data and the sources collected brought the possibility of understanding how the trajectory of the course was achieved, as well as its results and limits. Through the development of the course, it is possible to understand the process of development and institutionalization of the “Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré” (CEASM), a non-governmental organization, which was created by the residents and ex-residents of Maré in 1997 and whose development was expressive.

In seven years of existence – 1998 to 2005 – the students who attended the CPV-Maré obtained 539 approvals for public and private universities, mainly for the PUC-RJ, totalizing 408 entries of students in the higher education. In accordance with the proposal of the course and taking into account the economic condition of the students, only the approvals for public universities and for the PUC-RJ will be considered, due to the partnership between this university and the CEASM, with regard to the concession of scholarships. Therefore, there are 355 students who entered the public universities and the PUC-RJ. This study will work with this quantitative.

DEDICATÓRIA

Dedico este meu trabalho a todo o meu núcleo familiar mais próximo. A todos vocês, o meu amor e o meu agradecimento:

Meus pais: João e Maria;

Meus irmãos: Hélio, Ana, Eliana, Eliene e Elza;

Meus sobrinhos: Felipe, Camila, Mariana, Isabela, Eduarda, Rodrigo, João, Carolina, Raoni, Rudá e Juninho;

Meus cunhados: Jailson, Francisco, Sidney e Márcia.

AGRADECIMENTOS

Ao Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, instituição da qual faço parte desde sua origem, pela contribuição financeira e intelectual que me permitiu chegar até aqui. Agradeço a toda a equipe. A todos, a minha gratidão e carinho. Em especial, Jailson e Monique, que se dispuseram a realizar a leitura crítica deste trabalho e a sugerir importantes contribuições; ao Erasmo, com quem pude partilhar minhas angústias e alegrias ao longo de gestação deste trabalho e ao Francisco, sempre disposto a colaborar.

Ao Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré, instituição que me acolheu, inicialmente como aluna, posteriormente como colaboradora e pesquisadora. Agradeço pela contribuição no acesso à entrada na universidade pública e pela convivência coletiva, que tanto colaborou para o meu crescimento pessoal.

A todos os integrantes do CEASM que se dispuseram a narrar suas histórias e trajetórias e colaboraram com informações fundamentais para a construção deste trabalho. Em especial, Eliana Sousa, Jailson de Souza, Léa Souza, Antonio Carlos, Cláudia Rose, Rodrigo Siqueira, Edson Diniz, Juliana Santino e Fábio Douglas.

Aos integrantes do Observatório Social da Maré, em especial, aos integrantes da pesquisa “O impacto da universidade na vida dos universitários da Maré”, na qual pude colaborar de maneira direta e dialogar constantemente sobre o meu objeto de estudo.

A minha orientadora Helena Bomeny, que, pacientemente, ouvia minhas reclamações, minhas carências, inquietações intelectuais e meus conflitos decorrentes deste trabalho. Obrigada pelos momentos de aprendizado.

A banca, composta por pessoas queridas, especiais, e pelas quais tenho imensa admiração: Diógenes Pinheiro, meu professor e amigo sempre presente

em minha vida com seus preciosos conselhos, incentivos e palavras importantes, que sempre me fortalecem; Dulce Pandolfi, que me encantou com seu conhecimento acumulado e proximidade com as questões sociais que procuro estudar e entender; Helena Bomeny, que me atraiu por sua dedicação, com muita sobriedade e sensibilidade sociológica, ao estudo das questões relativas à educação brasileira e por ter querido dividir comigo o longo período de gestação deste trabalho.

A todos os professores e alunos do mestrado, pela contribuição intelectual oferecida e partilhada. Em especial, gostaria de agradecer a Judite Helena que, ao longo do curso, tornou-se uma querida amiga, sempre disposta a partilhar, a colaborar e a me ouvir. Agradeço ainda a César Marques e Lea Souza, pelas caronas regadas a longos e interessantes papos. E ainda, agradeço a Nilcemar, pelos diálogos interessantes sobre nossas vivências profissionais e trajetórias de vida.

Ao meu querido amigo Dalcio, pela lição de solidariedade. Sua dedicação às questões estatísticas deste trabalho mostrou-me como é possível nos dedicarmos aos projetos de outro com absoluto desprendimento. A você, meu agradecimento especial, meu carinho e minha amizade.

A Francisco, Fábio Rodrigues, Leonardo Melo, Carla, Viviane, Érica, Renata e Nadir, pela colaboração nas transcrições das fitas, nas questões relativas à informática e na coleta e codificação dos dados. A todos vocês, o meu agradecimento.

A Valdean, Wéllen Lyrrio e Antonio Carlos (Rede Memória - CEASM), pela cessão das fotos utilizadas neste trabalho.

E, finalmente, aos integrantes do PVNC, Fernando Pinheiro e Márcio Flávio, pelas poucas, mas interessantes conversas que tivemos sobre o movimento dos pré-vestibulares, que foram importantes para a compreensão desse fenômeno.

FOTOS

Foto 1	Antiga Favela do Rala Coco (atual Baixa do Sapateiro)	47
Foto 2	Comunidade de Nova Holanda na década de 1960	48
Foto 3	Vista aérea da Maré 1	49
Foto 4	Vista aérea da Maré 2	51
Foto 5	Sede do CEASM no Morro do Timbau	61
Foto 6	Sede do CEASM na Nova Holanda	68
Foto 7	Casa de Cultura da Maré	69

MAPAS

Mapa 1

Divisão da Maré por comunidades

53

GRÁFICOS

Gráfico 1	Percentual de alunos do CPV-Maré aprovados no vestibular, imediatamente ao primeiro ano de curso, e de alunos aprovados, segundo o ano de início no curso, por ano - 1998 a 2004.	101
Gráfico 2	Percentual de aprovação dos alunos do turno noturno no mesmo ano de ingresso segundo as unidades de ensino do CPV-Maré, por ano – 1998 a 2004.	112
Gráfico 3	Número absoluto de aprovações nos exames vestibulares por ano segundo as instituições entre 1998 e 2004	116
Gráfico 4	Alunos do CPV-Maré beneficiados pelas cotas da UERJ em números absolutos – anos 2003 a 2005	118
Gráfico 5	Opções de cursos dos universitários beneficiados pelo sistema de cotas – anos 2003 a 2005	125
Gráfico 6	Atividades realizadas pelos estudantes universitários egressos do CPV-Maré nas horas vagas por ordem de importância	135

TABELAS

Tabela 1	Evolução da Relação Candidato/Vaga no Vestibular, por categoria administrativa – Brasil 1992-2003.	30
Tabela 2	Tipo de reserva de vagas adotada pelas Instituições Públicas de Ensino Superior	42
Tabela 3	Quadro de instituições da Maré	54
Tabela 4	Número de alunos que freqüentaram e de alunos ingressos no CPV-Maré por ano letivo – 1998 a 2004	92
Tabela 5	Número de alunos por quantidade de anos letivos que freqüentaram o CPV-Maré – 1998 a 2004	93
Tabela 6	Número de alunos por quantidade de meses freqüentados ao longo do ano letivo – 1999; 2002; 2003 e 2004	94
Tabela 7	Número de alunos aprovados no vestibular por ano de ingresso no CPV-Maré – 1998 a 2004	95
Tabela 8	Número de alunos e de alunos aprovados por quantidade de anos letivos que freqüentaram o CPV-Maré – 1998 a 2004	97
Tabela 9	Freqüências acumuladas absoluta e relativa de alunos e de alunos aprovados por quantidade de anos letivos que freqüentaram o CPV-Maré – 1998 a 2004	98
Tabela 10	Número absoluto e freqüência relativa de alunos aprovados por quantidade de anos letivos que freqüentaram o CPV-Maré – 1998 a 2004	99
Tabela 11	Número de alunos aprovados no vestibular imediato ao ano de ingresso no CPV-Maré e nos vestibulares seguintes por ano de ingresso no CPV-Maré – 1998 a 2004	100
Tabela 12	Número de alunos aprovados no vestibular imediato e de alunos aprovados nos vestibulares seguintes que cursaram um ou mais anos letivos do CPV-Maré por ano de ingresso – 1998 a 2004	102

Tabela 13	Número de alunos aprovados no vestibular imediato, conforme a quantidade de meses com registro de frequência no ano de ingresso no CPV-Maré – 1999; 2002; 2003 e 2004	104
Tabela 14	Total de aprovações e de alunos do CPV-Maré aprovados por número de aprovações obtidas nas universidades públicas e PUC-RJ – 1998 a 2004	107
Tabela 15	Número de alunos, de aprovados e de aprovados no vestibular imediato ao ano de ingresso no CPV-Maré, por sede e turno no ano de ingresso, entre 1998 e 2004.	109
Tabela 16	Número de alunos, de aprovados e de aprovados no vestibular imediato ao ano de ingresso no CPV-Maré, por sede no ano de ingresso, entre 2000 e 2004.	110
Tabela 17	Número de alunos, de aprovados e de aprovados no vestibular imediato ao ano de ingresso no CPV-Maré, por sede e turno no ano de ingresso, entre 2000 e 2004	111
Tabela 18	Número absoluto de aprovações nos exames vestibulares por ano segundo as instituições entre 1998 e 2004	115
Tabela 19	Alunos beneficiados por outras Ações Afirmativas	120
Tabela 20	Aprovações de alunos do CPV-Maré nos vestibulares de 1999 a 2005, por carreira.	123
Tabela 21	Instituição de ensino dos universitários entrevistados	128
Tabela 22	Curso de Ensino Superior dos egressos do CPV-Maré	128
Tabela 23	Atividades remuneradas exercidas pelos universitários egressos do CPV-Maré	131
Tabela 24	Idade de ingresso no ensino superior e idade atual em números absolutos e em percentual	133
Tabela 25	Número de estudantes egressos do CPV-Maré por ano de ingresso no ensino superior	136
Tabela 26	Cursos concluídos pelos alunos egressos do CPV-Maré	137

ABREVIATURAS E SIGLAS

BNDES	- Banco Nacional de Desenvolvimento
CEASM	- Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré
CEFET - RJ	- Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro
CEMASI	- Centro Municipal de Atendimento Social Integrado
CPDOC	- Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea
CPOR	- Centro de Preparação de Oficiais da Reserva
CPV	- Curso Pré-Vestibular
CPVCs	- Cursos Pré-Vestibulares Comunitários
CPV-Maré	- Curso Pré-Vestibular da Maré
DAEB	- Diretoria de Avaliação da Educação Básica
EDUCAFRO	- Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes
ENEM	- Exame Nacional do Ensino Médio
ESCS/DF	- Escola Superior de Ciências Sociais do Distrito Federal
FASE	- Federação dos órgãos para Assistência Social e Educacional
FESP	- Fundo de Emergência Social da PUC-Rio
FGV	- Fundação Getúlio Vargas
FIESP	- Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	- Índice de Desenvolvimento Humano
IFES	- Instituições Federais Públicas de Ensino Superior
IPP	- Instituto Pereira Passos

MEC	- Ministério da Educação
NELM	- Núcleo de Línguas da Maré
ONG	- Organização Não Governamental
OF/RJ	- Observatório de Favelas do Rio de Janeiro
OSM	- Observatório Social da Maré
PROUNI	- Programa Universidade para Todos
PT	- Partido dos Trabalhadores
PUC - RJ	- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUC - SP	- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PVNC	- Pré-Vestibular para Negros e Carentes
R. A .	- Região Administrativa
RAL-Maré	- Rede de Atendimento Local da Maré
RUEP	- Rede Universitários de Espaços Populares
RETEM	- Rede de Trabalho e Educação da Maré
SECAD	- Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade da Educação.
SENAI	- Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESI	- Serviço Social da Indústria
SESu	Secretaria de Ensino Superior
SMTb	- Secretaria Municipal do Trabalho e Emprego do Município do Rio de Janeiro
SINTUFRJ	- Sindicato dos Trabalhadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro
SOU	- Serviço de Orientação ao Universitário
UEA	- Universidade Estadual do Amazonas
UEG	- Universidade Estadual de Goiás

UEL	- Universidade Estadual de Londrina
UEMG	- Universidade Estadual de Minas Gerais
UEMS	- Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
UENF	- Universidade Estadual do Norte Fluminense
UERJ	- Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFAL	- Universidade Federal de Alagoas
UFBA	- Universidade Federal da Bahia
UFF	- Universidade Federal Fluminense
UFJF	- Universidade Federal de Juiz de Fora
UFPA	- Universidade Federal do Pará
UFPR	- Universidade Federal do Paraná
UFRA	- Universidade Federal Rural da Amazônia
UFRJ	- Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRRJ	- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFT	- Universidade Federal do Tocantins
UnB	- Universidade de Brasília
UNEB	- Universidade Estadual da Bahia
UNEMAT	- Universidade Estadual do Mato Grosso
UNIFESP	- Universidade Federal de São Paulo
UNIGRANRIO	- Universidade do Grande Rio
UNIMONTES	- Universidade Estadual de Montes Claros
UNIRIO	- Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

Apresentação-----	18
Capítulo I. As Ações Afirmativas de acesso ao ensino superior -----	29
1.1. Os Cursos Pré-Vestibulares Populares: pequeno histórico-----	43
Capítulo II. O Bairro Maré-----	46
2.1. O Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré-----	57
Capítulo III. O Curso Pré-Vestibular Comunitário da Maré-----	75
3.1. O trabalho de Coleta de dados-----	83
3.1.1. As fontes de pesquisa-----	83
3.1.2. A construção do banco de dados-----	85
Capítulo IV. Os resultados obtidos pelo CPV-Maré em sete anos de curso -----	91
4.1. Características socioculturais dos universitários que estudaram no CPV-Maré-----	126
4.2. Os egressos do CPV-Maré que concluíram o Ensino Superior-----	136
Capítulo V. Considerações Finais-----	138
Bibliografia-----	144
Anexos -----	

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho é um esforço de aprofundar a reflexão intelectual sobre temas que marcaram minha vivência pessoal e profissional, e que atravessam hoje minha prática. Criada em uma das favelas do bairro Maré¹ – Nova Holanda –, desde adolescente participei de projetos sociais locais, em especial daqueles voltados para a educação da juventude. O interesse pela educação tem origem na minha formação de professora do ensino básico (curso Normal), no ano de 1984, e no curso de pedagogia que concluí na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), em 2003.

Apesar do longo período de tempo entre as conclusões dos dois cursos, sempre alimentei a expectativa de conclusão do ensino superior. Tentativa abandonada anteriormente por duas vezes e levada adiante a partir de minha inserção, no ano de 1998, no pré-vestibular comunitário organizado pela Organização Não Governamental Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré – CEASM, que talvez seja hoje o mais importante apoio para o acesso do jovem da Maré à universidade.

Dentre os projetos de educação em que atuei, destaca-se o Telecurso 2000, um programa de educação compensatória e supletiva para a escolarização básica de jovens e adultos, desenvolvido pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) em parceria com a Fundação Roberto Marinho. O trabalho frente às turmas do Morro do Timbau nos anos de 1998 e 1999 tornou-se objeto de estudo de meu trabalho de conclusão do curso de graduação em pedagogia.²

O público das telessalas é composto por alunos que se evadiram cedo da escola e, em sua grande maioria, são trabalhadores que desejam aumentar a escolaridade exigida pela demanda do mercado de trabalho. Embora o Programa

¹ A Maré recebeu o título de bairro em 1994, pelo então prefeito César Maia. Composto por 16 favelas, ele está localizado em uma área de fácil acesso entre a Linha Vermelha, a Linha Amarela e a Avenida Brasil, como se verá com mais detalhe no capítulo 2.

² Ver **SILVA, Elionalva Sousa. Programa Telecurso: Dilemas... Soluções? A experiência das Telessalas do Morro do Timbau - Maré em 1998 e 1999.** Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2003.

Telecurso tenha uma proposta de metodologia diversificada, não consegue atingir um de seus objetivos primordiais, que é o incentivo à educação continuada e permanente. O modelo de educação proposto pelo Programa, cuja base teórica se mostra compatível com as propostas de educação para a transformação, parece não evitar que os alunos caiam na “armadilha” da educação “bancária”³, já que têm a difícil tarefa de acumular conteúdos, em curto período de tempo, para a realização das provas que os habilitam ao certificado de conclusão do Ensino Fundamental. A proposta apresenta um invólucro moderno com fundamentação tradicional. Por conseguinte, é necessário que as políticas públicas sejam repensadas, no que se refere ao binômio tempo/qualidade, para viabilizar um ensino adequado ao aluno trabalhador.

A partir de determinado momento, percebi a necessidade de desenvolver ações mais sistemáticas e abrangentes, que fossem além de projetos tópicos, na maior parte das vezes, de caráter meramente assistencialista, e com pouco impacto na transformação da realidade local. A fim de construir outro tipo de intervenção, engajei-me gradativamente nas atividades do CEASM, uma instituição criada por moradores que cresceram e/ou moraram em alguma das comunidades do bairro Maré e que tinham em comum, além do fato de terem completado o ensino superior, possuírem uma longa história de envolvimento com movimentos coletivos locais.

Em 2001, participei ativamente da fundação do Observatório de Favelas do Rio de Janeiro (OF/RJ), uma instituição técnico-política integrada por pesquisadores e estudantes vinculados a diferentes instituições acadêmicas e organizações comunitárias. Voltada para pesquisa e a articulação de redes locais em comunidades populares do Rio de Janeiro, seu propósito maior é recuperar as favelas à luz de uma perspectiva crítica, discutindo estereótipos e estigmas historicamente construídos em torno desses lugares. Para tanto, o Observatório vem executando ações no campo da comunicação de estudos e experiências desenvolvidas nos espaços populares, as quais abrangem a sistematização e a coleta de informações

³ Ver FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

sobre esses espaços, a formação de quadros técnicos/políticos nas comunidades populares, a assessoria a grupos comunitários locais (no campo do diagnóstico social, direitos humanos e violência urbana, tendo em vista o olhar diferenciado a que se propõe) e a proposição de políticas públicas para as favelas cariocas.

A participação nessas duas instituições – CEASM e Observatório de Favelas, especialmente no Curso Pré-Vestibular do CEASM, motivou-me a realizar este estudo. Inicialmente, participei das atividades do CEASM como aluna da turma 101, que, juntamente com a turma 102, formou o núcleo das primeiras turmas do Curso Pré-Vestibular Comunitário (CPV-Maré), no ano de 1998. Essas turmas eram constituídas, em sua maioria, de jovens e adultos que haviam concluído o ensino médio e estavam sem estudar por motivos variados, mas compartilhavam o desejo de entrar para a universidade a fim de melhorarem suas condições de vida.

A iniciativa de um Pré-Vestibular Comunitário para atender aos estudantes pobres já existia em outros locais da cidade (como veremos no próximo capítulo), mas, na Maré, era uma iniciativa inédita, uma possibilidade concreta de ruptura de um destino social traçado para os jovens pobres, que tinham na conclusão do ensino médio o ponto máximo da sua trajetória educacional.

Comprometida com a proposta de pensar esse movimento de pré-vestibulares populares como possibilidade de ampliação da cidadania, entendo que a relação entre cidadania e educação se dá também na medida em que assumimos a educação como um direito do cidadão. A educação é um dos importantes processos de consolidação da cidadania, ou seja, para, em plenitude, ser cidadão, o indivíduo deve ter acesso, como direito, à educação. Constituindo-se como um importante movimento do ponto de vista da política de inclusão promovida pela sociedade civil, os Pré-vestibulares Populares desenvolvem, então, uma luta pela democratização e universalização do acesso ao ensino superior público, através da mobilização de jovens dos setores populares – negros ou brancos, que aspiram a ultrapassar a difícil barreira do ingresso na vida acadêmica.

Jailson de Souza e Silva chama esse aumento de ingresso na universidade de estudantes de origem popular de “*revolução silenciosa*”, que pode ser percebida, de

modo muito geral, em algumas dimensões que marcam a relação entre o ensino superior e as classes populares. A mais geral é a ruptura de um destino social traçado para os jovens pobres, que tinham na conclusão do Ensino Médio o ponto máximo da sua trajetória educacional. Não se pode ignorar que a universidade, especialmente a pública, continua sendo um espaço apropriado quase que exclusivamente pelos setores médios e altos da sociedade brasileira, com pouca presença de jovens pobres. Desse modo, além do acesso desses jovens ao mercado de trabalho tender aos empregos subalternos e com menores salários, ficam reduzidas as possibilidades de contato com a formação humanística que tem, *a priori*, a universidade como *locus* capaz de ampliar os horizontes intelectuais e culturais, formando cidadãos mais completos.

É importante refletir sobre o impacto desse movimento político-cultural empreendido pelos pré-vestibulares populares para além dos quantitativos de aprovação e ingresso na universidade, pois talvez por esse prisma a sua importância não seja totalmente compreendida. Se destacarmos a dimensão cultural e política, sobretudo pelo acompanhamento dos mecanismos de ação coletiva que o movimento provoca e do impacto causado, pode-se ter uma leitura mais matizada desse processo de *revolução silenciosa*, composto por transformações culturais e educacionais nesses espaços. Iniciativas como o Hip-Hop, o Funk, os grupos de dança e música, as diversas ações educativas, dentre outras, são ilustrativas da formação de jovens que buscam expressar a sua realidade social a partir de seu próprio lugar. Há uma multiplicação de ações e de referências identitárias que colocam em questão os velhos estereótipos sobre, por exemplo, as favelas e seus moradores, constituídos por percepções sustentadas nas noções de “carência”, “passividade”, “alienação”, “criminalidade potencial” etc. A favela e seus moradores assumem outro lugar na cidade e adquirem progressiva visibilidade na paisagem carioca e em diversos campos sociais.

A presença desse novo ator social no campo da educação tem permitido ênfase no viés metodológico, que já vinha se aprofundando a partir da difusão das reflexões de Bourdieu e Passeron (1978; 1979) sobre a marca de classe que tem a construção do saber. Aliás, eles colocam em xeque não só a produção do saber,

mas o saber como “capital simbólico”, produzido por determinados grupos e utilizados por eles como arma na imposição de sua verdade política, excluindo dessa arena os grupos que, por não produzirem ou não saberem manejar esse capital, estejam permanentemente aliçados desse campo de forças.

Assim, experiências positivas de educação e cidadania, como os Pré-vestibulares Populares, são importantes e sinalizam um espaço do possível, nem sempre visto em níveis mais gerais. O ingresso na universidade de estudantes de origem popular é um importante fenômeno no campo da educação brasileira dos últimos anos. Mas o acesso à universidade não encerra a luta desses jovens pela ascensão social, uma vez que o principal problema que enfrentam é articular produtivamente a sua manutenção na universidade com o trabalho que executam, muitas vezes, em atividades sem vínculos com a formação, o que eleva a evasão e anula parte dos benefícios gerados pela maior presença nas universidades.

Dentre os movimentos ligados à educação, a mobilização da sociedade civil pela universalização do acesso ao ensino superior público, seja através da educação compensatória dos cursos pré-vestibulares para alunos de origem popular e, em sua maioria, oriundos de escolas públicas, seja pela conquista de ações afirmativas – as polêmicas cotas nas universidades públicas – ou, ainda, através da luta pela alteração da lei que rege o ensino superior, tem conformado esse movimento popular de caráter político e cultural, como aquele que está contribuindo para o novo desenho da universidade pública brasileira.

A proposta deste estudo é pensar esse movimento de pré-vestibulares comunitários a partir do CPV-Maré. Os dados e fontes coletados permitiram entender como se deu a trajetória do curso, bem como seus resultados e limites. Através do crescimento do curso, é possível entender o processo de crescimento e institucionalização do CEASM.

Em sete anos de existência – 1998 a 2005 –, os estudantes que freqüentaram o CPV-Maré obtiveram, ao todo, 539 aprovações para universidades públicas e

privadas, sobretudo para a PUC-RJ⁴, totalizando 408 ingressos de alunos no ensino superior. Em consonância com a proposta do curso, e diante da condição econômica de seus alunos, serão aqui consideradas apenas as aprovações para as universidades públicas e para a PUC-RJ, tendo em vista a parceria estabelecida entre essa universidade e o CEASM, no tocante à concessão de bolsas de estudo. Assim, são 355 alunos que ingressaram nas universidades públicas e na PUC-Rio até março de 2005. É com esse quantitativo que iremos trabalhar neste estudo.

As duas turmas representantes do ano de implantação do CPV-Maré criaram uma dinâmica própria de atuação participativa junto à equipe da instituição, estando sempre presentes em todas as intervenções, iniciativas e conquistas do CEASM, nesse período, que ficou sendo conhecido na instituição como sua *fase heróica*. Os colaboradores envolvidos com o projeto tinham um discurso marcadamente transformador e fundamentado nos propósitos originais da organização. Assim como a grande maioria dos pré-vestibulares populares, o CPV-Maré não se importa somente com a preparação acadêmica dos alunos/moradores, mas também com sua formação político-cidadã, acreditando que, dessa forma amplia o campo de possibilidades de seus integrantes. As aulas de Cultura e Cidadania, que os alunos das redes de pré-vestibulares PVNC e Educafro promovem, são exemplos importantes dessas ações.

O conceito de campo de possibilidades que norteia as ações desenvolvidas no CPV-Maré, bem como as demais ações desenvolvidas no CEASM, insere-se nas possibilidades de aquisição e/ou de ampliação de bens educacionais, culturais e sociais. Para Souza e Silva (2004-A), o campo de possibilidades é ampliado quando se tem acesso a diversos tipos de linguagens. Para ele,

[...] o acesso a novas formas de manifestações culturais, no campo do conhecimento teórico, da arte, em suas variadas formas, e do contato com a diversidade da cidade e do país, permite que esse processo seja construído. Assim, é pela construção de formas culturais próprias, seja no campo da música, da dança, da poesia, da

⁴ Quantitativo contabilizado a partir das informações que chegam ao CEASM através de alunos e ex-alunos. Esse nº pode ser maior, tendo em vista que há alunos que não retornam à instituição para informarem se foram aprovados ou não.

produção visual, e do acesso a formas outras, criadas por outros grupos sociais e étnicos, que se criará um processo cultural popular intenso e permanente, para os diversos grupos sociais que constituem a Maré e outras favelas do Rio de Janeiro [...].

Para Gilberto Velho (1994), a noção de “campo de possibilidades” está diretamente relacionada à noção de “projeto”:

A possibilidade da formação de grupos de indivíduos com um projeto social que englobe, sintetize ou incorpore os diferentes projetos individuais, depende de uma percepção e vivência de interesses comuns [...], que só se concretiza num campo de possibilidades”.

Para ele, essas duas categorias buscam lidar com a problemática da unidade e fragmentação. Campo de possibilidades trata do que é dado com as alternativas construídas do processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura. O projeto no nível individual lida com a performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancorados em avaliações e definições da realidade.

No caso do pré-vestibular, o grande desafio que se coloca é ser, ao mesmo tempo, um projeto coletivo que também fortaleça e incentive projetos individuais. Nesse sentido, a ampliação desses bens seria uma condição para a ampliação nos/dos espaços sociais nos quais eles poderiam circular. Por isso, torna-se condição básica para a ampliação da cidadania.

A noção de bens culturais está presente nos textos institucionais do CEASM, desde sua origem, como podemos constatar no estatuto da instituição em anexo, bem como na proposta do curso de mestrado, cuja manifestação concreta é a produção deste estudo. Esse conceito está cada vez mais presente no debate em torno das questões relativas à cidadania e aos movimentos sociais. O direito à cultura é, sobretudo, a conquista de uma nova subjetividade para as classes populares. Essa subjetividade deve estar baseada na livre expressão da sua produção cultural, para além dos estereótipos construídos em torno daquilo que lhes cabe, como o samba, o candomblé e a capoeira. Embora todos eles sejam manifestações legítimas e ricas da cultura popular, a reprodução atemporal desses aspectos da cultura popular como a única possibilidade de expressão desses

segmentos funciona mais como instrumento de estigmatização do que de afirmação positiva de uma cultura popular. Há que se ampliar este escopo para a literatura, a poesia, as diversas formas de expressão como partes de uma identidade popular.

É necessário se pensar a expansão do acesso a bens culturais como estratégia fundamental de inclusão social, que funciona como meio de ampliação do tempo e do espaço dos jovens oriundos das comunidades populares. Como afirmam Barbosa e Souza e Silva (2002),

[...] os jovens de espaços populares experimentam uma realidade muito *particularizada e presentificada*, querendo dizer com isso que eles vivem muitas vezes restritos aos estreitos limites das suas comunidades, não circulando na cidade e, com isso, não experimentando a cidade como um espaço de troca e de apreensão do saber, da cultura e da pluralidade democrática de estilos de vida. Ao lado disso, seu cotidiano é *presentificado*, isto é, marcado pela ausência de projetos de futuro, sejam individuais ou coletivos, e, por isso mesmo, gasto de forma improdutiva, seja no consumo alienado de bens massificados, seja na reprodução de uma cultura da violência que se faz atualmente muito presente nestas comunidades.

Essa formação política-cidadã, que trabalha com a perspectiva de ampliação do acesso aos bens educacionais, culturais e sociais é um dos diferenciais dessa experiência bem-sucedida, que está para além da preparação para os exames vestibulares. Seus formuladores trabalham com a perspectiva de que o aluno, ao entrar para universidade, consiga perceber as contradições de sua vida e de alguma forma possa enriquecê-la com outros elementos, outras questões, seja para desenvolver ações locais, seja para atuar em outros espaços, tornando-se um agente de transformação social; enfim, que ele contribua ativamente para com as mudanças necessárias em espaços como a Maré. Nesse sentido, esse novo ator social seria um *intelectual orgânico*, na concepção de Gramsci, o pré-vestibular seria apenas um instrumento e o processo de aprendizagem dos conteúdos, por si só, não seria o mais importante.

Inicialmente, a pergunta que me movia era: como estaria a nova geração de alunos do CPV-Maré? Será que ainda teriam a adesão mística e apaixonada ao projeto, ou será que a mística se perdera à medida que o CEASM se institucionalizava? E os alunos do primeiro ano, teriam conseguido permanecer na

universidade? Ao longo do processo de pesquisa, optei por analisar o próprio processo de *rotinização* desse discurso transformador, não só a partir do olhar dos fundadores do Centro como também do de um representante da atual coordenação do curso, além da consulta aos resultados obtidos pelo CPV-Maré, o que forjou um contraponto muito interessante como base à discussão da mudança da Maré.

O conceito de *rotinização* do carisma está inserido no processo de institucionalidade do CEASM. O sucesso do momento heróico, inaugural e carismático de fundação do CPV-Maré gerou, como natural, a difusão do projeto, a possibilidade de cursar o ensino superior, ou seja, a generalização das práticas instituintes e a constituição de um sistema institucional, que continua em expansão. Em outras palavras, o sucesso do curso trouxe consigo os dilemas típicos da *rotinização* do carisma. Segundo Soares (2004, p.12), a institucionalização refere-se:

A um processo de ordenação, regulamentação, determinação de critérios, de normas e práticas comuns, [...] à consolidação de um conjunto de práticas e de relações estáveis, construídas ao longo de vida da instituição. Este processo é atropelado pelas inevitáveis contingências dos encontros e desencontros entre os projetos, atores, interesses, valores, alianças e disputas, ocasionando a necessidade de definir meios e normas de avaliação [...].

A inspiração do conceito de *rotinização* do carisma está em Max Weber, particularmente na construção que propôs como tipo ideal da autoridade carismática. A definição do carisma se funda no que pode ser realçado como excepcional, extraordinário, fora da rotina e diferente dos gestos ordinários. Os portadores de carisma são assim percebidos pelos seus seguidores – alguém que, por tão ungido do extraordinário, pode ser repositório da entrega dos seguidores. Rotinizar algo extraordinário é quebrar com o sentido original de excepcionalidade

O CEASM está estruturado a partir de redes sociopedagógicas, como veremos mais adiante. Apreender a constituição dessas redes, em particular, do curso pré-vestibular, requer uma metodologia de aquisição de informações que seja capaz de dar conta tanto das condições objetivas quanto das leituras subjetivas construídas nesse percurso. Neste sentido, busco pensar essas redes sociopedagógicas como espaços de ampliação e difusão de *direitos culturais e educacionais* (Saraiva, 2002), isto é, conferir a essas redes o papel central de

transformar a cultura em espaço de sociabilidade e de afirmação da democracia, dando um sentido mais palpável a idéia de cidadania, o que pode ser feito através da articulação de algumas dimensões presentes nas discussões contemporâneas sobre política cultural e educação.

Para tanto, foi necessária a observação de indicadores quantitativos e qualitativos, sempre com a preocupação de fortalecer a voz dos agentes sociais envolvidos, bem como fomentar um conjunto de reflexões sobre o trabalho que vem sendo desenvolvido, sobretudo, no curso pré-vestibular. A análise se deu a partir da coleta de diferentes materiais, reunidos durante o período compreendido entre dezembro de 2004 e maio de 2005. As fontes consultadas e os dados utilizados na composição deste estudo foram de ordem bibliográfica, oral e documental. Uma parte dos dados analisados provém de um levantamento de dados primários (ver questionário anexo) realizado junto a universitários egressos do CPV-Maré, consultados por ocasião da pesquisa intitulada *“O impacto da universidade na vida dos universitários da Maré”*. Este trabalho é desenvolvido no Observatório Social da Maré, outro projeto do CEASM, como veremos mais adiante.

O esforço em construir uma metodologia abrangente se faz necessário para ampliar a compreensão da dinâmica dessa iniciativa e as significações dela decorrentes junto aos moradores da Maré. Importa, também, evidenciar os resultados quantitativos alcançados ao longo desses sete anos de curso pré-vestibular. O trabalho de campo revelou uma iniciativa bem sucedida e que se destaca entre as iniciativas educacionais empreendidas na Maré, bem como no universo dos pré-vestibulares comunitários do Rio de Janeiro.

A dissertação está organizada da seguinte forma: no primeiro capítulo, abordarei algumas das ações afirmativas no Brasil, com especial atenção para o movimento dos pré-vestibulares populares; a seguir, traçarei um breve histórico da Maré, desde sua origem até os dias atuais, finalizando com a experiência do CEASM e sua relação com a Maré; no terceiro capítulo, tratei do trabalho desenvolvido no CPV-Maré, apontando as limitações e resultados, a sua relação com os demais pré-vestibulares populares cariocas e como se deu o processo de coleta dos dados; no

capítulo seguinte, analiso os dados coletados, reunidos durante o período compreendido entre dezembro de 2004 e maio de 2005; por fim, teço algumas considerações acerca do curso.

Minha expectativa é de que este estudo possa não só colaborar para a reflexão e a avaliação do trabalho que o CPV-Maré vem realizando, como para a discussão acerca de sua ação, enquanto estratégia de intervenção na realidade local, visando a potencializar o desenvolvimento social, político e cultural do conjunto de favelas do bairro Maré.

CAPÍTULO I

AS AÇÕES AFIRMATIVAS PARA O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR

A universidade pública brasileira é, ainda hoje, um espaço ocupado, em sua maior parte, pelas classes sociais médias e altas e só recentemente tem-se aberto à presença das classes populares, tanto no seu quadro docente, mas, principalmente, no seu quadro discente. O maior alcance dos ensinos fundamental e médio e a atuação dos movimentos de mobilização em prol da democratização do acesso à educação pública e de qualidade, dentre os quais se destacam os pré-vestibulares populares, têm tido um papel central nesta abertura recente por que passa a universidade brasileira.

Apesar dos recentes investimentos educacionais feitos pelos estados e da taxa de escolarização da população brasileira ter aumentado, tornando o acesso à educação praticamente universalizado, a escola pública de ensino básico (fundamental e médio) está longe de proporcionar quer uma formação de qualidade e cidadã, quer a inserção no ensino superior. Entre outros fatores, conta também o fato de que os conteúdos exigidos pelos vestibulares são muito superiores aos estudados pelos alunos do ensino médio da grande maioria das escolas públicas, com notáveis exceções para os Colégios de Aplicação, ligados às universidades públicas, e algumas escolas centenárias, como o Pedro II, cujo acesso é mais restrito. Além disso, houve o crescimento de matrículas e de concluintes no ensino fundamental e médio, como bem afirma Maggie (2000:4):

Com o investimento dos últimos anos, houve uma diminuição da retenção de estudantes, o que está fazendo com que mais alunos consigam chegar ao ensino médio. O número de formandos deste nível de ensino também cresceu muito nos últimos anos. Este crescimento de estudantes formados no ensino médio, sobretudo de escolas públicas produziu a possibilidade de novos segmentos sociais investirem na educação pós-secundária produzindo assim um aumento na procura pelo Exame de Vestibular.

O ritmo de aumento do número de vagas no ensino público superior não acompanhou a maior procura pelo exame vestibular para instituições públicas (Tabela 1) e, além disso, em vários centros do país ainda não se realiza um debate mais abrangente sobre a lógica desse exame de seleção.

Tabela 1
Evolução da Relação Candidato/Vaga no Vestibular, por categoria administrativa – Brasil 1992-2003.

Ano	Total	Pública	Privada
1992	3,4	6,1	2,2
1994	3,9	7,3	2,4
1996	4,0	7,5	2,6
1998	3,7	7,7	2,2
2000	3,5	9,0	2,0
2002	2,9	9,5	1,6
2003	2,5	8,6	1,5

Fonte: MEC/INEP/DAES

Observa-se na Tabela 1 que a relação candidato/vaga no ensino superior público aumentou até 2002, apresentando ligeira queda em 2003. No entanto, embora tenha diminuído, continua acima do patamar verificado no início da década passada. A mesma tabela demonstra que a diminuição da relação candidato/vaga total deriva dos quantitativos relativos ao setor privado.

Tradicionalmente, os exames vestibulares tornaram-se a maior barreira enfrentada pelos alunos de origem popular. Baseado em princípios da meritocracia, o vestibular contribui para a exclusão dos alunos oriundos das escolas públicas, tendo em vista que a qualidade do ensino nesse âmbito vem sendo amplamente superada pelo ensino privado.

Esse quadro fomentou o surgimento e a expansão de iniciativas direcionadas à preparação de estudantes de classes populares para os vestibulares das universidades públicas, conforme ressaltou Nascimento: (2002:9).

Nesse processo histórico de construção, ainda inclusa, a luta para que as classes populares e os grupos sociais marginalizados tenham de fato o direito à educação formal não é uma novidade no Brasil. Ao longo da nossa história, sobretudo a partir do século XX, vários movimentos sociais se organizaram para lutar pelo direito à escolarização. Esse é o caso dos cursos pré-vestibulares organizados para preparar estudantes oriundos de classes populares e grupos sociais marginalizados para o vestibular.

A difusão de pré-vestibulares populares colocou em questão um assunto tradicionalmente pouco tematizado no Brasil, que é a questão racial. É impossível pensar a polêmica sobre as cotas para negros na universidade pública sem levar em consideração tais iniciativas, que também enfatizam a dimensão da identidade racial. Além disso, a crescente visibilidade alcançada por esses cursos tem permitido a criação, ainda que embrionária, de uma rede, sobretudo de jovens que vêm afirmando uma nova subjetividade, capaz de ampliar intelectualmente a produção do saber na universidade.

Segundo estimativas de Frei David Raimundo dos Santos⁵, há cerca de 1800 pré-vestibulares populares espalhados em todo o Brasil. Cada um com uma linha de trabalho específica, mas todos com o mesmo objetivo: contribuir para o ingresso dos grupos sociais populares no ensino superior⁶. No Rio de Janeiro, há duas grandes redes de pré-vestibulares populares: Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC) e Educação para Afrodescendentes (EDUCAFRO). A segunda nasceu de uma dissidência política da primeira. Ambas trabalham a partir de pressupostos raciais. Atualmente, a Rede PVNC possui cerca de 40 núcleos, espalhados em todo o Estado. A Rede

⁵ Frei David Raimundo dos Santos foi um dos fundadores da rede dos Pré-vestibulares para Negros e Carentes (PVNC) e atualmente coordena a ONG EDUCAFRO, rede de Pré-vestibulares Populares com sede em São Paulo.

⁶ Informações obtidas por meio de entrevista realizada em fevereiro de 2003 com Frei David, disponível no site <http://redeglobo.globo/fantastico>.

EDUCAFRO possui cerca de 70 núcleos no Estado do Rio de Janeiro e atua também nos Estados de São Paulo e Espírito Santo.

Um importante agregador deste movimento é o MSU – Movimento dos Sem Universidade, com origem em São Paulo. Atua hoje em mais oito estados: Rio de Janeiro, Bahia, Brasília, Maranhão, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Norte e Tocantins. Segundo seus idealizadores, é um movimento cultural, social e popular que luta pela democratização da universidade e pela transformação cultural do Brasil. Surgiu da organização dos Cursinhos Populares, do ativismo social da Pastoral da Juventude do Meio Popular e da Pastoral da Juventude, do movimento Hip-Hop organizado, dos movimentos de educação popular, da participação de estudantes e educadores da rede pública e de universidades brasileiras e dos lutadores e lutadoras do movimento social⁷.

Além desses grandes grupos, surgiram outras importantes iniciativas que vêm contribuindo para a entrada de centenas de jovens pobres nas universidades públicas. Suas diferentes denominações – alternativos, independentes, populares, comunitários, dentre outras – expressam, em geral, diferentes pressupostos ideológicos e identitários, de corte racial, social, religioso, político-cultural etc. Dentre esses grupos, há os cursos da Rede Humanista, os pré-vestibulares ligados aos sindicatos, às universidades públicas, ao Movimento Hip-hop etc. e aqueles organizados por associações comunitárias ou outras organizações da sociedade civil, como o Curso Pré-Vestibular Comunitário da Maré (CPV-Maré), gerido pelo Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM), objeto de estudo desta pesquisa.

Essas múltiplas denominações são frutos de tensões conceituais e ideológicas existentes no interior dos grupos e de todo o movimento. De acordo com alguns representantes desse movimento, os pré-vestibulares se dividem entre pré-vestibulares *convencionais* (ou privados) e *populares*. Os *convencionais* estão inseridos na lógica do mercado. São os cursos com fins lucrativos e alunos, em sua grande maioria, oriundos também do ensino

⁷ Disponível em <http://www.msu.org.br>.

privado. Os *Populares* são baseados no coletivismo, solidariedade e na crença de que o acesso à educação é um meio potencializador das transformações sociais. Sua ação de combate à restrição de vagas tem como elemento norteador o princípio da igualdade social e educacional. Os populares têm se dividido em dois modelos: *alternativo* e *comunitário*. É nesse ponto que as tensões se acentuam.

Os *Alternativos* possuem os objetivos políticos dos populares, mas possuem também a dinâmica dos *convencionais*, como a remuneração dos professores e a institucionalização, geralmente materializada em formato de ONG. De acordo com esses referenciais, o CPV-Maré e a EDUCAFRO estariam nessa categoria. Os *Comunitários* seriam mais *politizados* e *militantes* por não possuírem nenhuma característica dos *convencionais*. São mais localizados na sua atuação e dependem apenas das articulações dos atores locais para conseguirem dar continuidade às suas ações. Neste caso, possuiriam fortes características da militância proveniente dos movimentos sociais. O PVNC estaria nessa categoria.

Essa é uma polêmica que limita a ampliação do próprio movimento. Os pressupostos que norteiam o conceito de Pré-vestibular Comunitário são, antes de tudo, filosóficos. Depende das posições políticas, das intenções do grupo fundador e da relação de coerência que este mesmo grupo mantém com seu discurso.

Ora, o contexto histórico de surgimento do CPV-Maré irá sempre apontá-lo como um pré-vestibular comunitário. E realmente é. É uma iniciativa local, proposta por um grupo de moradores. A essência da solidariedade social está presente na trajetória de vida de seus idealizadores e do próprio Centro. A institucionalização do CEASM como organização não governamental não exclui seu espírito comunitário. Foi essa institucionalização que possibilitou a ampliação das ações afirmativas de acesso à educação e à cultura, como os preparatórios para a 5ª série do ensino fundamental e para o ensino médio, e demais atividades desenvolvidas pelo CEASM.

Em sua tese de doutoramento sobre os cursos pré-vestibulares alternativos de São Paulo, João Galvão Bacchetto definiu os cursos *Alternativos* como:

[...] organizações específicas de treinamento para o exame de acesso ao ensino superior [...] baseados no princípio da igualdade, eles procuram nivelar as oportunidades do estudante de menor renda com as daquele formado em uma escola de melhor nível e que pode pagar para um cursinho comercial, passando a oferecer o mesmo serviço a preços populares e com a expectativa de ingresso numa universidade pública [...].

A definição de Bacchetto para os cursos alternativos é oportuna. Eles realmente são alternativos para quem não pôde ter acesso aos cursos comerciais, o que os torna, em sua essência, populares. Porém, alguns cursos alternativos possuem o caráter comunitário, e a busca de alternativas para a auto-sustentação não exclui essa característica para os que estão comprometidos com tais cursos alternativos.

Apesar das divergências conceituais, o movimento tem conseguido muitas conquistas. O acesso de jovens pobres ao ensino superior está na agenda de instituições públicas e privadas. Dentre as iniciativas privadas, destaca-se a da PUC-Rio, que há doze anos vem desenvolvendo parcerias com diversos pré-vestibulares populares do Rio de Janeiro e, atualmente, concede 715 bolsas integrais a alunos oriundos dos mesmos. Além disso, a PUC-Rio tem mobilizado os coordenadores dos cursos parceiros em torno do que eles chamam de *jornadas pedagógicas*. Trata-se de encontros entre os integrantes dos pré-vestibulares populares parceiros da PUC-Rio com professores da faculdade de educação desta instituição de ensino, para *pensar sobre as potencialidades e os limites de reflexões e ações pedagógicas* desenvolvidas nos pré-vestibulares⁸.

O gradativo reconhecimento da legitimidade e da importância desse novo movimento social, bem como desse novo ator social – os universitários de origem popular e oriundos de cursos pré-vestibulares populares – pelo universo acadêmico se expressa, dentre outras coisas, nas concessões de bolsas, nos trabalhos acadêmicos sobre esse universo e no texto de apresentação do livro

⁸ Tais encontros resultaram em um livro. Ver CARVALHO, José Carmelo Braz de e FILHO, Hécio Alvim e COSTA, Renato Pontes (Org). *Cursos Pré-Vestibulares ComVest0r0.5267as0 e -*

acima citado, escrito pelo Vice-Reitor para assuntos Comunitários da PUC-Rio, prof. Augusto Luiz Duarte Sampaio:

É inadiável que o universo acadêmico aprenda a desenvolver suas funções de ensino, pesquisa e extensão com esses novos atores sociais representados pelos CPVCs. Ao mesmo tempo, é imprescindível que os movimentos populares aliem, ao compromisso político com suas causas, uma maior competência técnica e acadêmica. A integração de competência técnica e compromisso político tanto levará a universidade a melhor responder a suas funções de ensino, pesquisa e extensão, quanto poderá subsidiar aos CPVCs elementos e processos mais técnico-pedagógicos.

Toda essa mobilização da sociedade civil tem pressionado os Estados e o governo federal a desenvolverem políticas públicas que possibilitem a diminuição dessas desigualdades e facilitem o acesso ao ensino superior, bem como reconheçam a presença, cada vez maior de jovens pobres nas universidades públicas. Tal iniciativa se expressa no discurso de Ricardo Henriques, atual secretário da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade:

A democratização do acesso à Educação Superior é uma política prioritária do MEC. Os jovens de origem popular trazem para a vida universitária: esperanças e experiências que precisam ser valorizadas e incorporadas ao saber crítico que a Universidade promove. (Disponível em <http://www.mec.gov.br/secad>)

Nesse sentido, as políticas de ações afirmativas são “medidas especiais e temporárias tomadas pelo Estado e /ou iniciativa privada, espontânea ou compulsoriamente, com o objetivo de eliminar desigualdades historicamente acumuladas, garantindo a igualdade de oportunidade e tratamento, bem como compensar perdas provocadas pela discriminação e a marginalização por motivos raciais, étnicos, religiosos, de gênero e outros”. (MEC/SECAD)

Dentre essas iniciativas destacam-se:

1. Isenção da taxa dos exames vestibulares das universidades públicas, através da comprovação da baixa renda, que dificulta e/ou impossibilita o

pagamento das altas taxas dos exames e que, na maioria das vezes, inviabiliza a realização dos exames pelos alunos pobres;

2. Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), instituído em 28 de maio de 1998. É realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), do Ministério da Educação. Trata-se de uma avaliação anual do desempenho dos alunos concluintes e egressos do ensino médio, sendo utilizado de forma complementar ou alternativa aos processos seletivos das instituições de ensino superior, que utilizam, de maneira autônoma, os resultados desse exame, seja através da reserva de vagas para quem fez a prova, seja utilizando a pontuação em uma fase do vestibular ou, ainda, compondo o resultado dos dois exames.

3. Reserva de vagas para alunos da rede pública nas universidades públicas – a cota social –, instituída a partir da Lei Estadual 3.524/2000 e dos Decretos 29.090/2001 e 31.468/2002, que reserva 50% das vagas para alunos que estudaram em escolas públicas no Estado do Rio de Janeiro, ao longo dos ensinos fundamental e médio. Passou a vigorar a partir do exame vestibular de 2002. Os resultados do ENEM também são utilizados por essas universidades.

A universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e a Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) foram pioneiras na ação. Somente em meados de 2004, o governo federal sinalizou a importância da reserva de 50% das vagas nas universidades públicas federais para egressos da escola pública, ampliando o debate e a polêmica para todo o Brasil.

4. Reserva de vagas para estudantes autodeclarados negros ou pardos nas universidades públicas – a cota racial –, instituída a partir da Lei Estadual 3.708/2001 e o Decreto 30.766/2002, que reserva 40% das vagas para estudantes autodeclarados negros ou pardos. Passou a vigorar a partir do exame vestibular de 2002. É aplicada, primeiramente, dentro dos 50% para alunos de escolas públicas. Não completados os 40%, a cota é aplicada aos estudantes autodeclarados do vestibular estadual. Portanto, as leis de reserva de vagas para alunos da rede pública e para alunos autodeclarados negros ou pardos se sobrepõem.

A sobreposição das leis ocasionou distorções em alguns cursos, gerando uma reserva real de mais de 60%, somadas as duas cotas. Sendo assim, embora as notas menores tenham sido obtidas por candidatos oriundos de escolas públicas, a reserva para negros e pardos tem motivado maior debate. No âmbito jurídico, essas questões se manifestaram através de dezenas de liminares contestando o resultado do Vestibular⁹. A partir de então, o debate em torno das cotas raciais foi ampliado para outras universidades e se espalhou por todo o país.

A universidade de âmbito federal, pioneira na adoção das cotas, é a Universidade de Brasília (UnB), que desde o ano de 2004 reservou 20% de suas vagas para a população negra. Esse sistema tem a sua duração planejada para 10 anos, podendo sofrer alterações, ao longo desse processo, com vista ao aprimoramento dos melhores resultados possíveis. Com relação à reserva de vagas para indígenas, foi firmado um convênio entre a UnB e a Fundação Nacional do Índio (Funai), assinado em março de 2004. Os indígenas aprovados em um teste de seleção começaram a estudar na UnB no primeiro semestre letivo de 2004. Pelo convênio foram destinadas cerca de dez vagas aos indígenas a cada vestibular.

5. Programa Diversidade na Universidade, desenvolvido pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade da Educação (SECAD), do Ministério da Educação (MEC), destina-se ao repasse de verbas públicas a instituições que desenvolvem projetos educativos voltados para grupos socialmente desfavorecidos. Para concorrer ao financiamento, as instituições devem ter ao menos 51% de afrodescendentes e/ou indígenas entre os alunos matriculados e repassar entre 40% e 50% do valor recebido para os estudantes, a título de bolsa de manutenção. O objetivo do Programa é defender a inclusão social e o combate à exclusão social, étnica e racial. Isso significa melhorar as condições e as oportunidades de ingresso no ensino superior para jovens e adultos de grupos socialmente desfavorecidos, especialmente de populações afrodescendentes e povos indígenas.¹⁰

⁹ Informações extraídas do site institucional da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

¹⁰ Disponível em <http://www.mec.gov.br/secad>.

6. O Programa Universidade para Todos (Pro-Uni), instituído a partir do Decreto nº 5.245 de 15 de outubro de 2004, está em vigor desde o início do ano letivo de 2005. Trata-se da concessão de bolsas de estudos integrais e parciais (50%) em instituições privadas de ensino superior, a estudantes oriundos da rede pública e a bolsistas integrais da rede privada; estudantes portadores de necessidades especiais e professores da rede pública de ensino que se candidatem a cursos de licenciaturas e pedagogia, independentemente da renda. Os estudantes interessados nas bolsas integrais deverão ter renda *per capita* familiar de até um salário mínimo e meio e de três salários mínimos para os interessados nas bolsas p

de origem popular na universidade. O Projeto *Conexões de Saberes*: diálogo entre a universidade e as comunidades populares, por exemplo, coordenado pela SECAD/MEC, desde novembro de 2004, oferece a esses jovens universitários a possibilidade de desenvolver a capacidade de produzir conhecimentos científicos e, a partir disso, intervir em seu território de origem. Além disso, o projeto possibilita o monitoramento e a avaliação, pelos próprios estudantes, do impacto das políticas públicas aplicadas em espaços populares. Os estudantes recebem apoio financeiro e metodológico.

Atualmente o projeto está sendo desenvolvido em 14 universidades federais de todo o país: Bahia, Ceará, Pernambuco, Paraíba, Pará, Mato Grosso do Sul, Brasília, Amazonas, Paraná, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. No Rio de Janeiro, o projeto está sendo desenvolvido na UFRJ e na UFF. A partir de maio de 2006, o projeto será ampliado para 30 universidades.

Cabe ressaltar que esse projeto tem sua origem na Rede Universitários de Espaços Populares (RUEP), desenvolvida pelo Observatório de Favelas do Rio de Janeiro durante o período entre 2001 e 2004. Inicialmente a rede de universitários estava organizada por núcleos das seguintes favelas cariocas: Cantagalo/Pavão/Pavãozinho; Maré; Rio das Pedras; Vila Kennedy e Chapéu Mangueira/Babilônia. Posteriormente, ela passou a ser organizada por universidades, ocorrendo na UFF e na UERJ durante o ano de 2004, até ser absorvida pelo MEC/SECAD. O Observatório de Favelas continua inserido no projeto, realizando o trabalho de avaliação e monitoramento em todas as universidades onde está sendo realizado.

Destacam-se ainda as iniciativas desenvolvidas pelo MEC, através da SECAD, como o Grupo de Trabalho para elaborar políticas de acesso e permanência nas instituições públicas de ensino superior, a Instituição de Consultorias para o monitoramento das ações afirmativas no Ensino Superior e a criação de Grupos de Trabalhos e/ou Comissões para tratar de temas transversais como: afro-brasileiros, indígenas, pessoas com deficiências, direitos humanos e terceira idade, Criação de Programas de incentivo para as alterações de currículos para a formação de professores, incluindo os temas transversais.

Há ainda o anteprojeto que vem sendo construído com a participação de diversas entidades e segmentos da sociedade civil, que propõe uma Reforma Universitária, a fim de construir uma Lei Orgânica que regule o Sistema de

Dentre as ações desenvolvidas pelas universidades privadas, destacam-se as ações desenvolvidas pela PUC-Rio, que mantém um fundo destinado ao auxílio-transporte, refeição, material escolar e, excepcionalmente, moradia próxima ao campus para 630 alunos de origem popular. A grande maioria é oriunda dos pré-vestibulares comunitários.

O debate em torno da política de cotas tem mobilizado muitos grupos representantes dos movimentos sociais, muitos pesquisadores, acadêmicos e segmentos do setor público e ainda não é um consenso. De um lado estão os discursos contrários à política de cotas, que se norteiam a partir de três pressupostos: o primeiro seria a defesa da melhoria do ensino médio no Brasil, a fim de possibilitar o nivelamento de saberes, ao invés da implementação da política de cotas. O segundo condiciona a entrada em uma universidade pública ao poder aquisitivo do estudante e os gastos despendidos em sua formação escolar. O terceiro seria de que o sistema de cotas criaria discriminação em relação às pessoas não atendidas pelas cotas. Há também, o que critica a política por introduzir critério de racialização do ingresso.

De outro lado, está o discurso favorável às cotas, que se pauta no histórico das lutas dos negros e dos grupos menos favorecidos. Para seus defensores, o Brasil viveu muitos anos de discriminação (e ainda vive). Nesse sentido, as cotas seriam “um ajuste de contas” para diminuir os “prejuízos” decorrentes dessa relação desigual, marcada pela discriminação e pela relação subalternizada. As políticas afirmativas, como a reserva de vagas, trabalhariam então no sentido de diminuir as desigualdades e, portanto, a discriminação.

A Tabela 2 a seguir mostra o cenário atual das universidades públicas que adotaram o sistema de reserva de vagas.

Tabela 2

Tipo de reserva de vagas adotada pelas Instituições Públicas de Ensino Superior

Universidades	Escola Pública	Negros	Indígenas	Portadores de Deficiências
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)	X	X	X	X
Universidade Estadual da Bahia (UNEB)	X	X	X	
Universidade Federal da Bahia (UFBA)	X	X	X	
Universidade Estadual de Londrina (UEL)	X	X	X	
Universidade Federal do Paraná (UFPR)	X	X	X	
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)	X	X	X	
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)	X	X	X	
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)	X	X	X	
Universidade de Brasília (UNB)	X	X	X	
Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG)	X	X	X	
Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)	X	X	X	
Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF)	X	X	X	X
Universidade Estadual de Goiás (UEG)	X	X	X	
Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT)	X	X	X	
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) (2006)	X	X	X	
Universidade Federal do Pará (UFPA) (2006)	X	X	X	
Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA)	X			
Universidade Estadual do Amazonas (UEA)	X		X	
Universidade Federal do Tocantins (UFT)			X	
Escola Superior de Ciências da Saúde (ESCS/DF)	X			

Fonte: Ministério da Educação/SECAD

Considero a política de cotas necessária, mas de caráter transitório. Concordamos com a idéia de que é necessário um investimento no ensino

médio. O número de escolas de nível médio dentro das favelas cariocas é muito reduzido, ou ainda, na maioria das favelas é inexistente. Houve um investimento muito grande no ensino fundamental que não foi estendido ao ensino médio. Isso seria um investimento de médio e/ou longo prazo. Porém, existe uma demanda imediata de alunos que, apesar das dificuldades enfrentadas na escola pública de ensino básico, conseguiram concluir o ensino médio e vêm no ensino superior uma forma de ampliar seu campo de possibilidades econômicas, sociais, etc. A questão da qualidade do ensino não passa pelo sistema de cotas, mas sim pela melhoria do ensino em si mesmo (qualificação e valorização do corpo docente, infra-estrutura, pesquisas, sistemas de avaliação dos discentes, motivação, etc.) Mas o acesso é imprescindível e o sistema de cotas permite isso. A reserva de vaga para estudantes egressos de escolas públicas parece-me que dá conta também da demanda racial, tendo em vista que a grande maioria dos alunos da escola pública é afrodescendente. As demandas raciais passam pelas sociais e vice-versa. Não há como melhorar as questões sociais sem se defrontar com as questões raciais.

1.1. Os Cursos Pré-Vestibulares Populares: pequeno histórico

O primeiro registro de um pré-vestibular popular no Estado do Rio de Janeiro¹¹ e no Brasil, destinado aos negros, data do ano de 1976. Ele foi organizado pelo Centro de Estudos Brasil-África, voltado para as questões da cultura negra, localizado no município de São Gonçalo-RJ. No ano de 1986, a Associação dos Trabalhadores em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - ASSUFRJ, atual Sindicato dos Trabalhadores em Educação da UFRJ – SINTUFRJ, criou o projeto *Universidade para Trabalhadores*, destinado aos funcionários da universidade e seus dependentes, aos trabalhadores sindicalizados e aos moradores das comunidades populares. O projeto tinha

¹¹ Ver NASCIMENTO, Alexandre do. "Movimentos Sociais, Educação e Cidadania: Um estudo sobre os Cursos Pré Vestibulares Populares." Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Rio de Janeiro, 1999.

três vertentes: um Curso Pré-vestibular; um Curso de Alfabetização e Supletivo de 1º e 2º Graus e, por fim, um Curso de Formação Sindical e Cultural.

Apesar de seu caráter classista, essa iniciativa estimulou o aparecimento de outras iniciativas, tanto no Rio de Janeiro, como em todo o país. A Associação Mangueira Vestibulares insere-se nesse processo. Fundada em 1990, ela foi pioneira no sentido de atingir um público de perfil social popular. Dedicou-se ao atendimento de estudantes da comunidade do Morro da Mangueira, localizada na zona norte do município do Rio de Janeiro. Atualmente, seu público é formado, de forma expressiva, por estudantes de bairros e favelas vizinhas.

Inspirados por uma iniciativa de pré-vestibular para a juventude negra de Salvador – BA e pela concessão de 200 bolsas de estudos para participantes de Movimentos Negros e Populares pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, foi organizado, em 1993, o Curso Pré-Vestibular para Negros em São João de Meriti, cidade da Baixada Fluminense, na periferia da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Organizado pela Pastoral do Negro da Igreja Católica, esse curso buscava possibilitar o acesso de estudantes da periferia às universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro e a PUC-SP, através da capacitação para o vestibular dessas universidades. Fundado por Frei David Raimundo dos Santos, Alexandre do Nascimento, Antônio Douairr2Lu55cn43o

--

que já se conformaram como um movimento popular político e cultural e como uma importante ação do ponto de vista da política de inclusão educacional promovida pela sociedade civil.

A seguir, iremos conhecer o território onde se dá o CPV-Maré, importante representante deste movimento.

CAPÍTULO II

O BAIRRO MARÉ

A ocupação da Maré teve início na década de 1940 com o desenvolvimento industrial do Rio de Janeiro. Nessa época, a cidade recebeu um grande fluxo de migrantes nordestinos em busca de trabalho. A primeira comunidade ocupada pelos migrantes, sobretudo, nordestinos, foi o Morro do Timbau, por ser a única área de terra firme e, por isso, ocupável, tendo em vista que toda a área era de difícil acesso e os terrenos não se prestavam à construção, por serem pantanosos ou não urbanizados.

Assim como em diversas áreas da cidade, a ocupação por parte dos migrantes ocorreu em áreas cujos terrenos não tinham ainda sido objeto da especulação imobiliária, como os morros, encostas e pântanos da cidade, bem como em áreas cuja propriedade era duvidosa, ou pertencente à União ou a outros órgãos governamentais. A área hoje ocupada pela Maré oferecia todas as condições para este tipo de ocupação: tratava-se de área cuja propriedade era desconhecida, em boa parte, terras devolutas e terrenos da Marinha, em proximidade à área industrial, próxima ainda da Avenida Brasil, importante via de acesso à cidade.

A partir da década de 1940, a acelerada construção de barracos sob a Baía da Guanabara – as palafitas¹² – fez surgir as comunidades Baixa do Sapateiro e Parque Maré. As palafitas se estenderam por toda a Maré e só no início dos anos 80 foram erradicadas. A construção da Avenida Brasil - concluída em 1946 - foi determinante para a ocupação da área, que prosseguiu pela década de 50, resultando na criação das comunidades Rubens Vaz e Parque União. Pela foto a seguir, podemos visualizar a Maré daquela época.

¹² Habitações precárias suspensas sobre a lama e a água

Foto 1 - Antiga Favela do *Rala Coco* (atual Baixa do Sapateiro)



Fonte: CEASM/Rede Memória

Nos anos 60, iniciou-se novo fluxo de ocupação da Maré. Durante o governo estadual de Carlos Lacerda (1961-1965), foram realizadas obras de modernização na Zona Sul da cidade com a conseqüente erradicação de favelas e remoção de sua população para regiões distantes do município. A partir de 1960, moradores de favelas como Praia do Pinto, Morro da Formiga, Favela do Esqueleto e os desabrigados das margens do rio Faria-Timbó foram transferidos para habitações *provisórias* construídas na Maré. Daí surgiu a comunidade de Nova Holanda. A foto a seguir mostra a arquitetura inicial das casas de Nova Holanda.

Foto 2 - Comunidade de Nova Holanda na década de 1960.



Fonte: Rede Memória/CEASM

Até o início dos anos 80, a Maré das *palafitas* era símbolo da miséria nacional. Mas esse período marca também a primeira grande intervenção do Governo Federal na área: o Projeto Rio, que previa o aterro das regiões alagadas e a transferência dos moradores das palafitas para construções pré-fabricadas. São hoje as comunidades da Vila do João, Vila do Pinheiro, Conjunto Pinheiro e Conjunto Esperança.

Em 1988, foi criada a 30ª Região Administrativa (R.A.), abarcando a área da Maré. A primeira R.A. da cidade a se instalar numa favela marcou o reconhecimento da região como um bairro popular. No final dos anos 80 e início dos anos 90, a Maré recebeu mais intervenções públicas: foram construídas as habitações de Nova Maré e Bento Ribeiro Dantas, para transferência de moradores de áreas de risco da cidade, aumentando ainda mais a extensão da Maré. Em 2000, a prefeitura do Rio de Janeiro inaugura mais uma comunidade: Salsa e Merengue. Batizada assim pelos moradores

em alusão a uma telenovela da época é tida como uma extensão da Vila do Pinheiro.¹³

Atualmente, a Maré encontra-se estrategicamente localizada na faixa entre a Avenida Brasil, a Linha Vermelha, a Linha Amarela e a Baía de Guanabara, portanto vizinha a áreas de ocupação institucional e industrial de grande importância. Estão próximos à Maré: a Refinaria de Petróleo de Manguinhos; o Instituto Oswaldo Cruz; a Cidade Universitária, ocupada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ; o centro comercial de Bonsucesso; o quartel de depósito da Aeronáutica; o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva - CPOR; o Centro Roberto Simonsen do SESI; o Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro; o Quartel do 24º Batalhão de Infantaria Blindada; e as áreas pertencentes à Marinha e o Mercado São Sebastião. A seguir, a foto 3 nos permite visualizar a amplitude e localização da Maré:

Foto 3 - Vista aérea da Maré 1



Fonte: Wéllen Lyrio/Observatório Social da Maré/CEASM

¹³ Texto extraído do site institucional do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré: www.ceasm.com.br.

A região da Maré, portanto, se estende a vários bairros da Região da Leopoldina, iniciando-se próxima ao Caju, seguindo por Manguinhos, Bonsucesso, Ramos e Penha, sempre junto à orla da Baía de Guanabara e à Avenida Brasil. Em 1994, toda essa região foi agregada e recebeu da Prefeitura do Rio de Janeiro o *status* de bairro, composto por 16 comunidades entre as áreas de antigas favelas que foram urbanizadas e os conjuntos habitacionais. De seu total, nove foram construídas pelo poder público. Apesar do *status* de bairro, “os moradores da Maré, na sua maioria, não reconhecem seu espaço de moradia como um bairro”¹⁴. Jailson de Souza e Silva complementa:

[...] para eles, [os moradores da Maré], seria necessária a melhoria das condições urbanas e, principalmente, uma maior consonância entre as regras da cidade e as da favela, em particular no que diz respeito às formas de intervenção da polícia e ao modo de funcionamento do comércio ilegal de drogas. Nesse caso, o bairro se coloca como um projeto, um vir a ser, que para ser materializado demanda um novo tipo de intervenção do poder público, pelo menos.

Se já é grande a dificuldade para a maioria dos moradores da Maré se reconhecer como *cidadão da Maré*, essa dificuldade se reproduz quando se refere ao reconhecimento dos mesmos como cidadão da cidade do Rio de Janeiro, do estado, do país, do mundo.

Desde o início de suas atividades, o CEASM vem desenvolvendo um trabalho de comunicação comunitária focado na figura do *cidadão mareense*, a fim de que os moradores da Maré (re)construam identidades territoriais¹⁵ e de pertencimento ao bairro. Esse trabalho educativo está em constante (re)construção e vem obtendo resultados positivos, sobretudo junto aos moradores atendidos pelos projetos. O maior instrumento de que o CEASM dispõe e que atinge um maior número de moradores é o seu jornal de bairro –

¹⁴ Depoimentos de recenseadores do “Censo Maré 2.000 – Quem somos, quanto somos e o que fazemos”. A Maré em dados: Censo 2000, CEASM, 2003.

¹⁵ Cf. Haesbaert, 1997.

“O cidadão” –, com tiragem de 20 mil exemplares mensais e distribuição gratuita.

As comunidades que compreendem o Bairro Maré são: Conjunto Esperança, Vila do João, Salsa e Merengue, Vila Pinheiros, Conjunto Pinheiros, Conjunto Bento Ribeiro Dantas, Morro do Timbau, Baixa do Sapateiro, Nova Maré, Parque Maré, Nova Holanda, Rubens Vaz, Parque União, Roquete Pinto, Praia de Ramos e Marcílio Dias.

Foto 4 - Foto aérea da Maré 2



Fonte: Francisco Valdean/Imagens do Povo/Observatório de Favelas.

Segundo o Instituto Pereira Passos, dentre os bairros do município do Rio de Janeiro, a Maré ocupa o 123º lugar no ranking do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Dito de outra forma, a Maré é o terceiro pior Índice de Desenvolvimento Humano do município, com renda per capita de R\$ 187,25.¹⁶ No que concerne ao trabalho infantil, 2% das crianças entre 10 e 14 anos, residentes na Maré, exercem alguma atividade de trabalho – para um

¹⁶ Fonte: Instituto Pereira Passos (IPP).

índice de 0,6% para o município do Rio de Janeiro.¹⁷ Considerado o maior complexo de favelas do país e a maior concentração de população de baixa renda do município do Rio de Janeiro e do Brasil, a Maré totaliza 132.176 pessoas, abrigadas em 38.273 domicílios.

Apesar de representar apenas 2,26% da população do município do Rio de Janeiro, se o bairro da Maré recebesse o *status* de município, ocuparia a 17ª posição em termos populacionais do Estado do Rio de Janeiro e poderia ter a representação política de 19 vereadores, segundo a emenda constitucional aprovada em 2002 para municípios entre 100 mil e 250 mil habitantes.

A seguir, o Mapa 1 nos permite visualizar a localização e distribuição das comunidades na Maré.

¹⁷ Fonte: Censo Maré 2000. Quem somos? Quantos somos? O que fazemos? CEASM, 2000.

comércio intenso e diversificado e pelo número de instituições governamentais e não-governamentais existentes, como podemos observar na tabela 2 a seguir:

Tabela 3
Quadro de Instituições da Maré

Instituições	Quantidade
Instituições Educacionais Comunitárias e Públicas	26
Instituições Governamentais de serviços diversos	14
Instituições Não Governamentais de Serviços Diversos	13
Instituições de Saúde	11
Instituições Comunitárias	18
Instituições Religiosas	68
Instituições Privadas de Ensino Profissionalizante	1
Outras Instituições	7
Total	158

Fonte: Observatório Social da Maré/CEASM.

Cabe salientar que as instituições foram quantificadas a partir de suas unidades físicas, ou seja, as instituições que possuem unidades em locais e comunidades diferentes foram quantificadas de acordo com o seu número de espaços. Como exemplo, há o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM), com três unidades; o Viva Rio, com duas, Fundação Leão XIII, com duas; o Centro Municipal de Atendimento Integrado (CEMASI), com três unidades, dentre outras. Como se pode observar, o número de instituições existentes na Maré é muito significativo. Destaca-se o elevado quantitativo de instituições religiosas, em sua grande maioria, igrejas pentecostais e neopentecostais.

Porém, todo esse universo institucional é ainda bastante insuficiente para o total de moradores e de demandas existentes. Os serviços públicos

funcionam com precariedade e poucos recursos, contribuindo para o aumento, cada vez maior, de iniciativas locais e comunitárias.

A existência de 16 escolas públicas não garante o acesso total da população em idade escolar à educação gratuita. O estudo realizado pelo CEASM identificou cerca de 1.200 crianças de 7 a 14 anos fora da escola e, aproximadamente, 13.000 adultos acima de 14 anos, analfabetos. No que se refere ao aumento de escolaridade, o acesso ao ensino médio é muito precário, tendo em vista que, das dezesseis escolas públicas existentes, apenas duas oferecem ensino médio. Assim, a grande maioria dos estudantes da Maré que conclui o ensino fundamental é obrigada a continuar os estudos fora da Maré, o que, muitas vezes, inviabiliza a continuidade.

Se a dificuldades para o ingresso no ensino médio é muito grande, para o ensino superior ela aumenta em proporções muito superiores. Na década de 1990, a Maré tinha apenas 0,6% de moradores com diploma de ensino superior. Atualmente esse percentual aumentou para 1,85%, devido ao acesso facilitado às universidades privadas através da concessão de bolsas e preços mais baixos e ao trabalho desenvolvido pelo CEASM através do curso pré-vestibular, que já aprovou cerca de 404 alunos para universidades públicas e privadas¹⁸.

A ausência de escolas públicas técnicas e profissionalizantes faz com que os jovens tenham poucas opções de formação gratuita. Essas são demandas importantes, tendo em vista que na Maré há apenas um espaço do Serviço Social da Indústria (SESI)/Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), e que a grande maioria da população da Maré, em geral, desenvolve atividades com baixa qualificação profissional.

Assim como nos demais espaços populares e áreas pobres da cidade, o acesso a lazer e a bens culturais é muito restrito ou inexistente. Essa também é uma demanda importante dos moradores da Maré, tendo em vista que sua população jovem é muito grande: 18,8% de sua população têm entre 15 e 24 anos de idade e 9,6% tem entre 10 e 14 anos. (IBGE, 2000) e que as poucas

¹⁸ Este quantitativo baseia-se nas listagens de aprovados emitidas pelo CEASM, no levantamento realizado pelo Observatório Social da Maré e nos depoimentos de alguns ex-alunos do CPV-Maré, com os quais tenho contato freqüente.

opções culturais e de lazer são (re)criadas pelos próprios moradores, como é o caso da Casa de Cultura da Maré, grupos de dança, grupos ligados à cultura negra, grupos de hip-hop, bandas de rock, grupos de pagode, grupos de samba, grupos de teatro, dentre outros, existentes em todo o bairro.

Podemos constatar, então, que o aumento de escolaridade, a formação profissional e o acesso ao lazer e a bens culturais são atualmente as maiores demandas dos moradores da Maré. Apesar de todas as conquistas dos moradores da Maré, no que se refere à qualidade urbana, – por isso o título de bairro –, permanece no imaginário da cidade a Maré miserável da época das palafitas, sabiamente cantada por Herbert Viana na música *Alagados*. Mais recentemente, a Maré tem sido identificada como uma das áreas mais violentas da cidade, sendo freqüentemente estampada nos jornais e na mídia em geral, como a região da *Faixa de Gaza*, em referência à área de ocorrência de conflitos entre judeus e palestinos. Segundo a mídia, a *Faixa de Gaza carioca* compreenderia as áreas das linhas Vermelha e Amarela, que cortam a Maré, em referência aos conflitos entre facções criminosas rivais que disputam domínio de territórios na área da Maré.

A forma como esse problema – que atinge toda a cidade – é tratado reforça a visão estereotipada sobre os moradores dos espaços populares, na qual a favela é sempre identificada como o lugar da *carência*, onde falta tudo, inclusive lei, e seus moradores como *necessitados* e/ou *potencialmente criminosos*. A mídia reforça essa visão, à medida que retrata as favelas de maneira muito limitada, veiculando manchetes sensacionalistas e ignorando outras possibilidades de percepção dos espaços populares e de seus moradores. Percepções que também são ignoradas pelo poder público e pela sociedade em geral e passam pelo reconhecimento desses espaços como adversos. Obscurecem-se, assim, a vida social e um cotidiano rico, nos quais seus moradores desenvolveram estratégias de persistir e resistir a tais adversidades, que passam pelo esforço pessoal, mas também pela cooperação e esforço coletivo.

Dentre as estratégias de resistência e persistência, destacam-se as ações coletivas. Não é só a Maré violenta que tem o que dizer à cidade a respeito de sua própria vida. O trabalho de diversos grupos da sociedade civil

organizada tem tido um importante papel no desenvolvimento da Maré, principalmente as iniciativas dos próprios moradores e/ou ex-moradores. O CEASM é um exemplo de organização e de luta de seus moradores, como veremos a seguir.

2.1: O Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM)

A criação do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré e, por conseguinte, de seu primeiro projeto, o Curso Pré-Vestibular Comunitário da Maré, no ano de 1998, insere-se no contexto de surgimento de uma nova face dos movimentos sociais com preocupações mais pontuais, como, por exemplo, os movimentos ambientalistas, homossexuais e os relacionados à educação, onde a questão da cidadania ocupa um lugar central. A década de 1990 configura as Organizações Não-Governamentais (ONGs) como representantes principais desse movimento.¹⁹

[...] inclusive por seus efeitos estruturantes, [a categoria ONG] foi sendo usada para designar subconjuntos de organizações (como ambientalistas, de negros, mulheres, povos indígenas, portadores de HIV, etc.) que, embora variadas, ocupam posições análogas no campo político e social e possuem características comuns, como por exemplo: são de origem recente; e ligadas em grande parte a movimentos sociais, compreendendo-se como tal também os relacionados à criação de novas identidades e à defesa de direitos específicos ou difusos [...]. (LANDIM: 1998:31).

Na Maré não foi diferente. A grande maioria das ONGs existentes também surgiram na década de 1990, com processos de mobilizações pontuais. As demandas da *primeira geração*²⁰, da década de 1980, como: água, luz, esgoto, escolas, dentre outras, continuaram sendo buscadas

¹⁹ Sobre o surgimento de ONGs ver Landim, 1998.

²⁰ Termo usado por Eliana Sousa e Jailson de Souza e Silva em entrevista concedida a Elionalva Sousa Silva, em 07/03/2005 e 23/03/2005, respectivamente. Ambos são integrantes do núcleo fundador do CEASM.

prioritariamente pelas associações e organizações de moradores. As demandas buscadas pelas ONGs eram de outra natureza. Tinham o caráter mais subjetivo, mais qualitativo, não mais voltado para a sobrevivência, mas sim, para a existência, tendo como centro a aquisição de bens educacionais, culturais e de valores identitários, como afirma Gohn (2001:86)

O cenário da mobilização e organização da sociedade civil também mudou substancialmente nos anos 90. Os movimentos que resistiram estão colocando ações mais defensivas do que reivindicativas e adquirindo também outra natureza, atuando mais no plano da cultura, na busca de valores identitários, no plano da moral, do que no plano econômico.

E ainda, Eliana Sousa, em entrevista concedida a autora em 2004, complementa: “As comunidades populares têm que ter água, esgoto, etc, isto é o básico, que a gente não deveria precisar lutar para ter isso. Agora, há um conjunto de demandas que a gente precisa saber trabalhar e que podem levar a uma outra consciência sobre a vida das pessoas”.

Em relação ao conjunto de instituições locais, havia somente a atuação das associações de moradores, das igrejas, algumas instituições governamentais, como a Fundação Leão XIII, escolas públicas, dentre outras e algumas “organizações não governamentais de fora, financiadas por agências estrangeiras, devido à hostilidade inicial contra os militares”. (CARVALHO, 2003, p. 8)²¹

Tais instituições, em sua grande maioria, eram/são compostas por técnicos com pouco ou nenhum conhecimento das comunidades e com visões limitadas sobre o cotidiano de seus moradores. Em sua maioria, viam – e ainda vêem – nesses espaços, a possibilidade de desenvolvimento de ações de natureza caritativa, filantrópica ou orientada por uma lógica clientelista.

Porém, o contexto político nacional e local possibilitou o surgimento de novas instituições locais, que traziam novos atores sociais, novas perspectivas e novas demandas, como afirma Carvalho (2003: p.8):

²¹ In: Dulce Chaves Pandolfi e Mário Grynszpan. A favela fala: depoimentos ao CPDOC. Rio de Janeiro. FGV, 2003.

Após a redemocratização do país, duas mudanças se produziram. De início, houve a aproximação entre as grandes ONGs e as administrações municipal, estadual e federal. A seguir, as comunidades descobriram que não precisavam depender das ONGs de fora e começaram a criar suas próprias organizações para captar recursos do Estado e de fontes particulares.

O CEASM foi a terceira ONG a atuar na Maré e a primeira a ser fundada exclusivamente por moradores e ex-moradores das comunidades do bairro. Além disso, o CEASM se destaca pela inserção comunitária anterior de seus integrantes, a realização de pesquisas sobre a comunidade, que pautam as ações e a gestão de grandes projetos. Essas características são os pontos diferenciais da instituição em relação às demais, sendo a principal e sempre referida fonte de legitimidade das ações desenvolvidas pelo Centro.

Foi nesse cenário e com esses referenciais que, no final de 1996, um grupo formado por quatro moradores da Maré, militantes do Partido dos Trabalhadores (PT), com nível superior e longa história de envolvimento com movimentos coletivos locais, iniciam um diálogo acerca da possibilidade de revitalização de um núcleo do PT na Maré. Era consenso entre o grupo que a participação política do PT na Maré era muito pequena e pontual, limitando-se apenas aos períodos de eleições, o que não os diferenciava de outros grupos, na relação com a comunidade.

A necessidade de realizar um trabalho permanente, consistente, orgânico, mais inserido, com a participação de pessoas que tiveram um

consciência sobre o papel e o potencial que cada um tem. Então, eu ficava pensando: eu vou morrer fazendo esse trabalho de conseguir escolas e as pessoas vão continuar pensando que tem que ter um salvador da pátria? E que a política maior é feita por políticos e que elas não têm nada a ver com isso, enfim? Como a gente pode fazer um outro trabalho em que a questão política, no sentido não partidário, de que somos seres políticos e que podemos interferir? Enfim, como a gente pode trabalhar isso?

Movidos por essas inquietações, o grupo continuou a se encontrar. A idéia de criação de um núcleo do PT diferenciado e com intervenções no campo da educação, sobretudo política, evoluiu para a criação de uma Organização Não Governamental. Fundada em 15 de agosto de 1997, a ONG recebeu por nome, a sigla CEASM, que, “inicialmente, não agradava ao grupo por ser parecido com nome de remédio e/ou doença, mas com o passar do tempo, o grupo foi se acostumando com esse nome”, nos revelou Claudia Rose, em entrevista concedida em 08 de março de 2005.

Jailson de Souza e Silva, Eliana Sousa Silva, Antonio Carlos Pinto Vieira e Claudia Rose Ribeiro da Silva compõem o núcleo Inicial do CEASM. Juntamente com Maristela do Nascimento Klem, Marcelo Pinto Vieira e mais seis convidados, compõem os sócios fundadores da instituição. Logo em seguida, Léa Sousa da Silva foi convidada a se incorporar ao grupo, tornando-se mais tarde, uma atuante diretora do centro.

O trabalho do grupo original garantiu um padrão de qualidade aos projetos desenvolvidos e a inserção diferenciada na Maré. Em pouco tempo, na avaliação de seus formuladores “o CEASM tornou-se reconhecido dentro e fora da Maré e está contribuindo para a materialização de um novo paradigma, no que concerne à criação de novos vínculos entre organizações públicas, privadas e comunitárias” (Relatório de Atividades do Centro, 2004).

A conformação do CEASM como Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré, segundo Eliana Sousa, está baseado nas seguintes percepções: **Centro**, por querer ser um espaço referencial no conjunto das favelas e não de uma comunidade apenas; **Estudos**, porque é necessário estudar e refletir sobre a realidade; **Ação**, porque não adianta só pensar, estudar, é necessário refletir sobre a realidade e propor mudanças; **Solidárias**, porque todos devem

estar incluídos e as dificuldades dos outros devem ser tratadas com generosidade e solidariedade; **Maré**, porque há uma opção radical pelo local, devido à origem de todos do grupo, que não irá se dispersar, mas sim, irá contribuir para a mudança da Maré, pois um projeto transformador na Maré terá um efeito muito grande sobre a cidade.

A cessão em regime de comodato de um amplo espaço localizado no Morro do Timbau, por um longo período, pela Associação de Moradores local, fez com que o CEASM iniciasse sua caminhada e a construção de sua sede. O local estava em estado precário, subutilizado e funcionando apenas com uma pequena escola comunitária, mantida pela associação de moradores local. Gradativamente, foi se conseguindo financiamento junto a instituições nacionais e internacionais para a construção do prédio, que hoje conta com três andares.

O conceito de Rede é a noção estruturante da dinâmica do centro. A preocupação permanente é de que as atividades sejam desenvolvidas de forma articulada, com as diferentes equipes de trabalho estabelecendo níveis variados de relações. “Objetivando uma ação ampla e integradora, vem desenvolvendo um conjunto de projetos que visam a contribuir para o acesso a novas linguagens, à formação e inserção qualificada no mercado de trabalho e a ampliação do Capital educacional, cultural, social e simbólico desse público” (Projeto de captação de recursos para o CPV-Maré: 2002). Assim, em um processo permanente, vão sendo construídas as redes sociopedagógicas, eixos do trabalho da entidade.

O sentido de redes sociopedagógicas utilizado pelo CEASM é aquele que reúne duas realidades distintas, porém imbricadas e indissociáveis, como afirma Santos (1999: 208 e segs.), isto é, de um lado, uma realidade objetiva, configurando uma infra-estrutura material, um território e os meios de comunicação que ligam os diferentes pontos de acesso entre seus nós de bifurcação ou de comunicação. De outro lado, a rede existe como realidade social, composta por pessoas, mensagens e valores.

Portanto, as redes sociopedagógicas referem-se a essa estrutura, ao mesmo tempo objetiva e subjetiva, sem centro, onde cada ponto constitui-se como convergência e disseminação de idéias e práticas sociais. Ao destacar a preponderância do dado social na constituição das redes sociopedagógicas, pode-se dizer que é o movimento imprimido pelos atores que constitui a sua força motriz. “São estes atores, articulados em diferentes campos que permitem a integração de diferentes instituições e de variadas formas materiais e imateriais de construção da rede” (Melucci, 2001).

Os conceitos de rede e de cidadania que norteiam a estrutura organizacional, bem como todas as atividades do CEASM, são orientados a partir do conceito de democracia como “participação efetiva em todos os processos decisórios da sociedade, que exige: autonomia e independência dos atores sociais, acesso a um bom nível de informação, formação política e

responsabilidade, não apenas a votação”.²²

Todas as intervenções do CEASM estão inseridas na perspectiva de ampliar a cidadania na Maré para níveis mais plenos e efetivos, tendo como eixo central, os bens culturais e educacionais. Para seus membros, o êxito de suas ações passa pela constituição de alianças com organizações internas e externas à Maré. Assim, a entidade estabeleceu uma série de vínculos com instituições privadas, da sociedade civil e do poder público. O Centro atua em parceria com escolas municipais locais, associações de moradores, postos de saúde e outras organizações da sociedade civil, universidades, institutos de pesquisa, empresas públicas e privadas, embaixadas, ONG's e outras.

A expectativa de seus formuladores é que a instituição contribua para a materialização de um novo paradigma na relação com organizações públicas, privadas e comunitárias, na perspectiva de atuar sobre as mazelas sociais, econômicas, culturais e educacionais que dominam nossa sociedade, particularmente, as comunidades da Maré. Nesse sentido, seria um projeto de luta ideológica e hegemônica, na concepção de Gramsci, “travada no terreno da sociedade civil para dar ao conjunto da sociedade (ou, pelo menos, ao conjunto das classes subalternas) uma direção política, intelectual e moral”. (Mochcovitch, 1988, p. 27)

Durante o ano de 1998, o CEASM desenvolveu três projetos: curso pré-vestibular, Núcleo de Línguas da Maré (NELM), que oferecia cursos de Inglês, Espanhol e Francês, através de uma parceria com a Faculdade de Letras da UFRJ e a Rede de Atendimento Local (RAL), que fazia a mediação entre a Light e os moradores da Maré, através de um trabalho educativo sobre o uso racional de energia elétrica e de encaminhamentos de demandas de ambas as partes.

Os resultados positivos obtidos pelo pré-vestibular e a capacidade de articulação e proposição do grupo, aliados à repercussão positiva da tese de doutoramento de Jailson de Souza chamaram a atenção da imprensa, possibilitando a ampliação e a diversidade dos projetos, para os campos da

²² Texto apresentado no Encontro de coordenadores de projetos do CEASM, realizado em 2003.

cultura e da comunicação. Em 1999, o CEASM já contava com nove projetos: Pré-Vestibular; Núcleo de Línguas; Programa de Criança; Cursos de Informática; Oficinas Culturais (capoeira, dança e artes); Jornal O cidadão; Rede de Atendimento Local (RAL-Maré), Curso de Monitores para Museus e Curso Preparatório para o Ensino Médio. O Curso Preparatório para o Ensino Médio prepara jovens para as provas de acesso ao Ensino Médio em escolas públicas de excelência, como os Colégios Pedro II e os Colégios de Aplicação, vinculados às universidades, e para as Escolas Técnicas.

O Jornal *O Cidadão* é um jornal de bairro mensal, com tiragem de 20.000 exemplares distribuídos gratuitamente aos moradores da Maré. Sua proposta de comunicação comunitária utiliza a informação como instrumento agregador da cultura, tradições, histórias e memórias locais, constituindo-se no principal canal de interlocução do CEASM com os moradores da Maré e entre as comunidades. Além disso, aposta na perspectiva de formação dos moradores para trabalharem com comunicação comunitária.

O Programa Criança na Maré é um projeto desenvolvido com recursos da Petrobrás, em algumas escolas públicas locais. São oficinas educativas e culturais de artes plásticas, música, dança, desenho, leitura e produção de texto, hip-hop, dentre outras, realizadas em horários extras escolares, destinadas à complementação do processo escolar de crianças e adolescentes da Maré, bem como, facilitar o acesso a novos bens culturais.

O curso de monitores de museus foi um projeto desenvolvido em parceria com o Museu da Vida, localizado dentro da Fundação Oswaldo Cruz, importante instituição vizinha do CEASM. Após o curso, em 2001, os adolescentes atuaram como monitores no próprio museu. A partir de então, o projeto foi redesenhado e a parceria inviabilizada.

O desejo de atingir o maior número possível de moradores da Maré foi sempre uma constante, desde os encontros antecedentes à fundação do centro. No ano de 2000, através de sua participação no Projeto Multissetorial

de Políticas Sociais da Maré²³, esse desejo pôde se materializado em mais nove comunidades da Maré.

Foram implantadas duas turmas de pré-vestibular, oito turmas de alfabetização de jovens e adultos, dez turmas de Ensino Fundamental e 2 turmas de Ensino Médio, que funcionaram apenas durante o ano de 2000. Para as turmas de ensino fundamental e médio foi feita uma parceria com o centro Educacional de Niterói, que fornecia as apostilas, aplicava as provas e certificava os alunos. Também estavam vinculados ao Projeto Multissetorial de Políticas Sociais para a Maré os projetos: Adolescentro, Rede Trabalho-Educação da Maré (RETEM), Memória da Maré e o Censo Maré, vinculado ao Observatório Social da Maré.

A Rede Trabalho-Educação da Maré (RETEM) é um projeto no campo da geração de trabalho e renda, articulado aos projetos de memória, pesquisa e educação, materializada em diversas oficinas profissionalizantes de vídeo, fotografia e produção gráfica-editorial. Em 2004, houve algumas reformulações do projeto, que desde então, passou a se chamar *Oficina de Imagem e Comunicação* (OIC).

O Adolescentro é um projeto que se propõe a promover a atenção integral à saúde do adolescente da Maré, através da formação de jovens multiplicadores em promoção de saúde, que desenvolvem diversas atividades na Maré, como campanhas de saúde e vacinação, feira de ciências, apresentações de grupo teatral, dentre outras.

A idéia de resgatar, sistematizar, valorizar e divulgar a memória local sempre esteve presente nas metas de atuação do grupo. Somente em 2000, com o apoio financeiro dos recursos do Projeto Multissetorial da Maré, o programa toma fôlego. A Rede de Memória “objetiva resgatar e registrar as práticas cotidianas locais, a organização de acervo iconográfico, documental e biográfico da história da região, bem como funcionar como um centro receptor, produtor e difusor de material sobre o bairro Maré”. Sua atuação se estende à

²³ O Projeto Multissetorial Integrado de Políticas Sociais para a Maré estava inserido no conjunto de ações desenvolvidas pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, através da secretaria Municipal do Trabalho, em parceria com o Banco Nacional de Desenvolvimento Social (BNDES) e instituições locais, que visava a promover o desenvolvimento local integrado da Maré.

catalogação e preservação dos documentos e materiais doados por moradores e instituições, palestras e oficinas sobre a história de ocupação da Maré, grupo de contadores de histórias, dentre outras.

O Censo Maré 2000: Quem somos? Quantos somos? O que fazemos? Foi o projeto mais importante da instituição, devido à sua dimensão e necessidade. Essa iniciativa, pioneira no Brasil, vem subsidiando as intervenções sociais realizadas posteriormente na Maré pelo CEASM e pelo poder público, sendo consultado por moradores e profissionais que atuam na Maré e pesquisadores em geral. Segundo seus organizadores,

O Censo foi bem mais longe do que a simples quantificação do número de moradores locais. O conjunto de informações coletadas, que gerou a construção do maior banco de dados do país sobre um conjunto de favelas, permite a produção de iniciativas variadas, como o planejamento da ação pública, a realização de análises densas sobre as práticas sociais locais e, não menos importante a avaliação e o monitoramento das transformações efetivadas pelos diversos atores no espaço local. Pela primeira vez, enfim, torna-se possível fazer Política Pública de forma global na Maré, definindo-se os objetivos, construindo-se os meios e avaliando-se os resultados.²⁴

Além das ações já mencionadas, duas novas ações engordaram o volume de projetos do centro. Ao Curso Preparatório para o Ensino Médio foi agregado o Curso Preparatório para a 5ª Série do ensino fundamental. A entrada nesse segmento de ensino caracteriza-se por ser um gargalo do Ensino Fundamental. As características diferenciadas em relação ao primeiro segmento, tais como aumento de disciplinas e de professores, aliada a uma maior exigência sobre os estudantes, faz com que o índice de reprovação na 5ª série seja significativamente alto. O Objetivo do preparatório também é facilitar o acesso a escolas públicas de qualidade. Em ambos os cursos, os professores são, em sua grande maioria, alunos egressos do CPV-Maré. E ainda, o Corpo de Dança da Maré inicia sua trajetória de sucesso e reconhecimento.

²⁴ Extraído do Caderno Censo Maré 2000: Quem somos?, Quantos somos?, O que fazemos? CEASM, 2003

Realizado entre 2000 e 2002, o Corpo de Dança da Maré era fruto de uma parceria com o Projeto *Mãe Gentil*, desenvolvido pela Escola de Dança do coreógrafo Ivaldo Bertazzo e com apoio financeiro da Petrobrás. O Projeto reunia 64 adolescentes e jovens, oriundos de Oficinas do Programa de Criança. No ano de 2001, o espetáculo produzido, *Folias Guanabara*, foi citado como um dos 10 melhores espetáculos apresentados no Rio de Janeiro, teve temporada em cartaz também nas cidades de Salvador e São Paulo. O espetáculo produzido para 2002, *Dança das Marés*, enfocou a temática da passagem da infância para a adolescência, retratando espaços físicos e existenciais de jovens moradores de comunidades populares.

Atualmente, o Corpo de Dança da Maré caminha como uma das atividades desenvolvidas pela Escola de Dança, que funciona na Casa de Cultura da Maré. Alguns de seus integrantes atuam também como monitores de oficinas de corpo e de dança, oferecidas aos moradores da Maré. Mais adiante trataremos sobre esse espaço de concentração de atividades culturais do CEASM.

A Rede de informática também aumentou sua atuação com o desenvolvimento do InforMaré, projeto de capacitação desenvolvido em parceria com a Comunidade Solidária, voltado para a inserção no mercado de trabalho, no qual os jovens recebiam noções de cidadania, história da Maré, língua portuguesa e redação, inglês, raciocínio lógico, saúde, ética profissional e informática. Esse projeto foi realizado nos anos de 2000 e 2002.

Como podemos observar, o CEASM, em 2000, dá o seu grande salto institucional e se consolida como a principal instituição não governamental local. Seu acelerado processo de expansão, – de oito ações, o centro salta para 18 – provoca impacto no conjunto de moradores e instituições locais. A repercussão de sua experiência bem-sucedida de organização, de seriedade, de realização e, sobretudo, de inovação, continua extrapolando os limites da Maré, sendo destaque na imprensa em geral e recebendo a visita de muitas instituições, pesquisadores e estudiosos. No ano de 2001, o CEASM reduziu o número de projetos para doze.

Em 2002, o CEASM conseguiu consolidar sua atuação para além do Morro do Timbau. Com a cessão de alguns galpões da Fundação Leão XIII em

Nova Holanda, pelo governo do Estado do Rio de Janeiro e do apoio da CARE Brasil para a realização da reforma do prédio e para o desenvolvimento de um programa intitulado: *Nova Onda na Maré: Programa Integrado de Combate à desigualdade e à Pobreza*, o CEASM inaugura seu segundo núcleo na Maré, em 21 de agosto de 2002, possibilitando a inserção de pessoas que tinham receio em freqüentar o espaço do Morro, tendo em vista os constantes conflitos entre facções criminosas rivais.

Com a conquista do espaço em Nova Holanda e o volume de projetos e demandas, mais duas pessoas foram incorporadas à diretoria do CEASM: Edson Diniz, professor de geografia do Curso Pré-vestibular e Lourenço César, ex-aluno do referido curso. Ambos são moradores da Maré e foram convidados para compor a diretoria, devido a suas ativas participações no trabalho da instituição. Este grupo permaneceu à frente da instituição até outubro de 2004, quando o modelo de gestão da instituição foi alterado. Mais adiante, falaremos sobre esta nova fase do CEASM.

Foto 6 – Sede do CEASM em Nova Holanda



Fonte: Francisco Valdean/Imagens do Povo/Observatório de Favelas

Em 2002, foi iniciado o projeto *Viver com Arte*, em parceria com o Instituto Airton Senna. Este projeto é desenvolvido em 19 instituições de 8 estados brasileiros, com o objetivo de desenvolver o potencial de crianças e jovens através de oportunidades educativas em artes. Todas as instituições utilizam metodologias e estruturas diferenciadas. No CEASM, ele é estruturado a partir de oficinas de artes plásticas, música e teatro, oferecidas a jovens entre 13 e 18 anos, residentes em Nova Holanda.

O ano de 2003 marcou a realização de projetos na área cultural. A partir da cessão de um espaço localizado em uma das ruas que dão acesso ao Morro do Timbau, o CEASM inaugurou um espaço exclusivamente destinado a diversas atividades culturais: dança, música, teatro, cinema, artes plásticas, memória, dentre outras, como já mencionado anteriormente. As expectativas da instituição é que, brevemente, funcionem nesse espaço, duas salas de cinema, ligadas ao Grupo Estação, além de um museu e um teatro.

Foto 7 – Casa de Cultura da Maré



Foto: Francisco Valdean/Imagens do Povo/Observatório de Favelas.

A idéia de ampliar o acesso a bens culturais aos moradores da Maré está presente desde o início, como mostra a ata de fundação da instituição, de 15 de agosto de 1997:

[...] para constituírem uma entidade civil sem fins lucrativos “CENTRO DE ESTUDOS E AÇÕES SOLIDÁRIAS DA MARÉ – CEASM”, com o objetivo de:

- a) Catalisar, produzir e sistematizar iniciativas que visem a estimular discursos e práticas comprometidas com o exercício da cidadania cotidiana existentes no Complexo da Maré;
- b) Subsidiar as estratégias e ações desenvolvidas por pessoas e grupos que atuam na Maré com a finalidade de fortalecer as redes sociais vinculadas ao exercício da cidadania;
- c) Oferecer oportunidades de qualificação profissional e acesso a bens culturais aos jovens da Maré, através de iniciativas tais como Curso Pré-Vestibular; Programa de alfabetização de Adultos; Núcleo de Informática; participação na produção de atividades culturais e artísticas (rádio comunitária, fotografia, teatro, música, dança, capoeira, leitura, passeios pedagógicos, acesso a línguas estrangeiras, intercâmbios culturais com outros países, como forma de ampliar o acesso a múltiplas redes sociais);
- d) Formação do Núcleo de Pesquisa e Memória do Complexo da Maré;
- e) Desenvolvimento do Programa de Pesquisa “Estratégias de (sobre) vivência dos moradores do Complexo da Maré”.

Como podemos observar na ata, o CEASM já nasce com um projeto ambicioso. Os conceitos de *cidadania* e de *Rede Social* são estruturantes de toda sua dinâmica de trabalho e são sempre enfatizados nos documentos e textos elaborados por seus representantes, como ilustram ainda os textos a seguir, extraídos do projeto de captação de recursos para o CPV-Maré (2001):

O Centro tem como pressuposto que o exercício da cidadania no Bairro Maré deve sustentar-se em um projeto abrangente e processual. Sua finalidade maior é a constituição, fortalecimento e/ou articulação de redes sociais nas quais se valorizem o papel social do morador, as ações solidárias, o respeito às diferenças e a crítica às

desigualdades sociais existentes na realidade carioca e brasileira.

[...] As redes denominadas *sociopedagógicas* buscariam incorporar novas formas de percepção e intervenção na realidade social a partir de ações cotidianas continuadas. Essas ações não se dariam necessariamente, em um espaço formal, embora tenham uma intencionalidade formativa. A preocupação permanente é de que as atividades sejam desenvolvidas de forma articulada e que os moradores da Maré tenham acesso a novos produtos culturais e educacionais, em particular as crianças, adolescentes e jovens. Mais do que oferta de serviços, todavia, a meta é que o próprio público-alvo formule e realize os produtos desenvolvidos pelo Centro. Assim, em um processo permanente, vão sendo construídas as redes sócio-pedagógicas.

Durante o ano de 2004, o CEASM desenvolveu o total de 14 projetos, Além dos já citados, iniciou-se o projeto *Nenhum a Menos: programa integrado de políticas sociais para crianças e adolescentes vulneráveis da Maré*, que realiza um trabalho de acompanhamento social e educativo a cerca de 60 famílias residentes em Nova Maré e Nova Holanda, identificadas no Censo Maré 2000, como famílias que vivem em situação de *vulnerabilidade social*, com renda per capita entre R\$30,00 e R\$50,00. As famílias são acompanhadas por técnicos das áreas de serviço social, psicologia e educação, que desenvolvem atividades de encaminhamento e acompanhamento escolar, oficinas pedagógicas, palestras, aquisição de documentos, acompanhamento social e psicológico, dentre outras coisas. Cada família também recebe mensalmente uma cesta básica de alimentos.

Os projetos do CEASM estão distribuídos em três redes sócio-pedagógicas: Educação, Comunicação e Cultura.

Rede de Educação: 1) Curso Pré-vestibular Comunitário da Maré (CPV-Maré); 2) Curso Preparatório para a 5ª série do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio; 3) Núcleo de Línguas da Maré; 4) Oficinas de Informática; 5) Programa Criança Petrobrás na Maré; 6) Observatório Social da Maré; 7) Adolescento; 8) Nenhum a Menos;

Rede de Comunicação: 9) Oficinas de Imagem e Comunicação e 10) Jornal “O Cidadão”, jornal de bairro, com 20.000 exemplares e distribuição gratuita.

Rede de Cultura: 11) Oficinas Culturais; 12) Escola de Dança da Maré; 13) Viver com Arte e 14) Programa de Resgate da História e Memória das Comunidades.

Como complemento às ações educativas, o CEASM dispõe de dois espaços que são únicos em toda a Maré: uma biblioteca e um laboratório. A Biblioteca Popular da Maré atende aos estudantes da Instituição, do ensino superior e à Comunidade em geral. A biblioteca dispõe de espaço para estudos individuais e/ou em grupo e possui um significativo acervo de livros – cerca de 5000 livros – didáticos, literários, paradidáticos, documentários, filmes, produções acadêmicas sobre a Maré, além de uma variedade de livros da área de ciências sociais. Segundo a instituição, a biblioteca registra em média a circulação de mais de 1.500 usuários mensalmente. A partir de um convênio de cooperação com a UNIRIO – Universidade do Rio de Janeiro – tornou-se campo de estágio para universitários de Arquivologia e Biblioteconomia.

O Laboratório Didático-Pedagógico Integrado possui uma grande variedade de equipamentos que possibilitam a vivência de fenômenos físicos, químicos, biológicos e matemáticos e foi criado para que os moradores da Maré pudessem estabelecer, através da experimentação, a relação entre ciência, tecnologia e cotidiano. Além de aulas práticas das disciplinas anteriormente citadas, o laboratório dispõe de um serviço de monitoria, onde dois ex-alunos do CPV dão orientações aos frequentadores. O laboratório também é aberto à comunidade.

Em 2005, novos projetos foram implantados. A grande novidade é o Curso de Ensino Médio, agregado a oficinas culturais. As aulas estão sendo realizadas no SESI e as oficinas culturais na Casa de Cultura. No segundo semestre, haverá a realização do Projeto Ponto de Cultura em parceria com o Ministério da Cultura, no qual serão organizados os documentos da Rede Memória, a fim de ampliar a consulta ao público e caminhar para a materialização do Museu da Maré.

O crescimento do CEASM, de suas ações e projetos, de colaboradores, de público atendido, de circulação de pessoas, dentre outros, apontou para a necessidade de repensar a estrutura de funcionamento do centro, avaliar o papel e a contribuição de cada colaborador e o impacto do trabalho dentro e fora da Maré, tendo em vista o tamanho, o grau de complexidade que ele assumiu, bem como, os novos problemas decorrentes deste novo quadro.

Em dezembro de 2002 a diretoria executiva do CEASM se reuniu durante dois dias em um encontro para avaliar a trajetória da instituição nos seus cinco anos de e para planejar o ano seguinte. A agenda desse encontro apontou para a necessidade de construção de outros espaços de debates e de participação na política da instituição: o Fórum de colaboradores do CEASM e o Colegiado, formado pelos coordenadores dos projetos desenvolvidos pelo centro e pela diretoria. Essas instâncias de participação coletiva viriam para *descentralizar o poder da diretoria*.

Em meados de 2003, esses espaços são instituídos durante um grande encontro institucional. O propósito era manter a prática do CEASM, desenvolver o seu trabalho, encaminhar demandas cotidianas, tratar ou explicitar seus conflitos e suas contradições, comuns aos grupos associativos e decorrentes da vivência coletiva. De responder aos desafios inerentes à participação efetiva.

Nessa perspectiva, essa nova instância de “poder institucional” nasce com a missão de mediar as tensões internas da instituição, bem como realizar o planejamento estratégico do CEASM para os próximos anos, como podemos constatar no texto extraído da proposta de reorganização da estrutura de funcionamento do CEASM e apresentado no referido encontro, realizado em meados de 2003:

[...] esse ‘Coletivo’ terá o caráter de um fórum estratégico que discutirá todas as ações políticas que envolvam as grandes questões da instituição. Deve se posicionar diante dos problemas mais complexos, formulando propostas para resolvê-los e ainda, consubstanciar e legitimar as ações de diretores e coordenadores, enfim, deve ser o lugar das principais discussões a respeito do papel social do CEASM [...] na perspectiva da participação democrática, alicerçada firmemente no poder legítimo ocupando lugar de destaque – junto ao fórum de

colaboradores – na nova estrutura que se quer delinear.

Após sete anos de existência e atuação na Maré, o CEASM viveu em meados de 2004 o início de sua primeira grande crise associativa e ideológica. O Colegiado não conseguiu relativizar o poder da diretoria, bem como aliviar as tensões decorrentes de sua bipolaridade. É eleito, então, um novo Conselho Gestor para a instituição, de caráter executivo, e a antiga diretoria torna-se um Conselho Consultivo. O discurso proclamado de que deveria haver a crescente inserção de seus colaboradores à frente da instituição, sobretudo os ex-alunos do CPV-Maré e atuais universitários, recorrente entre os idealizadores do centro, ou pelo menos, uma parte dele, é, enfim, materializado.

O processo de transição da gestão tem provocado muitas reflexões e tensões entre seus integrantes. O novo conselho gestor não conseguiu gerir a instituição de maneira satisfatória. Em agosto de 2005, todos os membros do conselho resolvem se afastar do cargo, e os membros da antiga diretoria reassumem com a perspectiva de dar continuidade aos projetos e a instituição de uma outra forma, que ainda está sendo desenhada. A expectativa é que essas tensões – das mais variadas ordens –, sejam superadas ou reordenadas de forma que outros moradores da Maré possam continuar a ter acesso aos bens culturais e educacionais oferecidos pelo centro.

Finalizo este capítulo com a expectativa de que as informações seguintes, sistematizadas e analisadas sobre o curso pré-vestibular da Maré, possam provocar reflexões e avanços metodológicos e organizacionais no curso, bem como estimular o desejo de continuidade desta importante iniciativa.

CAPÍTULO III

O CURSO PRÉ-VESTIBULAR COMUNITÁRIO DA MARÉ (CPV-MARÉ)

A existência de apenas 0,5% de moradores da Maré com ensino superior e a temática de estudos sobre *a caminhada de jovens de origem popular para a universidade*, empreendida por Jailson de Souza e Silva em seu curso de doutorado, foram fundamentais para que o núcleo inicial do CEASM iniciasse o centro pelo curso pré-vestibular comunitário. Além disso, o único pré-vestibular a que os moradores da Maré tinham acesso gratuitamente – do Sindicato dos Trabalhadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro (SNTUFRJ) –, naquele momento, estava sendo limitado apenas aos funcionários da universidade e seus familiares, vetando assim a entrada dos alunos da Maré.

Assim, o desenvolvimento de projeto que contribuísse para a entrada de jovens da Maré na universidade, através de um curso pré-vestibular comunitário, era consenso entre todos os seus fundadores, como podemos constatar a seguir em trechos de entrevistas concedidas por alguns deles:

A escolha pelo pré-vestibular foi uma escolha racional. No sentido de que, a exemplo de nós que estávamos iniciando, conseguimos ter um diferencial cultural e econômico em relação às pessoas da Maré, e a universidade tinha contribuído muito para isso. (Eliana Sousa - 07/03/2005)

O que seria a princípio a revitalização de um grupo do PT, passou a ter, então, uma outra conotação: ter um trabalho orgânico na comunidade, começando pelo que era mais viável, mais imediato, que era o pré-vestibular. (Antonio Carlos – 24/03/2005)

A idéia era que a gente tivesse uma série de intervenções no campo da educação, começando pelo pré-vestibular. Eu estava desenvolvendo uma tese no doutorado que tentava discutir por que somente alguns de nós, de origem popular, conseguem chegar à universidade. A necessidade de se criar uma rede social que permitisse a essas pessoas ampliar o

seu tempo e o seu espaço, as suas possibilidades e a crença de que era possível, era prioridade, tendo em vista que a universidade poderia possibilitar isso. (Jailson de Souza – 22/03/2005)

O primeiro projeto tinha que ser o pré-vestibular porque ali todos do grupo tinham passado pela universidade, e a maioria tinha trajetória ligada à educação. (Claudia Rose – 08/03/2005)

Começar um pré-vestibular era apenas uma das ações ou braços para se pensar e discutir a realidade educacional da Maré. Foi necessário começar por um CPV para dar condições de formação aos jovens locais, para atuarem dentro de ações na Maré. Isso era uma pedra fundamental para uma proposta mais ampla. (Lea Souza – 04/03/2005)

O período compreendido entre agosto de 1997 e fevereiro de 1998 foi suficiente para que os fundadores mobilizassem um grupo de moradores da Maré, em geral pessoas próximas aos integrantes do grupo, formadas ou em formação universitária, para atuarem como professores do curso pré-vestibular. Nesse período, também foram articuladas algumas parcerias e apoios à iniciativa.

Além do apoio da associação de moradores do Morro do Timbau, através da cessão do espaço, o CEASM teve o apoio de outro vizinho, a UFRJ, através do curso pré-vestibular desenvolvido pelo SINTUFRJ, onde Eliana Sousa havia atuado anteriormente como professora de redação. Além de colaborar com a cessão de materiais didáticos, o CPV do SINTUFRJ contribuiu na formatação da estrutura de funcionamento e de conteúdos do curso. Esse apoio foi fundamental para a implantação do CPV-Maré.

Antes da busca pelo apoio do CPV do SINTUFRJ, o núcleo fundador visitou alguns pré-vestibulares comunitários, como os da rede de pré-vestibulares para negros e carentes – PVNC, então coordenados por Frei David. A identificação de limites na estrutura e na concepção dos cursos, como o funcionamento apenas nos finais de semana, dentre outros, fez o grupo optar pelo modelo do curso

oferecido pelo SINTUFRJ, com aulas diárias e grade de conteúdos mais estruturada.

Devido ao estado precário do espaço físico, o CEASM iniciou suas atividades em fevereiro de 1998, em um espaço cedido pela Igreja Matriz Nossa Senhora dos Navegantes, funcionando precária e provisoriamente em duas salas nos fundos da igreja, com a participação de treze professores, todos moradores das comunidades locais. Como havia rotatividade de alunos, durante esse ano, passaram pelo curso o total de 188 alunos.

Na construção do seu espaço físico o CEASM contou, em um primeiro momento, com o apoio da FASE/Fundo NOVIB²⁵, da Embaixada do Canadá e de comerciantes locais. Somente em meados de 1998, após a conclusão das obras de reforma das duas primeiras salas de aulas do centro, que contou inclusive com a colaboração de alguns alunos e professores, que participaram em regime de mutirão, o CEASM mudou-se para sua sede. Este momento inicial do CEASM é lembrado com muito saudosismo por alguns de atores que participaram do início do CPV-Maré:

[...] era um trabalho muito legal porque tudo era feito através dos nossos meios próprios: com mutirão e iniciativas pessoais. Mas, tudo era muito difícil também: a gente não tinha dinheiro, não tinha contatos, enfim, era tudo muito complicado. [...] a reunião da escolha do nome da instituição foi um momento muito legal foi uma das coisas mais interessantes da minha vida, no sentido de estar construindo alguma coisa. (Antonio Carlos: 24/03/2005)

Era uma época mágica, no sentido de se estar criando uma coisa nova, que não tinha na Maré. Era mágico. Você estava num prédio em ruínas, querendo mudar o mundo e a Maré através de uma proposta de pré-vestibular e a gente acreditava nisso. A gente tinha uma utopia e um vínculo de esperança e ilusão. Isso era o nosso motor. (Lea Souza, professora de literatura: 04/03/2005).

²⁵ Organização Holandesa para a Cooperação Internacional de Desenvolvimento de Projetos e Desenvolvimento Institucional.

Como mencionado anteriormente, o CPV-Maré iniciou suas atividades com um corpo docente e discente formado apenas por moradores das comunidades locais. A alta taxa de aprovação dos alunos nos exames de vestibular de 1998 – cerca de 40% dos alunos que freqüentaram o curso até o final do ano letivo –, mostrou as possibilidades da iniciativa e sua relevância social.

As deficiências de conteúdos apresentadas pelos alunos do CPV, aliada à demanda por vagas, materializada em uma lista de espera, e a evasão de muitos alunos orientou a abertura de uma turma, destinada à complementação do ensino médio. Essa turma extra acabou se tornando uma turma de pré-vestibular de caráter intensivo.

Desde a sua implantação, a demanda por vagas sempre foi maior que a oferta, tornando-se necessária a realização de uma prova de seleção, com conteúdos de língua portuguesa, matemática, redação e conhecimentos gerais de acontecimentos atuais. O local de moradia e a idade são critérios que determinam a classificação dos candidatos. A fim de atender a essa demanda, no ano seguinte – 1999 –, o número de turmas foi ampliado, para quatro turmas. Passaram pelo curso durante esse ano o total de 355 alunos.

Os recursos para a manutenção das turmas de 1998 e 1999 eram provenientes apenas do apoio da Light, que garantia a remuneração dos professores; e da contribuição dos alunos, que deveria garantir a produção dos materiais didáticos. O quantitativo de alunos que colaboram vem reduzindo a cada ano, em oposição à melhoria da estrutura física e logística do CEASM. Segundo Rodrigo Siqueira, coordenador atual do CPV-Maré, tal relação está baseada na crença dos alunos de que *a instituição não precisaria de contribuição*. O trabalho de sensibilização para que os alunos percebam a necessidade e importância de colaborar, a fim de que a instituição não fique refém do apoio de seus parceiros, garantindo-se, assim, a continuidade do curso é uma luta constante da instituição. Atualmente os alunos contribuem mensalmente com R\$ 30,00.

No ano de 2000, através da articulação com o Projeto Multissetorial de Política Sociais da Maré, já mencionado anteriormente, duas turmas de pré-

vestibular foram implantadas fora de seu espaço físico, em mais duas comunidades da Maré: Nova Holanda e Praia de Ramos, funcionando em escolas públicas locais, onde outro projeto do CEASM – Programa de Criança Petrobras na Maré – já atuava, totalizando seis turmas. Passaram pelo curso durante esse ano, 526 alunos. Durante o ano de 2000, o CPV-Maré contou com o apoio da Light e da Secretaria Municipal do Trabalho.

Em 2001, não foi possível permanecer com turmas em três comunidades. A turma da Praia de Ramos foi extinta, e o quantitativo de turmas em Nova Holanda foi aumentado. As aulas continuaram sendo realizadas no espaço físico da escola municipal local. Assim, foram organizadas quatro turmas no Morro do Timbau e duas turmas em Nova Holanda. Passaram pelo curso durante este ano 446 alunos. As instituições parceiras foram as mesmas do ano anterior.

O histórico de militância e inserção comunitária de Eliana Sousa em Nova Holanda, comunidade onde vivera por cerca de trinta anos, juntamente com a demanda de vagas, bons resultados do CPV-Maré e os baixos indicadores sociais de Nova Holanda, apontados no Censo Maré 2000, foram determinantes para a busca de um novo espaço e a inauguração de sua segunda sede, no ano de 2002.

A inauguração do novo espaço em Nova Holanda em 2002 consolidou a atuação do CEASM em Nova Holanda. Durante esse ano, manteve-se o mesmo número de turmas: duas em Nova Holanda e quatro no Morro do Timbau. Passaram pelo curso durante este ano 458 alunos. À medida que o CEASM crescia e se estruturava, aumentava a demanda por mais vagas no CPV-Maré e nas demais atividades oferecidas pelo centro. Em pouco tempo, o CEASM em Nova Holanda foi reconhecido e legitimado pelos moradores locais, e o Pré-Vestibular tornou-se o caminho real e possível para os jovens darem continuidade aos estudos após a conclusão do ensino médio. No ano de 2003, o quantitativo de turmas permaneceu o mesmo do ano anterior: duas em Nova Holanda e quatro no Morro do Timbau. Passaram pelo curso 478 alunos.

No ano de 2004, o quantitativo de turmas em Nova Holanda foi ampliado. Foram oferecidas quatro turmas no Morro do Timbau e três em Nova Holanda. Passaram pelo curso durante este ano 530 alunos.

O curso funciona diariamente – de 2ª a sábado –, nos turnos matinal e noturno, com duração diária de quatro horas. Os alunos estudam todas as disciplinas de conteúdos exigidos nos vestibulares (Matemática, Língua Portuguesa, Geografia, História, Literatura, Redação, Biologia, Física, Química, Espanhol e Inglês), além de debaterem temas atuais e realizarem diversas atividades culturais e sociais, como teatro, cinema, rodas de leitura, dentre outras. Nos períodos do exame vestibular, há os chamados *aulões*, que reúnem todos os alunos em um mesmo espaço para a realização de uma atividade temática e multidisciplinar, com a contribuição de variadas disciplinas acerca do tema.

As turmas iniciam com cerca de sessenta alunos e, ao longo do ano, esse total vai sofrendo alterações. Não há um controle rigoroso por parte dos professores da frequência dos alunos, uma demanda identificada a partir do contato com os documentos do curso, de que trato mais adiante, quando serão feitas as considerações sobre os dados e fontes encontrados. Tal deficiência dificulta a identificação das razões da evasão dos alunos, que faz com que, no mês de setembro, as turmas sejam unificadas e reduzidas. O ano de 2004 iniciou com sete turmas e encerrou com cinco.

Entre os anos de 1998 e 2004, 2.127 alunos frequentaram o CPV-Maré. Porém, não é possível distribuir este quantitativo pelos anos de referência sem que a soma do número de alunos ultrapasse o total mencionado. Vale assinalar as duas razões que levam a esta aparente imprecisão. Uma consiste na contagem das vagas ocupadas, em anos subseqüentes, pelos 621 alunos que cursaram o CPV-Maré, em dois ou mais anos letivos. Nesse caso, o tratamento estatístico é de simples manejo.

A outra razão, no entanto, torna complexos e, em alguns casos, sem validade estatística os cálculos de médias anuais e totais, inadvertidamente oportunos na análise quantitativa desses dados. O problema decorre da

intensidade de dois fluxos simultâneos e marcantes no cotidiano do projeto: o de evasão de alunos e o de procura por vagas. Com isso, os alunos que saem são eliminados por faltas ao longo do ano, tendo suas vagas logo ocupadas por outros, que aguardam em listas de espera. Ou seja, embora se defina, anualmente, a quantidade de vagas, o número de alunos que freqüenta o curso durante o ano letivo é, quase sempre, bem superior à oferta inicial – aumenta o número de alunos, sem que haja ampliação do número de vagas.

Sobrepondo a “substituição de alunos em uma mesma vaga” e a “ocupação de vagas em anos subseqüentes pelo mesmo aluno”, fica evidente o quão difícil se faz a apresentação dos dados por médias anuais ou por totais resultantes do simples somatório ano a ano. Do mesmo modo, para qualquer comparação, análise ou tabulação, não faz sentido considerar como universo o somatório do número de alunos em cada ano: esse resultado não expressa nem o número total de alunos que freqüentaram o CPV-Maré nem o número de vagas oferecidas ao longo desses anos.

Vale assinalar ainda a distinção entre o número de aprovados e o de aprovações: entre os anos de 1999 e 2004, 355 alunos do CPV-Maré foram aprovados em um ou mais exames vestibulares para as universidades públicas e para a PUC/RJ, resultando em 477 aprovações.

Para seus idealizadores, os objetivos do CPV-Maré são tanto a aprovação do maior número possível de estudantes quanto a formação de um novo ator social, um *intelectual orgânico*, na concepção de Gramsci. Em outras palavras, um indivíduo oriundo das classes populares que, ao adquirir o saber formal, transforma-se em um agente efetivo da transformação social, capaz de articular o *saber e o sabor*, a reflexão e a vivência e, por isso mesmo, apto a produzir um processo de transformação social efetivo. No caso aqui estudado, indivíduos que passam a ter nova concepção de seu espaço – a favela – e buscam novas formas de ação para transformá-la em algo melhor, especialmente no que tange ao acesso a bens culturais e educacionais.

Para Gramsci,

[...] uma massa humana não se “distingue” e não se torna independente “por si”, sem organizar-se; e não existe organização sem intelectuais, isto é, sem organizadores e dirigentes, sem que o aspecto teórico da ligação teoria-prática se distinga concretamente em um estrato de pessoas “especializadas” na elaboração conceitual filosófica. (1981, p. 21)

Ou seja, para ele, os intelectuais orgânicos são organizadores e dirigentes que representam a união entre a teoria e a prática e trabalham sobre o bom senso, procurando elevar a consciência das massas ao nível de uma concepção de mundo coerente e homogênea. Nesse sentido, a união dos conhecimentos acadêmicos com os conhecimentos populares e a vivência cotidiana nos espaços populares assinala o ponto de partida para a formação desses intelectuais orgânicos.

Além de contribuir com a acessibilidade através do CPV-Maré, o CEASM também contribui para que seus ex-alunos permaneçam na universidade, haja vista o número de egressos do CPV-Maré – aproximadamente cinquenta universitários –, que atualmente são colaboradores do CEASM e atuam nos demais projetos desenvolvidos pela instituição.

Pelos dados do primeiro trimestre de 2005, é possível contabilizar o número de concluintes. Até março de 2005, apenas trinta e sete ex-alunos do CPV-Maré concluíram o curso de graduação. Esse quantitativo é pequeno – cerca de 30% – em relação aos 118 estudantes que ingressaram nas universidades nos anos de 1999, 2000 e 2001. A fim de tentar compreender esse fato, vamos buscar pistas nos dados coletados durante a pesquisa “O impacto da universidade na vida dos universitários da Maré”, já mencionada anteriormente. Cabe ressaltar que, dentre os alunos formados, há três mestrados. Desses, apenas um ainda reside na Maré.

3.1. O trabalho de Coleta de dados

3.1.1 As fontes de pesquisa

A) Fonte Bibliográfica

Consulta a livros e artigos científicos escritos por estudiosos de questões relativas a ações afirmativas, cidadania, ensino superior, exame vestibular, cursos pré-vestibulares comunitários, educação comunitária, políticas públicas, desigualdades sociais etc., conforme indicação bibliográfica ao final do trabalho.

B) Fonte oral

a) Realização de seis entrevistas, assim distribuídas: quatro entrevistas com membros do núcleo fundador do CEASM e duas entrevistas com coordenadores do CPV-Maré: uma, com a primeira coordenadora e outra, com um dos atuais coordenadores do curso.

b) Enquete, em contato pessoal direto ou por telefone, com 124 ex-alunos do CPV-Maré estudantes da UERJ, ingressos a partir de 2002.

A utilização de entrevistas com relatos orais foi privilegiada neste trabalho, tendo em vista a possibilidade de se pensar a história dessa iniciativa a partir da relação entre passado e presente. Isso permitirá um diálogo mais eficaz entre os diversos momentos vivenciados pelos entrevistados à frente do CEASM, sobretudo do CPV-Maré.

Considereei convincente o argumento de Meihy para definir a entrevista a partir de temáticas:

“A utilização de questões preestabelecidas permite que a narrativa se atenha à temática central e os detalhes da vida pessoal do entrevistado sejam considerados na medida em que se vinculam ao assunto proposto pelo pesquisador” (Meihy, 1998, p. 41.42).

Entre as questões pré-estabelecidas, destacam-se: descrição pessoal (nome, idade, local de moradia e de nascimento, formação, ocupação atual etc.); motivação e comprometimento com a iniciativa; histórico de inserção comunitária; formação política; relato da dinâmica inicial de implantação do projeto; expectativas em relação ao projeto e diferenças entre o projeto inicial e o projeto atual consolidado.

C) Fonte documental

ocupação; nº de moradores na residência; religião; atividades que realizam nas horas vagas; meios que utilizam para se manterem informados e preferências musicais, culturais e de lazer.

E) Outras fontes

Além de todo esse trabalho, durante os últimos dois anos, a partir do segundo semestre de 2003, venho participando de muitos encontros de pré-vestibulares comunitários organizados por integrantes do próprio movimento e por universidades. Esses encontros propiciaram o contato direto com vários representantes e lideranças dos diversos cursos existentes no Rio de Janeiro e possibilitaram o entendimento mais abrangente desse rico e importante movimento da sociedade civil organizada.

3.1.2. A construção do banco de dados

A) O estado dos registros do CPV-Maré

Desde o início das atividades do CPV-Maré, sua documentação parece não ter recebido um tratamento especial, principalmente no que se refere à sistematização dos registros das atividades desenvolvidas ao longo do projeto. Tal parecer fundamenta-se nas péssimas condições físicas em que os documentos foram encontrados, mal acondicionados, ao fundo de uma sala inadequada, onde funciona uma espécie de depósito/almojarifado do Centro.²⁶ O contato com esse material revelou um estado de deterioração acentuado. Reside aí um dos fatores que mais contribuíram para falhas verificadas na série cronológica dos registros encontrados.

²⁶ Com exceção da documentação própria do Setor Financeiro (documentos fiscais, trabalhistas e contábeis), todos os demais projetos do CEASM têm em maior ou menor grau esta dificuldade: a do arquivamento. Não por acaso, o Conselho Institucional, através de proposta e encaminhamento da Rede Memória, vem dando seguimento, desde o início de 2004, a uma parceria com especialistas e estagiários em Arquivologia da UNIRIO, cujo intuito é consolidar um método de tratamento de documentos institucionais e formar quadros do CEASM que possam executar as etapas necessárias.

A disponibilização de registros digitalizados não foi acompanhada de um sistema específico para esse fim e, por isso, também é insatisfatória. As pautas de classe, os resumos de frequência às aulas e as fichas de controle de mensalidades são centralizados na Secretaria de Projetos, tanto na do Morro do Timbau quanto na de Nova Holanda. No entanto, em meio digital, o que se dispõe destes documentos são séries incompletas, fragmentadas e, muitas vezes, não preenchidas.

Pela quantidade de amostras documentais existentes, pode-se imaginar que há uma certa eficiência imediata quanto à digitalização de registros referentes ao mês vigente. Entretanto, não se pode dizer o mesmo sobre o armazenamento. A pouca preocupação com essa tarefa pode ser bem ilustrada a partir do que acontecia até o ano passado na Secretaria da sede do Morro do Timbau e persistia, ainda este ano, na de Nova Holanda: a pauta de um mês era digitada sobre a do mês anterior, havendo apenas a substituição do período indicado no cabeçalho e a atualização da lista de alunos, excluindo e acrescentando nomes, sem qualquer obrigação de se gerar, previamente, uma cópia da planilha a ser alterada.

A compensação de toda essa prática parece repousar na quantidade de impressos que são gerados na Secretaria. São inúmeros os documentos destinados aos professores e coordenadores, para os alunos, para os murais e, destacadamente, ao setor financeiro do CEASM.

Até o ano de 2004, as pautas impressas de frequência dos alunos (correspondente ao diário de classe) passavam por visto da coordenação e seguiam para que o setor financeiro totalizasse a quantidade de aulas ministradas por cada professor. Atualmente, a coordenação envia somente um resumo e não mais o conjunto de pautas. Portanto, as pautas impressas – importante conjunto de documentos para a análise deste trabalho – vêm, por regra, sendo resumidas e transformadas em outro documento, objetivando dois levantamentos: o de controle de faltas dos alunos, que, ao longo do ano, pode resultar na sua eliminação, e o de horas/aula realizadas, para fins de pagamento dos professores. Em seguida,

passado o ano letivo, os impressos são transferidos para arquivos em desuso, como já foi dito, precariamente acondicionados e sem qualquer proteção. Em outras palavras, tanto o setor financeiro quanto, a partir deste ano, a coordenação, pouco fazem além de procurar uma pasta ou um armário para as pautas, até que, fora de uso, sigam para o depósito/almojarifado do CEASM.

Nesse contexto, sobreveio uma grave baixa no acervo documental impresso do CPV-Maré. Infiltrações e alagamentos no recinto utilizado como arquivo em desuso destruíram as pautas de 1998, boa parte das pautas dos anos de 2000 e 2001 e um pouco do ano de 2003. Os dados deste último ano, no entanto, puderam ser resgatados nos computadores. O mesmo não foi possível, por exemplo, com relação ao ano de 1998, com exceção da lista de alunos e de aprovados reconstituída a partir de um *back up* gerado por iniciativa individual de um dos fundadores da instituição. Por isso, neste trabalho, os dados relativos à frequência dos alunos estão presentes apenas os anos de 1999, 2002, 2003 e 2004.

B) A organização dos dados

O trabalho com as pautas de classe, resumos de frequência às aulas e fichas de controle de mensalidades teve início em fins de janeiro de 2005. O primeiro passo foi inventariar todo o material impresso que contivesse nomes de alunos e frequência às aulas de 1998 a 2004. Foram relacionadas as pautas mensais dos anos letivos, agrupadas por disciplina ou professor. As informações encontradas em meio impresso e em meio digital foram comparadas e, assim, dúvidas foram dirimidas. Como exemplo, cabe citar o fato de que em alguns papéis não constavam datas, ano, turma, sede etc. Uma vez identificadas a origem e a veracidade do material, os dados foram reunidos e agregados conforme o plano de tabulação.

No princípio de março de 2005, chegamos a uma planilha com 2.814 nomes, oriundos das diversas fontes documentais consultadas. Uma verificação minuciosa identificou, por exemplo, os casos em que o mesmo estudante aparecia em fontes distintas com nomes ou sobrenomes semelhantes, abreviados ou com

erros de ortografia. Todos os casos foram checados, cumprindo identificar, também, a sede, a turma, o período e a frequência efetiva do aluno, evitando, assim, a exclusão de algum registro, por engano, quando se tratasse tão somente de um homônimo. Foram desconsiderados, também, outros dois casos: de alunos que apenas se inscreveram, mas não chegaram a frequentar uma aula sequer; e daqueles que iniciaram o ano letivo seguinte a um exame vestibular prestado, enquanto aguardavam o resultado, tendo parado de frequentar após a confirmação da aprovação para a universidade.

Passo a passo, em maio de 2005, chegou-se, então, a uma relação tida como um amplo, atualizado e, até aqui, o mais correto levantamento já produzido sobre o CPV-Maré, inclusive quando comparado aos números divulgados pelo próprio CEASM. A partir desse trabalho, a instituição já se comprometeu a manter atualizado e incorporar informações a esse banco de dados, com vista à avaliação e divulgação do projeto. A lista final considera a passagem de 2.127 nomes, sendo 355 deles já aprovados para universidades públicas ou para a PUC-RJ.

As variáveis consideradas no levantamento de dados organizado com base nos documentos do CPV-Maré foram: nome do aluno; sexo; ano em que iniciou no CPV-Maré; número de anos cursados; anos em que cursou; sede, turno e turma em cada ano cursado; número de meses, em cada ano, com registro documental encontrado; número de meses, em cada ano, com frequência em pelo menos um dia do mês; situação até 2005, se aprovado ou não; ano da 1ª aprovação, quando houve e ano da 2ª aprovação, quando houve.

O levantamento foi digitado e processado em planilha do *software* Microsoft Excel 2000, na qual cada linha correspondeu às informações de um único aluno e cada coluna, a uma variável. Para geração de relatórios, a planilha foi exportada para o *software* SPSS for Windows 10.0.5, a fim de efetivar consultas e filtros em seu editor de dados. Os resultados foram tabulados em Microsoft Excel 2000.

Para se evitarem vieses que poderiam superestimar ou subestimar o número de alunos, de aprovados e de evasão, foram adotados os seguintes critérios para a tabulação:

1. Freqüência:

1.1) Foram considerados como alunos ativos do CPV-Maré todos aqueles estudantes que, conforme os documentos encontrados, tiveram presença registrada em pelo menos uma aula durante o ano.

1.2) Inscritos inativos

Aqueles que, embora o nome constasse nas listas, não freqüentaram sequer um dia do ano letivo, não foram computados como alunos. Portanto tais casos foram ignorados nas totalizações.

1.3) Em decorrência da interrupção de certas séries documentais e de outros aspectos vulneráveis dos registros, inclusive em sala de aula, a presença em pelo menos um dia do mês significou, para efeito de tabulação, que o aluno freqüentou o respectivo mês. Isso significa que os valores relativos à freqüência não indicam um quantitativo de dias com presença, mas sim, a quantidade de meses em que o aluno esteve presente em pelo menos um dia.

2. Aprovados:

Só foram considerados aprovados os alunos que obtiveram aprovação para universidade ou escola de nível superior pública ou para a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

3. Evasão por aprovação:

Aqueles que, tendo sido alunos por um ou mais anos, prestaram exame vestibular e foram aprovados, não foram considerados alunos no ano seguinte, mesmo que tenham freqüentado parcial ou integralmente o ano letivo. Isso se aplica a dois casos:

3.1) Os alunos que se inscreveram no ano subsequente ao vestibular, ainda desconhecendo o resultado que iria lhes conferir a aprovação. Iniciaram o curso e, ao obterem a confirmação da aprovação, muitas vezes em reclassificações da universidade, deixaram de freqüentar o CPV-Maré. O(s) mês(es) freqüentado(s) no ano da saída (o da aprovação) foi(ram) descartado(s) para não configurar evasão, permanecendo o aluno computado apenas no(s) ano(s) anterior(es).

3.2) Os alunos que cursaram o CPV-Maré e obtiveram aprovação para a universidade, mas por qualquer razão decidiram voltar para o curso e tentar novamente o vestibular. Neste caso, seu reingresso, mesmo tendo obtido uma nova aprovação, não foi considerado. Portanto, foi válida para a contagem somente a primeira aprovação e, por coerência, o(s) ano(s) anterior(es) a ela.

4. Aprovação precedente ao curso

Refere-se ao caso de seis alunos que estavam freqüentando o CPV-Maré, pela primeira vez, quando obtiveram a aprovação em exames de vestibular prestados antes do ingresso no curso. Como o mérito de tais aprovações não tem qualquer relação com o CPV-Maré, tais aprovações não foram computadas e nem a freqüência dos respectivos alunos. São casos classificados de forma idêntica aos alunos somente inscritos, sem freqüência.

5. Turma / Turno:

Para efeito de tabulação, nos casos em que o aluno migrou de turma ou de turno, foi eleito o critério do predomínio, isto é, foi considerada a turma ou turno cujos registros documentais indicavam a maior freqüência.

No capítulo a seguir, serão apresentados os resultados obtidos pelo CPV-Maré ao longo desses sete anos: as aprovações, os cursos e o perfil dos universitários egressos do CPV-Maré.

CAPÍTULO IV

Resultados alcançados pelo CPV-MARÉ em sete anos de curso

Os dados do CPV-Maré refletem as dificuldades enfrentadas pelos estudantes de espaços populares como a Maré. A análise de alguns resultados obtidos do projeto indica que, para uma boa parte dos alunos, esse curso corresponde a uma complementação - ou mesmo ao primeiro contato - dos conteúdos de ensino médio necessários para a aprovação no vestibular.

Como já mencionado no capítulo anterior, ao longo dos sete primeiros anos de existência, entre 1998 e 2004, o CPV-Maré teve 2.127 alunos. Vale ressaltar que foi o levantamento realizado em decorrência do presente estudo, que permitiu o cálculo desse quantitativo. Até então, o que se conhecia era o total resultante do somatório do número de alunos em cada ano. Este cálculo não levava em conta o número de alunos que cursaram por mais de um ano o CPV-Maré, o que ocasionava a multiplicidade de registro do mesmo aluno como se fossem indivíduos diferentes. De igual modo, um aluno aprovado em determinado ano era contabilizado apenas em relação àquele mesmo ano, desprezando-se o fato de ele já ter cursado os anos anteriores.

Após a verificação de todas as pautas e listagens disponíveis, foi produzida uma única lista na qual cada aluno representa um só registro. Tão somente a partir dessa base, pode-se calcular os percentuais de aprovação por ano de início do aluno e por número de anos cursados.

Assim sendo, o primeiro conjunto de dados que se expressa como caracterização do CPV-Maré consiste no número de alunos ingressos em cada ano frente ao total de alunos que freqüentaram no mesmo período. A Tabela 4, a seguir, evidencia que, desde o ano de 2001, vem sendo mantido um percentual próximo de 60% de alunos novos, enquanto os quase 40% restantes são remanescentes de anos anteriores.

Tabela 4

Número de alunos que freqüentaram e de alunos ingressos no CPV-Maré por ano letivo – 1998 a 2004

Ano de ingresso	Alunos inscritos que freqüentaram	Alunos ingressos no respectivo ano	% de alunos iniciantes no CPV-Maré em relação ao número de inscritos que freqüentaram
1998	188	188	100,0
1999	355	288	81,1
2000	526	434	82,5
2001	446	289	64,8
2002	458	287	62,7
2003	478	306	64,0
2004	530	335	63,2
Total	2.981 ²⁷	2.127	71,4

Fonte: CPV-Maré/CEASM

Nos sete anos de existência do curso, a diferença entre o número de inscrições efetivadas e o de alunos é significativa (854 inscrições). Tal diferença revela a quantidade de inscrições realizadas pelos 621 alunos que cursaram o CPV-Maré por mais de um ano.

A Tabela 5 mostra o número de alunos por quantidade de anos cursados. Sua leitura sugere a observação imediata de seus extremos: nenhum aluno frequentou os sete anos do CPV

Tabela 5

Número de alunos por quantidade de anos letivos que freqüentaram o CPV-Maré - 1998 a 2004

Anos cursados	Alunos	% sobre o total de alunos
1 ano	1.506	70,8%
2 anos	448	21,1%
3 anos	130	6,1%
4 anos	31	1,5%
5 anos	8	0,4%
6 anos	4	0,2%
7 anos	-	-
Total	2.127	100,0%

Fonte: CPV-Maré/CEASM

Como pode ser notado nos dados acima, torna-se indispensável para a caracterização do CPV-Maré e para a compreensão da representatividade do número de aprovados conhecer por quanto tempo os alunos freqüentaram o curso e desde quando eles estudaram no CPV-Maré. Portanto, para se discutirem os resultados alcançados pelo projeto é primordial o conhecimento de tais particularidades - o número de iniciantes em cada ano e de quantos anos eles cursaram - entre o universo de alunos. Somente assim é que passa a fazer sentido a apresentação de estatísticas sobre o número de aprovados.

Todavia, há uma outra dimensão a ser considerada - e de forma também privilegiada - na apresentação dos resultados de aprovação: o tempo de freqüência às aulas. Sem dúvida, o número de alunos que o curso reuniu ao longo desses anos foi fortemente influenciado por uma característica muito presente na realidade dos pré-vestibulares comunitários: a evasão. Desse modo, é fundamental distinguir o contingente de alunos que freqüentaram a maior parte do ano letivo daquele em que os alunos permaneceram, por exemplo, por menos de

um quarto do curso. A bem da verdade, em qualquer análise criteriosa, não se pode deixar de destacar, por um lado, o número de aprovados somente entre os alunos que, de fato, se apropriaram do programa do curso, sob pena de subestimar a eficiência do projeto; por outro lado, não perder de vista que a elevada taxa de evasão é também uma responsabilidade da qual os gestores do CPV-Maré não podem se eximir.

Embora só tenha sido possível o levantamento de frequência para os anos de 1999, 2002, 2003 e 2004, a Tabela 6 indica a expressiva quantidade de alunos - mais da metade - que não acompanhou o curso por um ano letivo completo.

Tabela 6

Número de alunos por quantidade de meses freqüentados ao longo do ano letivo - 1999; 2002; 2003 e 2004

Meses de freqüência	Número de alunos	% de alunos em relação ao total
De 7,5 meses em diante	582	47,9
De 5 a menos de 7,5 meses	183	15,0
De 2,5 a menos de 5 meses	240	19,7
Menos de 2,5 meses	211	17,4
Total	1.216	100,0

Fonte: CPV-Maré/CEASM

Uma vez pontuadas as principais dimensões para a caracterização do universo de alunos do CPV-Maré, as análises de resultados referentes às aprovações no vestibular tendem a ser mais abrangentes e representativas.

A simples apresentação do número de aprovados em cada temporada de vestibular não poderia traduzir de forma clara os resultados do projeto sem que fossem informados quantos anos foram necessários até que o aluno obtivesse a sua primeira aprovação e, se mais de um ano, qual foi o ano em que ele iniciou o

curso. Porém, para a melhor compreensão desses quantitativos, o mais adequado é que os dados sejam mostrados por etapas.

Desse modo, primeiramente, pode ser observado na Tabela 7 o total absoluto e percentual de alunos aprovados nos vestibulares das universidades públicas e PUC-RJ, por ano de ingresso no CPV-Maré:

Tabela 7

Número de alunos aprovados no vestibular por ano de ingresso no CPV-Maré - 1998 a 2004

Ano de ingresso	Alunos ingressos no respectivo ano	Total de aprovados	% de aprovados sobre o número de alunos ingressos
1998	188	62	33,0
1999	288	58	20,1
2000	434	52	12,0
2001	289	44	15,2
2002	287	59	20,6
2003	306	57	18,6
2004	335	23	6,9
Total	2.127	355	16,7

Fonte: CPV-Maré/CEASM

A informação mais importante entre o que é mostrado na tabela acima, sem dúvida, cabe ao percentual de 16,7% de aprovados (nos vestibulares considerados, das públicas e PUC-RJ) em relação ao número total de alunos entre 1998 e 2004. Todavia, vale lembrar que esse valor expressa uma taxa que não leva em conta a frequência dos alunos que compõem o universo e tampouco se o aluno aprovado passou no vestibular imediato ao primeiro ano de curso.

Também chamam a atenção, na mesma tabela, os percentuais anuais de aprovados relativos aos respectivos anos de ingresso do aluno. Observa-se que, de modo geral e com exceção do biênio 2002-2003, os valores tendem a decrescer quanto mais recente é o ano. Isso se deve ao fato de que vários alunos

não passam no vestibular ao término do primeiro ano de curso, mas acabam sendo aprovados em anos posteriores, como poderá ser visto adiante nas tabelas 8, 9 e 10. Assim, o percentual relativo ao ano de 1998 (33,0%) é, por coerência, bem maior que o do ano de 2004 (6,9%), já que o primeiro, além de contar com os alunos que passaram no vestibular 1999, está reforçado pelos aprovados nos vestibulares de 2000 a 2005, enquanto o último, é composto apenas por aprovados no vestibular 2005.

Porém, como já mencionado, pode-se afirmar que os resultados referentes aos anos de 2002 e 2003, respectivamente, 20,6% e 18,6%, mostram-se contraditórios à tendência de decréscimo. Portanto, é oportuna a seguinte pergunta: o que pode ter contribuído para o incremento das taxas de aprovados nesses anos? É óbvio que muitos aspectos precisam ser analisados, inclusive questões relacionadas à subjetividade do corpo discente (capacidade, melhor desempenho, assiduidade, interesse, etc.) nos referidos anos, mas o principal fator responsável por esse aumento no número de aprovados parece ter sido a implementação da política de cotas no processo seletivo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, que beneficiou os alunos a partir do ano de 2002. Como poderá ser visto na Tabela 18, nos vestibulares 2003 e 2004 foram obtidas, entre alunos do CPV-Maré, 84 aprovações para a UERJ, enquanto nos dois anos anteriores à reserva de cotas, vestibulares 2001 e 2002, contabilizou-se apenas 17 aprovações.

Retornando à questão da distribuição dos aprovados por número de anos cursados, as tabelas 8; 9; 10 e 11 revelam mais detalhadamente o histórico.

Tabela 8

Número de alunos e de alunos aprovados por quantidade de anos letivos que freqüentaram o CPV-Maré - 1998 a 2004

Ano de ingresso	Alunos ingressos no respectivo ano	Total de aprovados	% de aprovados sobre o número de alunos ingressos
1998	188	62	33,0
1999	288	58	20,1
2000	434	52	12,0
2001	289	44	15,2
2002	287	59	20,6
2003	306	57	18,6
2004	335	23	6,9
Total	2.127	355	16,7

Fonte: CPV-Maré/CEASM

A Tabela 8 confirma um previsível aumento do percentual de aprovados, à medida que se considera a repetição do curso: 12,8% de aprovados entre os que cursaram apenas um ano; 26,1%, entre os de dois anos; e 30,0%, entre os de três. Porém, a partir do quarto ano de curso, os dados revelam que o percentual declina, indicando que a essa altura, repetir o curso já não é o fator predominante para a aprovação dos alunos remanescentes.

A Tabela 9, abaixo, vai ao encontro dessa afirmativa, mostrando que basta contabilizar o contingente de alunos que cursaram até três anos, ou seja, incluindo os que cursaram um ou dois anos, e percebe-se que o percentual de aprovados não sofre alteração a partir do terceiro ano de curso.

Tabela 9

Frequências acumuladas absoluta e relativa de alunos e de alunos aprovados por quantidade de anos letivos que frequentaram o CPV-Maré - 1998 a 2004

Anos cursados	Frequência acumulada de alunos	Frequência relativa acumulada de alunos	Frequência acumulada de aprovados	Frequência relativa acumulada de aprovados
Apenas 1 ano	1.506	70,8%	193	12,8%
Até 2 anos	1.954	91,9%	310	15,9%
Até 3 anos	2.084	98,0%	349	16,7%
Até 4 anos	2.115	99,4%	354	16,7%
Até 5 anos	2.123	99,8%	355	16,7%
Até 6 anos	2.127	100,0%	355	16,7%
Até 7 anos	2.127	100,0%	355	16,7%

Fonte: CPV-Maré/CEASM

Percebe-se, através da Tabela 10, que 54,4% dos alunos aprovados cursaram o CPV-Maré por apenas um ano. A princípio, esse percentual denota um resultado expressivo. Por outro lado, os dados revelam, também, que quase a metade (45,6%) dos aprovados necessitou cursá-lo por mais de um ano.

Tabela 10

Número absoluto e frequência relativa de alunos aprovados por quantidade de anos letivos que freqüentaram o CPV-Maré - 1998 a 2004

Anos cursados	Aprovados	% de aprovados sobre o total de aprovados
1 ano	193	54,3
2 anos	117	33,0
3 anos	39	11,0
4 anos	5	1,4
5 anos	1	0,3
6 anos	0	0
7 anos	-	-
Total	355	100,0

Fonte: CPV-Maré/CEASM

Como já discutido no início desse capítulo, outra contagem importante para a compreensão dos resultados do projeto diz respeito ao número de alunos aprovados no vestibular imediato ao ano de ingresso no CPV-Maré. A Tabela 11 apresenta esses números. Observando-a, juntamente com o Gráfico 1, nota-se que os anos de 2000 e 2001 refletem uma queda percentual de alunos aprovados no vestibular imediato ao ano de ingresso em relação ao total de ingressos no ano, traduzindo-se nos dois piores resultados anuais do CPV-Maré, em se tratando de alunos que o cursaram pela primeira vez.

Tabela 11

Número de alunos aprovados no vestibular imediato ao ano de ingresso no CPV-Maré e nos vestibulares seguintes por ano de ingresso no CPV-Maré - 1998 a 2004

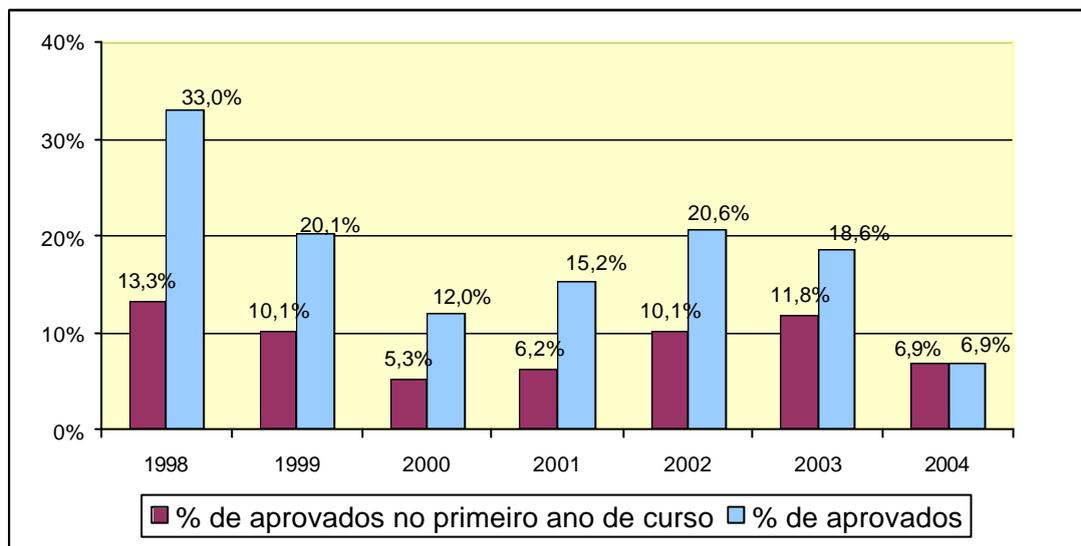
Ano de ingresso	Total de alunos ingressos	Aprovados			% de aprovados no vestibular imediato em relação ao total de alunos ingressos
		Total	No vestibular imediato	Nos vestibulares dos anos seguintes	
1998	188	62	25	37	13,3%
1999	288	58	29	29	10,1%
2000	434	52	23	29	5,3%
2001	289	44	18	26	6,2%
2002	287	59	29	30	10,1%
2003	306	57	36	21	11,8%
2004	335	23	23	-	6,9%
Total	2.127	355	183	172	8,6%

Fonte: CPV-Maré/CEASM

Mas a explicação para tal acontecimento, certamente, não se encontra em uma só razão. Nesses anos, não houve qualquer mudança aparente na estrutura programática do curso ou no corpo docente. Assim, podemos especular, por exemplo, que a significativa ampliação do número de vagas, com a abertura de mais duas turmas fora do Morro do Timbau (ver Capítulo 3), tornou menos competitivo o processo seletivo, admitindo o ingresso de alunos menos preparados para as exigências do curso e dos vestibulares.

Gráfico 1

Percentual de alunos do CPV-Maré aprovados no vestibular imediatamente ao primeiro ano de curso e de alunos aprovados, segundo o ano de início no curso, por ano - 1998 a 2004



Fonte: CPV-Maré /CEASM

Outro fator que pode ter influenciado foi a criação do Exame de Qualificação da UERJ para o vestibular 2001. Na prática, essa nova modalidade segmentou o vestibular em duas etapas, sendo a inicial realizada ainda no primeiro semestre do ano. Se levamos em conta que o público do CPV-Maré tem, em grande parte, uma formação escolar deficitária, pode-se concluir que menos de um semestre não é suficiente para a preparação desses alunos.

Concorre também a mudança no modelo de prova da UFRJ ocorrida no mesmo ano, tornando-a predominantemente discursiva. Para alunos pouco familiarizados com as estratégias de preparação para o vestibular - que muitas escolas privadas, mais intensamente que as públicas, adotam desde o primeiro ano do Ensino Médio - o modelo discursivo pode ter sido um complicador, principalmente se houve alguma demora do curso em responder a tal demanda.

Mais à frente, ao se tratar das aprovações, essas duas últimas hipóteses serão retomadas. Por ora, cabe assinalar que a recuperação das taxas de aprovação a partir do vestibular 2003 (para alunos que cursaram em 2002) pode

estar ligada, como já dito, à reserva de cotas na UERJ e, é claro, ao planejamento do curso diante das novas exigências.

Voltando à Tabela 11, observa-se que o total percentual de alunos que obtiveram aprovação no vestibular imediato ao seu primeiro ano de ingresso (183 alunos) em relação ao total de alunos (2.127) é de 8,6%. Este valor difere do mostrado nas tabelas 8 e 9, de 12,8%, que expressa o percentual de alunos que foram aprovados, tendo cursado o CPV-Maré por um único ano em relação ao total de alunos que o cursaram apenas uma vez (1.506).

Além das diferentes informações que essas duas contagens apontam, cabe considerar ainda outro aspecto: quase sempre os alunos aprovados em vestibulares não imediatos repetiram o CPV-Maré, isto é, tornaram a cursá-lo, além do ano de ingresso. A Tabela 12 mostra que, dos 172 alunos aprovados em vestibulares não imediatos ao ano de ingresso, 162 fizeram parte do CPV-Maré, no mínimo, por mais um ano ITw os.

Como se pode notar na Tabela 12, apenas 5,8% do total de alunos (10 em 172 casos) foram aprovados em vestibulares não imediatos ao do ano de ingresso sem tornarem a cursar o CPV-Maré. Retornando à Tabela 8, pode-se verificar que dos 1.506 alunos que cursaram o CPV-Maré por somente um ano, 1.313 alunos não obtiveram aprovação até o vestibular 2005. Embora não se saiba quantos deles prestaram exame vestibular posteriormente, esse é um número bastante elevado diante do fato de que, com tantos vestibulandos em potencial, apenas 10 alunos tenham obtido aprovação nos anos seguintes. Essa comparação torna evidente a importância desse curso na preparação dos estudantes da Maré e mostra também as dificuldades do curso em viabilizar o sucesso dos alunos na aprovação.

Os resultados apresentados neste capítulo, porém, não podem ser analisados sem que diversas informações sejam levadas em conta. Por determinado ponto de vista, eles podem traduzir um elevado grau de eficiência do projeto; por outro, podem anunciar o contrário. No entanto, entre os vários aspectos que podem ser abordados para a relativização dos resultados, pelo menos um deles se faz indispensável: a taxa de aprovados segundo o período de frequência ao longo do ano letivo. Conforme assinalado no início deste capítulo, há casos de evasão, de ingresso tardio ou de rápida passagem pelo curso no meio do ano. A Tabela 13 informa o contingente de alunos por quantidade de meses com registro de presença em sala de aula nos anos de 1999, 2002, 2003 e 2004 e o número de aprovados nos respectivos anos.

Tabela 13

Número de alunos aprovados no vestibular imediato conforme a quantidade de meses com registro de freqüência no ano de ingresso no CPV-Maré - 1999; 2002; 2003 e 2004

Meses de freqüência	Total de alunos	Aprovados	
		No vestibular imediato ao ano de ingresso	% em relação ao total de alunos
De 7,5 meses em diante	582	104	17,9%
De 5 a menos de 7,5 meses	183	9	4,9%
De 2,5 a menos de 5 meses	240	2	0,8%
Menos de 2,5 meses	211	2	0,9%
Total	1.216	117	9,6%

Fonte: CPV-Maré/CEASM

Antes de qualquer comentário sobre a Tabela 13, é importante justificar a necessidade de considerar, também aqui, apenas os alunos aprovados no vestibular imediato ao ano de ingresso. Por estar sendo abordada a freqüência ao longo do ano, não foi possível contabilizar a freqüência de alunos que obtiveram aprovação nos vestibulares posteriores devido à perda dos registros de determinados anos, uma vez que seria necessário somar os meses de freqüência de todos os anos cursados até a aprovação.

Assim, esclarecido o critério adotado, pode-se observar na Tabela 13 que o percentual de aprovados entre os alunos que tiveram presença em sala em pelo menos 7,5 meses do ano letivo (em geral, composto por 10 meses), foi de 17,9% para os anos apurados. Vê-se a significativa diferença - quase o dobro - entre este percentual e aquele relativo ao total de aprovados nos respectivos anos de ingresso: 9,6%. Em números absolutos, esse resultado decorre do fato de que 104 dos 117 aprovados estão na faixa mais alta de freqüência, com a ressalva de que, em se tratando apenas dessa faixa, o universo é reduzido de 1.216 alunos para 582. Cabe ressaltar que o percentual de aprovados no vestibular imediato ao ano

de ingresso nos sete primeiros anos do CPV-Maré é de 8,6% (ver Tabela 11), ou seja, menos da metade do percentual encontrado entre os que freqüentaram, no mínimo, cerca de 3/4 do curso.

A grande maioria dos alunos que procuram o CPV-Maré é oriunda da rede pública de ensino, como será visto mais adiante. Esses alunos trazem em sua experiência todos os problemas decorrentes da precariedade do ensino público brasileiro, sobretudo o de nível médio, que se constitui no maior gargalo de nosso sistema educacional. Por ser um nível intermediário, o ensino médio precisa dar respostas à ambigüidade gerada pela necessidade de se preparar para a continuidade dos estudos - para os que desejam cursar o ensino superior - e, ao mesmo tempo, para o mundo do trabalho, já que, nessa fase, a grande maioria dos estudantes pobres está buscando alternativas de renda e trabalho.

Chegar ao ensino médio na Maré, assim como em áreas urbanas e rurais periféricas, é um grande desafio. Ilustra bem essa realidade o fato de que somente três escolas da Maré oferecem o ensino médio, o que é muito pouco diante dos mais de 10 mil moradores com idade²⁸ correspondente a freqüentar esse nível. Se observados os indicadores sociais do bairro, pode-se especular que os alunos que conseguem concluir o ensino médio acabam se constituindo, do ponto de vista educacional, em uma espécie de “elite da Maré”. Tal denominação ganha contornos mais fortes quando se percebe que ter concluído esse nível representa a aspiração maior para muitas famílias e jovens da Maré. Isso se materializa no senso comum de que a instrumentalização suficiente para uma boa inserção no mercado de trabalho é adquirida com a formação no ensino médio, ainda chamado por muitos de “Segundo Grau”.

Mas nada disso significa que o ensino médio oferecido nas escolas do bairro seja de boa qualidade: grande parte dos alunos chega ao CPV-Maré com um acentuado déficit de conteúdos exigidos nos exames vestibulares. Além de faltarem escolas, faltam também professores.

Tais dificuldades são evidenciadas no modesto percentual de alunos que foram aprovados com apenas um ano de curso: 12,1% do total (ver Tabela 8). Se

considerados somente os aprovados, nota-se que não é tão significativa a diferença entre o número de alunos que cursaram o CPV-Maré uma única vez e o de alunos que só obtiveram a aprovação após a repetição do curso: entre os 355 alunos aprovados, 162 cursaram por mais de um ano, o que equivale a 45,7% dos aprovados (ver Tabela 10 e Tabela 12). Para este grupo, pouco menor que a metade do total de aprovados, bem como para os não-aprovados, o primeiro ano no curso equivaleria à complementação dos conteúdos necessários para o vestibular, e não apenas a um curso de revisão.

Outro possível indicador das dificuldades encontradas por estudantes de origem popular na seleção para o ensino superior é representado pelo número de aprovações obtidas: quase 3/4 dos alunos aprovados - 73,8% - obteve uma única aprovação (ver Tabela 14). É razoável pensar que esse fato também esteja relacionado ao valor da taxa de inscrição dos vestibulares, que, sem dúvida, significa um obstáculo para a maior parte dos estudantes de origem popular, limitando-os a prestar exame somente para as instituições nas quais conseguem obter a isenção. No entanto, cabe ressaltar que os alunos do CPV-Maré são bastante estimulados pela coordenação e pelos professores a prestar exame vestibular para várias instituições. Sendo assim, o fato da expressiva maioria dos aprovados ter obtido apenas uma aprovação também pode evidenciar o desafio que é o exame vestibular em suas trajetórias.

Tabela 14**Total de aprovações e de alunos do CPV-Maré aprovados por número de aprovações obtidas nas universidades públicas e PUC-RJ - 1998 a 2004**

Nº de aprovações individual (A)	Total de Alunos		Nº de Aprovações (AxB)
	Absoluto (B)	%	
Uma	262	73,8	262
Duas	72	20,3	144
Três	16	4,5	48
Quatro	2	0,6	8
Cinco	3	0,8	15
Total	355	100,0	477

Fonte: CPV-Maré/CEASM

Se comparadas as unidades do Morro do Timbau e de Nova Holanda, os percentuais de alunos aprovados para o vestibular não apresentam variação significativa, exceto quando considerado um ou outro ano isoladamente.

Um importante critério adotado para efeito de comparação se traduz, novamente, na delimitação da análise em torno do contingente de alunos ingressos em cada ano e do número de alunos que obteve aprovação no vestibular relativo ao ano do início. Não são raros os casos de alunos que migram de uma unidade para outra, em boa parte dos casos por conta da mudança de turno, já que o da manhã só é oferecido no Morro do Timbau. Entre aqueles que cursam mais de uma vez o CPV-Maré é ainda mais comum, de um ano para outro, a migração de unidade. Por isso, torna-se difícil e pouco preciso distinguir quantos dos 2.127 alunos que freqüentaram o CPV-Maré cursaram numa ou em outra sede. Para se chegar a uma contagem prática, levou-se em consideração a unidade de ensino predominantemente freqüentada no ano de ingresso do aluno no CPV-Maré.

Portanto, na análise a seguir, como em boa parte deste capítulo, o universo de alunos em cada ano está novamente representado pelos que ingressaram em cada ano e o de aprovados, por sua vez, por aqueles que obtiveram aprovação no vestibular imediato - por exemplo, ingresso em 1998, aprovado para 1999.

A opção por realizar a análise com base em valores relativos (percentuais) decorre da diferença do número de turmas oferecidas em cada uma das sedes, que implica quantitativos diferentes de alunos.

Além disso, outros aspectos tiveram de ser levados em conta para efeito de uma comparação rigorosa entre as sedes. Primeiro, o fato de que nos dois primeiros anos do projeto só havia turmas no Morro do Timbau, sendo iniciadas em Nova Holanda a partir do ano 2000. Depois, porque o turno da manhã só é oferecido no Morro do Timbau e teve início no segundo ano de existência do CPV-Maré. No entanto, a primeira comparação que se faz pertinente, expressa na Tabela 15, apresenta dados de 1998 a 2004, ou seja, independe do número de anos em que determinadas turmas foram oferecidas na sede ou no turno.

Tabela 15

Número de alunos, de aprovados e de aprovados no vestibular imediato ao ano de ingresso no CPV-

Tabela 16

Número de alunos, de aprovados e de aprovados no vestibular imediato ao ano de ingresso no CPV-Maré, por sede no ano de ingresso, entre 2000 e 2004.

Sede/ Turno	Alunos	Aprovados	% de aprovados	Aprovados no vestibular imediato ao ano de ingresso	% de aprovados no vestibular imediato ao ano de ingresso
Morro do Timbau / manhã e noite	1104	157	14,2	85	7,7
Nova Holanda / noite	472	70	14,8	41	8,7
Total	1576	227	14,4	126	8,0

Fonte: CPV-Maré/CEASM

Porém, uma justa comparação entre as sedes deve observar que, por haver em Nova Holanda somente o curso noturno, convém desagregar o resultado do turno da manhã, oferecido exclusivamente no Morro do Timbau.

No caso indicado na Tabela 17, que contabiliza os anos de coexistência do CPV-Maré nas duas sedes, entre 2000 e 2004, o turno da manhã obteve um resultado relativo um pouco melhor que o turno da noite da mesma sede, 9,4% e 7,1%, respectivamente, e que o turno da noite em ambas, que foi de 7,7%. No mesmo período, os alunos de Nova Holanda tiveram um resultado percentual - 8,7% - mais próximo do resultado do Morro do Timbau. Contudo a pequena diferença percentual não sugere haver uma tendência ou uma superioridade para qualquer uma das sedes ou turnos.

Tabela 17

Número de alunos, de aprovados e de aprovados no vestibular imediato ao ano de ingresso no CPV-Maré, por sede e turno no ano de ingresso, entre 2000 e 2004

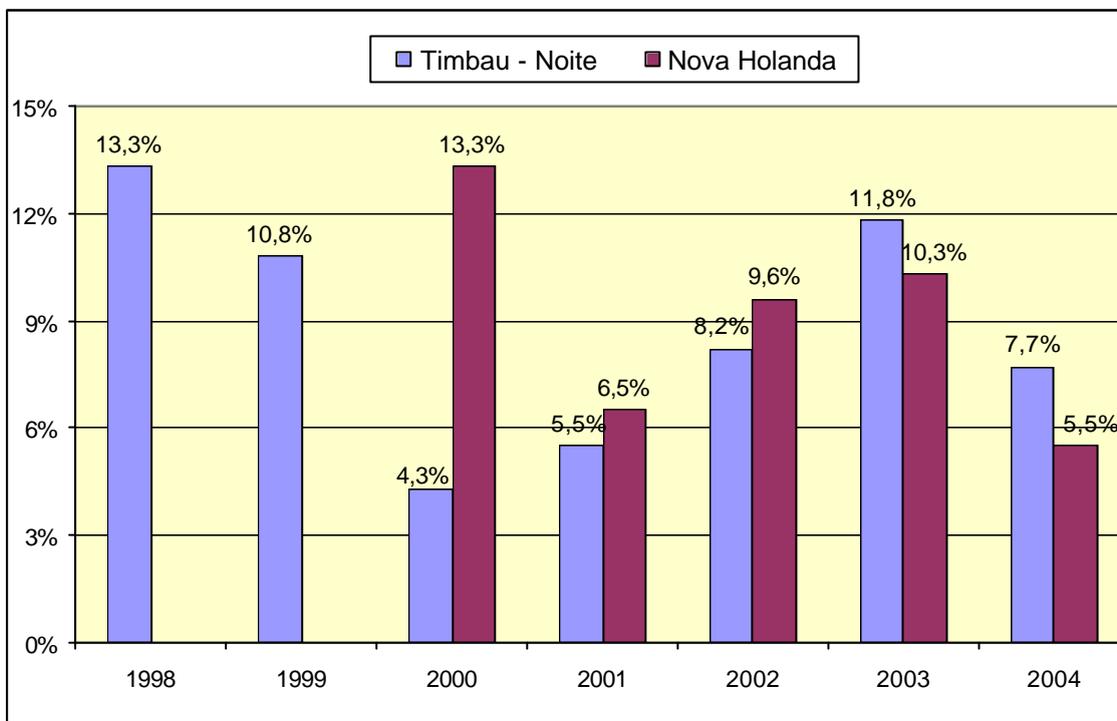
Sede/ Turno	Alunos	Aprovados	% de aprovados	Aprovados no vestibular imediato ao ano de ingresso	% de aprovados no vestibular imediato ao ano de ingresso
Morro do Timbau / noite	805	103	12,8	57	7,1
Nova Holanda / noite	472	70	14,8	41	8,7
Total – noite	1277	173	13,5	98	7,7
Morro do Timbau / manhã	299	54	18,1	28	9,4

Fonte: CPV-Maré/CEASM

O Gráfico 2, que traz a comparação ano a ano entre os cursos noturnos do Morro do Timbau e de Nova Holanda, expressa claramente esse equilíbrio e evidencia também algumas oscilações.

Gráfico 2

Percentual de aprovação dos alunos do turno noturno no mesmo ano de ingresso segundo as unidades de ensino do CPV-Maré, por ano - 1998 a 2004



Fonte: CPV-Maré/CEASM

Observa-se no Gráfico 2 que, com exceção do primeiro ano de existência do CPV-Maré em Nova Holanda, ambas as sedes têm resultados percentuais semelhantes entre os alunos do turno da noite.

O fato de Nova Holanda ter obtido no ano inaugural o maior percentual de sua história e a maior vantagem em relação ao Morro do Timbau - 13,3% contra 4,3%, talvez possa encontrar explicação em uma espécie de “demanda reprimida”. Como não havia curso nos anos anteriores, a seleção para as vagas oferecidas em 2000 pode ter sido bem mais disputada no que diz respeito à participação de alunos com maior acúmulo de conteúdos ou mais preparados para o vestibular e, conseqüentemente, como mais chances de aprovação. Nos anos posteriores, a relação entre o número de aprovados e o total de alunos declinou, mas manteve-

se aproximada na comparação entre as sedes. Cabe ressaltar que nos anos de 2000 e 2001 as taxas de aprovação no vestibular imediato ao ano de ingresso nas turmas do Morro do Timbau foram as menores de sua história, como pode ser visto no Gráfico 2. Assim, o resultado alcançado em Nova Holanda no ano de 2000 pode ser considerado bastante expressivo.

No mesmo gráfico, quando observados apenas os resultados do Morro do Timbau, percebe-se que a maior taxa de aprovação - 13,8%, a mesma de Nova Holanda no primeiro ano - aparece coincidentemente no seu ano inaugural, ou seja, em 1998. Esse percentual inicial mais elevado parece ser uma característica do ano de implantação do curso comum às duas comunidades. Entretanto o significativo resultado alcançado no ano inaugural do CPV-Maré em Nova Holanda pode ter sido o principal fator para a impressão, até hoje compartilhada por alguns colaboradores do CEASM, de que os alunos de Nova Holanda têm um aproveitamento melhor no curso.

Ao serem indagados sobre as razões de um possível diferencial de rendimento entre as sedes, nenhum dos entrevistados *arriscou* uma opinião. Mesmo porque a tabulação do quantitativo foi feita após a realização das entrevistas e, portanto, não havia elementos que pudessem confirmar ou derrubar essa impressão. O que se tinha, até então, era apenas a opinião pessoal dos integrantes do projeto acerca das diferenças comportamentais dos alunos das sedes, como mostra a fala de Rodrigo Siqueira, um dos coordenadores do curso, “os alunos de Nova Holanda participam mais das aulas e das atividades propostas. Existe algo que motiva mais os alunos de Nova Holanda, não sei o que é, mas existe”.

Portanto, ainda que os alunos de Nova Holanda aparentem maior motivação ou tenham uma participação mais efetiva nas aulas, os dados mostram que tais qualidades não se traduzem em maior taxa de aprovados nos vestibulares.

Outra frente de comparação, entre alunos dos turnos da manhã e da noite, permite constatar que a diferença entre as respectivas taxas de aprovados é muito

pequena (ver Tabelas 15 e 17). Cabe assinalar que, na turma da manhã, oferecida somente no Morro do Timbau, há alunos moradores em Nova Holanda e comunidades adjacentes, que, todavia, não chegam a predominar numericamente.

Tal proximidade das taxas de aprovados no vestibular imediato ao ano de ingresso - 9,0% de manhã, e 8,0% à noite, se incluída a turma oferecida na Praia de Ramos em 2000 (ver Tabela 15) - não coincide com a idéia de que os alunos das turmas da noite teriam o rendimento prejudicado devido às condições inerentes ao estudo noturno, como, por exemplo, as dificuldades enfrentadas pelo *trabalhador estudante*²⁹, que chega cansado à sala de aula, após longo dia de trabalho.

O termo *trabalhador estudante* foi utilizado por José Custódio em sua dissertação de mestrado. Em seu estudo, buscou detectar as relações entre as representações e imagens do mundo do trabalho e as motivações dos sujeitos em relação à educação universitária, a partir da análise de dez histórias de vida de trabalhadores adultos, egressos do SINTUFRJ, CEASM e do Instituto Palmares de Direitos Humanos (IPDH) e aprovados nos vestibulares da década de 90. Segundo ele:

[...] os trabalhadores estudantes são pressionados pelo mundo do trabalho ao estabelecerem novos critérios de representação e de imagens dos comportamentos, das qualificações, das competências, das experiências e dos graus de escolaridade mais valorizados no mercado de trabalho [...] tais pressões são vivenciadas através das insatisfações dos trabalhadores no emprego. (2001, p. 133)

A dificuldade de localização dos alunos impossibilitou a identificação da universidade que estão cursando ou cursaram. A Tabela 18 mostra o número de aprovações por instituições escolhidas.

Tabela 18**Número absoluto de aprovações nos exames vestibulares por ano segundo as instituições entre 1998 e 2004**

Ano do vestibular	UERJ	UFRJ	UNIRIO	UFF	UFRRJ	CEFET	PUC	Total	% de aprovações em relação ao total
1999	4	14	5	7	0	0	4	34	7,1
2000	8	9	33	7	1	0	4	62	13,0
2001	6	9	13	10	6	1	14	59	12,4
2002	11	13	3	6	2	0	18	53	11,1
2003	43	14	4	6	4	0	17	88	18,4
2004	41	24	7	16	1	2	16	107	22,4
2005	40	9	1	12	4	0	8	74	15,5
Total	153	92	66	64	18	3	81	477	100,0
% de aprovações em relação ao total	32,1	19,3	13,8	13,4	3,8	0,6	17,0	100,0	

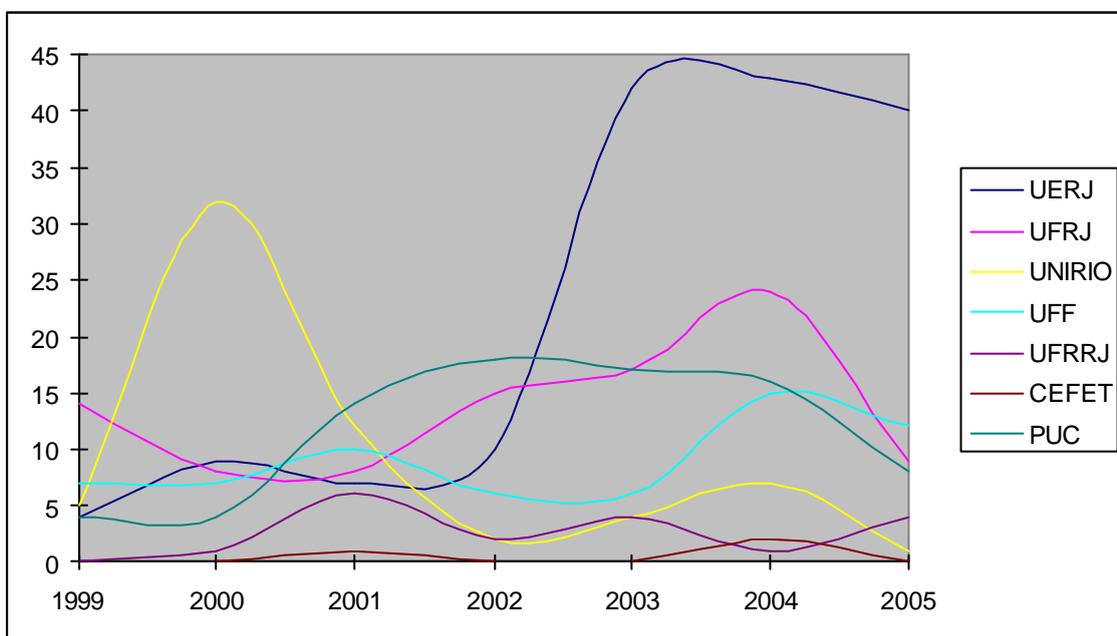
Fonte: CPV-Maré/CEASM

Observa-se que, nos anos de 2001 e 2002, o número de aprovações diminuiu - em três e seis aprovações, respectivamente. Tal queda, embora não seja acentuada em termos absolutos, é representativa, quando levamos em conta dois fatos: o aumento do número de alunos nesse período e que vários deles já estavam cursando o CPV-Maré pelo segundo e até terceiro ano consecutivos. Segundo os coordenadores do curso, foi o período necessário à adaptação às novas características dos exames vestibulares, sobretudo no da UFRJ, que alterou o modelo da prova, tornando-a predominantemente discursiva. Contudo, nota-se nesse mesmo período um incremento do número de aprovações para a PUC-RJ, decorrente do início do convênio com o CEASM. Para o ano de 2005, o

número de aprovações observadas na Tabela 18, é cerca de 30% menor. Cabe ressaltar, porém, que ao longo do ano, muitos alunos são convocados nas reclassificações. Portanto, é bem provável que o quantitativo de aprovados e de aprovações para 2005 já se encontre defasado.

Gráfico 3

Número de aprovações para as instituições de ensino por ano



Fonte: CPV-Maré/CEASM

O Gráfico 3 destaca ainda mais as variações dos dados apontados na Tabela 9. Chama a atenção a curva acentuada de aumento de aprovações para a UNIRIO no ano de 2000. Atraídos por uma relação candidato-vaga eventualmente mais favorável e orientados por um profissional do curso, que posteriormente se afastou da instituição, um número significativo de alunos buscou essa universidade, mais precisamente os cursos de biblioteconomia e de arquivologia, somando ao todo 29 aprovações. Tais alunos viam nesses cursos possibilidade

maior de acesso à universidade. Ao ser constatado esse fluxo, a coordenação e o corpo docente do CPV-Maré, não concordando com tal orientação, incluíram a pertinência da mencionada estratégia como questão a ser refletida junto aos estudantes nos anos seguintes.

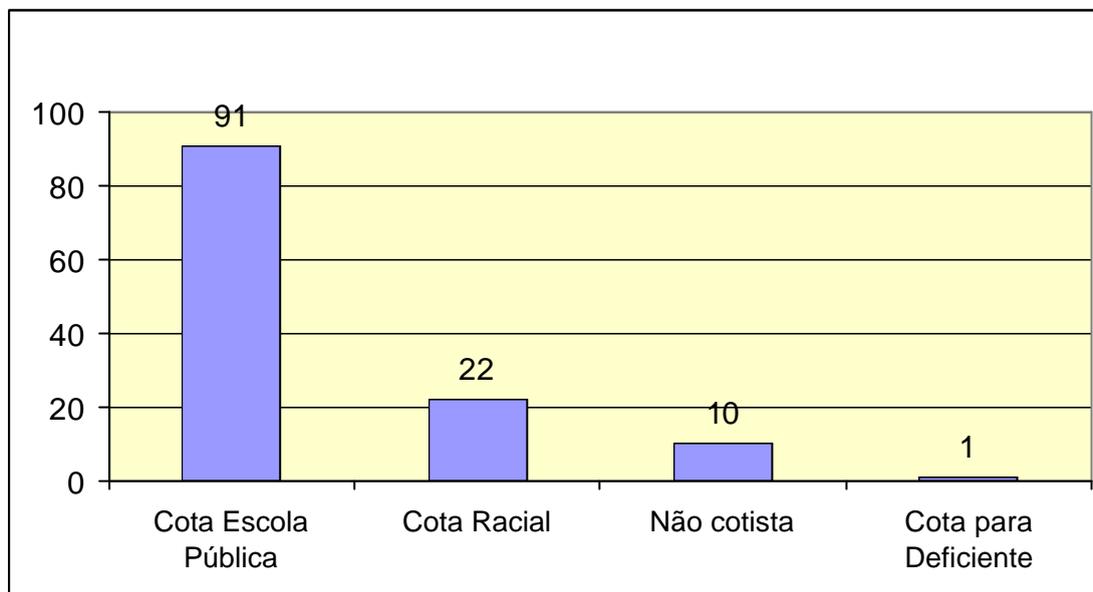
Outro fato a ser considerado na evolução do número de aprovações obtidas por alunos do CPV-Maré é o número de aprovações para a UERJ a partir de 2003. O aumento verificado - cerca de quatro vezes em relação a 2002 - está associado à política de cotas instituída por essa universidade naquele ano, o que reafirma o perfil da grande maioria dos alunos do CPV-Maré: negros e/ou pardos e egressos da rede pública de ensino, características comuns aos universitários de origem popular.

O vestibular da UERJ, por um lado, é *temido* pelos alunos por iniciar suas provas no início do ano, período em que o curso ainda está na fase inicial de suas atividades, e os alunos ainda não se encontram preparados para realizá-las, levando, inclusive, à evasão de muitos alunos, que se sentem desestimulados diante da pontuação baixa obtida na prova. Por outro, esse vestibular é cada vez mais procurado em virtude da possibilidade do beneficiamento das cotas.

Esse problema é enfrentado por todos os pré-vestibulares comunitários, e é uma temática recorrente em todos os encontros de pré-vestibulares comunitários de que participei ao longo dos últimos dois anos. Alguns pré-vestibulares, já estão adotando a estratégia de organizar os conteúdos para o período de um ano e meio. As turmas iniciam no segundo semestre e encerram no final do segundo semestre do ano seguinte. Outros pré-vestibulares afirmam que, após a iniciativa da UERJ de iniciar seu processo seletivo no início do ano, o curso ampliou o período de preparação dos alunos para dois anos. Assim, teoricamente, eles sempre estariam preparando os alunos para os exames vestibulares do ano seguinte, e as aprovações do primeiro ano de curso seriam decorrentes dos alunos que teriam conseguido dedicar mais tempo à preparação para os respectivos vestibulares.

Gráfico 4

**Alunos do CPV-Maré beneficiados pelas cotas da UERJ
em números absolutos - anos 2003 a 2005**



Fonte: CPV-Maré/CEASM

Dentre os alunos aprovados no vestibular da UERJ para os anos de 2003, 2004 e 2005, a grande maioria foi beneficiada pela política de cotas, como mostra o Gráfico 4. Alguns estudantes mostraram-se constrangidos ao serem indagados se haviam sido beneficiados pelo sistema de cotas, enquanto outros admitem ter sido essa a razão de sua aprovação. A grande maioria (73,4%) dos alunos que ingressaram na UERJ nesse período informou ter sido beneficiada apenas pela chamada cota social da rede pública. Se considerarmos a fenotipia desses estudantes, uma significativa parcela poderia receber o benefício da cota racial para afrodescendentes: 14,7% dos estudantes declararam ter sido beneficiados pela cota racial.

A política de cotas é uma temática muito pouco abordada no interior do curso. Não há um posicionamento institucional em relação a ela, assim como não há um consenso entre os profissionais envolvidos diretamente com o projeto. Há apenas algumas atividades pontuais realizadas por professores que se

autodeclaram afrodescendentes e se posicionam em relação ao tema. A cota social para alunos oriundos do ensino público parece obter mais simpatizantes, como mostra os depoimentos de Jailson de Souza (2005) e Cláudia Rose (2005), respectivamente:

[...] o CEASM nunca conseguiu de forma efetiva uma discussão, sobre ações afirmativas, mas uma coisa é unânime: todos defendem a cota para a escola pública. A cota étnica é claramente polêmica [...]

[...] em relação a isso o CEASM com certeza não definiu um lado em relação às cotas. Eu sei sim que com a implantação das cotas, é claro, o número de aprovação do CEASM aumentou porque os alunos começaram a ser orientados a se inscreverem em cotas de negros e de escolas públicas [...]

Por ser um curso pré-vestibular bastante conhecido dentro do universo dos pré-vestibulares populares, o CEASM sempre é convidado a participar de eventos e a se posicionar frente à política de cotas. Mais recentemente, em um encontro de pré-vestibulares comunitários, organizado pela PUC-Rio, dois integrantes da diretoria da instituição se posicionaram publicamente favoráveis à cota social e contra a cota racial. Segundo eles, os alunos afrodescendentes já estariam sendo contemplados na cota social, já que a grande maioria dos alunos da rede pública de ensino é negra. Os relatos a seguir ilustram a ausência de consenso sobre o tema entre seus integrantes.

[...] nas nossas discussões, nós não conseguimos chegar a um consenso sobre a questão das cotas, porque o grupo de professores tem um pensamento bastante heterogêneo sobre as cotas. Muitos são favoráveis, outros são contra, então não dá para fazer nenhum tipo de comentário expressando a opinião do curso pré-vestibular [...] (Rodrigo Siqueira, professor do CPV-Maré - 02/12/2004).

[...] isso é um debate muito incipiente no CEASM porque a gente tem uma questão, que é do grupo inicial, não é nenhuma coisa elaborada [...] a gente trabalha num território

que tem índio, preto, branco, amarelo [...] não tem um recorte de gênero, de cor. Não tem isso. Para nós é complicado porque a gente vem de uma origem onde se tem um conjunto de pessoas nordestinas com toda uma problemática social. São índios, brancos, são negros, tem muitos negros, a maioria na favela, são negros. Na Nova Holanda, 80% da população é negra. Mas você tem um cara lá ferrado, que vem da Paraíba... Então para a gente é complicado, no trabalho que a gente faz, definir: “esse pré-vestibular é para negros e carentes”. [...] a gente nunca vai trabalhar com esses recortes no CEASM [...] (Eliana Sousa, professora do CPV-Maré - 07/03/2005).

Além disso, o CEASM fez parcerias com as faculdades cariocas - UniverCidade e Angel Viana - e conseguiu cinco bolsas integrais para que integrantes do Corpo de Dança da Maré pudessem cursar o curso superior de dança nessas faculdades, como mostra a Tabela 19, a seguir:

Tabela 19
Alunos beneficiados por outras Ações Afirmativas

Ação Afirmativa	Alunos
ENEM	1
ProUni	2
Bolsa PUC	81
Bolsa Angel Viana	1
Bolsa UniverCidade	4
Total	89

Fonte: CPV-Maré/CEASM

Dentre os bolsistas da PUC, dois alunos foram beneficiados pela pontuação obtida na prova do ENEM e outros dois, pelo PROUNI, que tem como critério de seleção a nota obtida na prova do ENEM, recebendo bolsas integrais da Universidade do Grande Rio.

Cabe ressaltar a relevância que a prova do ENEM vem adquirindo no universo dos pré-vestibulares populares. A utilização do ENEM como sistema de avaliação associado ao ProUni está na agenda de todos os PVCs, “que vivem agora a oportunidade de se repensarem pedagogicamente, a fim de melhor atender à dupla e concomitante exigência de alicerçar a formação básica escolar, bem como a função propedêutica ao Ensino superior” (Carvalho; Filho e Costa, 2005, p.12).

Por ser mais democrático, espero que, gradativamente, o ENEM substitua o tradicional exame vestibular como forma de entrada na universidade. Em sua formatação atual, há muitas “armadilhas” e com isso mede-se apenas a quantidade de conteúdos acumulados, na busca por selecionar *os melhores*, que obviamente, são os alunos que tiveram acesso a boas referências culturais e educacionais.

As carreiras escolhidas pelos alunos do CPV-Maré estão, em sua grande maioria, concentradas na área das ciências humanas, sobretudo nas carreiras que também oferecem a licenciatura, como podemos ver adiante na Tabela 20. Destaca-se também o quantitativo de aprovações para as carreiras de Arquivologia e Biblioteconomia, já mencionadas anteriormente.

A concentração das escolhas na área de ciências humanas é comum a todos os pré-vestibulares comunitários. Diversos pesquisadores têm se dedicado à temática dos pré-vestibulares. Em todos os estudos aos quais tive acesso, a opção dos cursos escolhidos por seus ex-integrantes é sempre destacada como sendo, em sua grande maioria, de menor prestígio, menos competitiva na relação candidato/vagas, conforme afirma Maggie (2000):

Os novos bacharéis deste final de século não estão fazendo viagens transatlânticas, mas navegam por águas não menos

turbulentas e distantes em termos culturais e emocionais. Saem destes bairros da periferia e em ônibus e vias superlotadas e acabam chegando às universidades públicas para as aulas de cursos em carreiras não tão prestigiosas como aquelas dos bacharéis do século passado.

A cada ano, o número de universitários dos espaços descritos por Maggie vem aumentando significativamente, o que desafia a universidade a se repensar, a refletir sobre seus objetivos, seu papel, sem dúvida essencial, na construção de uma sociedade cada vez mais justa, igualitária e democrática. Ainda há muito que se avançar neste campo, visto que o ingresso na universidade não garante, por si só, a igualdade de oportunidades em uma sociedade marcadamente elitista e discriminatória.

Do ponto de vista da universidade, verifica-se uma enorme abertura intelectual devido à presença desses estudantes, portadores de outra subjetividade, movidos por outros desejos, mas que têm na busca da ascensão social através da educação a sua maior motivação. O fato é que “os benefícios sociais e econômicos que ainda resultam da obtenção de um diploma superior se evidenciam nos grandes diferenciais de renda que existem no Brasil entre os detentores de diplomas de nível superior e o restante da população” (SCHARTZMAN, 2000, p. 14).

de 1999 a 2005,

S	
Total	% em relação ao total
68	14,3
54	11,3
43	9,0
33	6,9
30	6,3
26	5,5
25	5,2
21	4,4
22	4,6
16	3,4
12	2,5
12	2,5
11	2,3
11	2,3
9	1,9
8	1,7
8	1,7
8	1,7
7	1,5
7	1,5
6	1,3
6	1,3
5	1,0
5	1,0
3	0,6
4	0,8
4	0,8
0	0
0	0
1	1

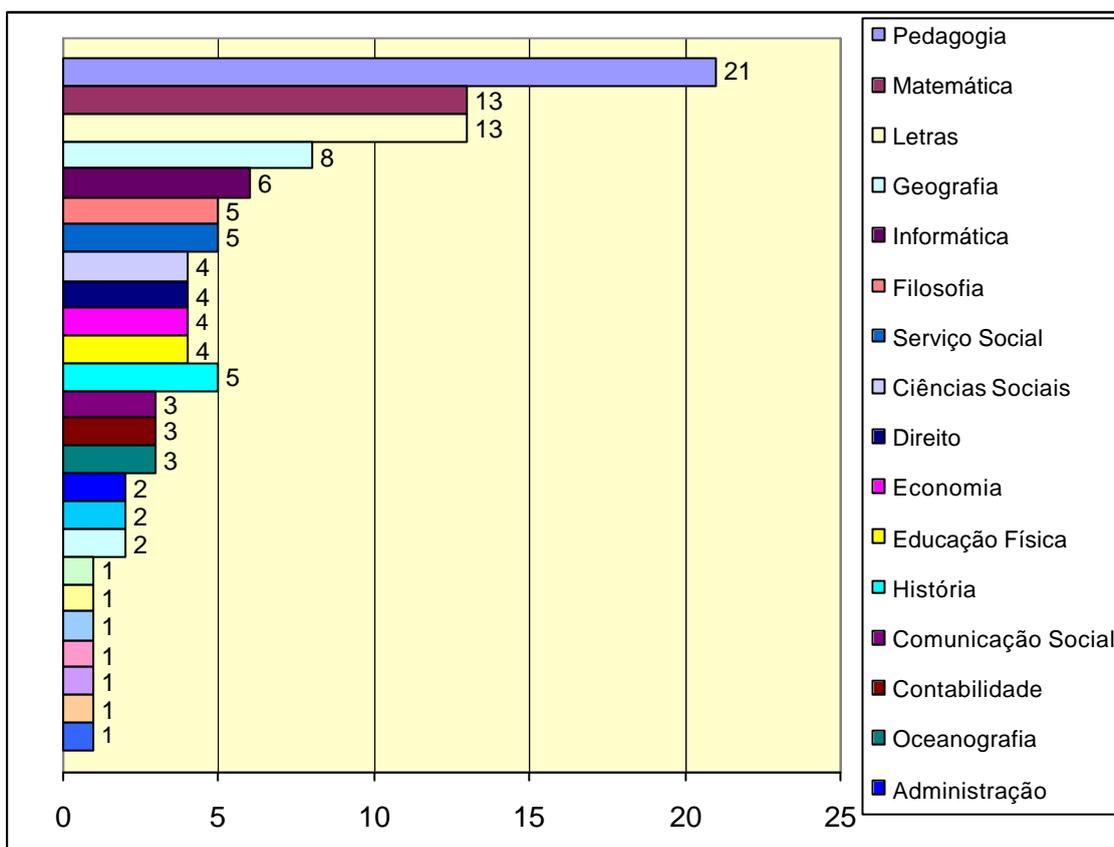
Arquitetura	0	0	0	0	1	0	0	1	0,2
Cartografia	0	0	0	0	0	0	1	1	0,2
Cenografia	0	0	0	1	0	0	0	1	0,2
Dança	0	0	0	0	0	1	0	1	0,2
Desenho Industrial	0	0	0	1	0	0	0	1	0,2
Economia Doméstica	0	0	0	1	0	0	0	1	0,2
Educação Artística	0	0	0	0	0	1	0	1	0,2
Metereologia	0	0	0	0	0	1	0	1	0,2
Rel. Internacionais	0	0	0	0	1	0	0	1	0,2
Teatro	1	0	0	0	0	0	0	1	0,2
Turismo	0	0	0	0	1	0	0	1	0,2
Total	34	62	59	54	88	106	74	477	100

Fonte: CPV-Maré/CEASM

Tanto no levantamento geral de cursos para os quais os alunos do CPV-Maré foram aprovados (ver Tabela 20) como no de cursos entre os alunos cotistas (ver Gráfico 5), percebe-se que predominam os cursos da área de ciências humanas e que os quatro primeiros escolhidos permanecem nas duas listagens. Outro dado que chama a atenção é o terceiro lugar do curso de matemática no *ranking* geral de aprovações: 43 alunos foram aprovados para um curso que tradicionalmente se apresenta como uma das maiores dificuldades encontradas pelos estudantes em geral, sobretudo dos alunos oriundos do ensino público que, entre outros fatores, sofrem com a falta de professores. Cabe ressaltar ainda que as aprovações para o curso de direito foram predominantemente para a PUC e, após a implementação do sistema de cotas, para a UERJ.

Gráfico 5

Opções de cursos dos universitários beneficiados pelo sistema de cotas anos 2003 a 2005



Fonte: CPV-Maré/CEASM

Entre os estudantes que participaram do CPV-Maré, a maioria é do sexo feminino (59,1%). No universo de estudantes aprovados nos exames vestibulares, o percentual de mulheres é um pouco inferior, mas continua predominando (53,5%). Por coerência, se compararmos o percentual de aprovados do sexo masculino e feminino em relação ao total de alunos do CPV-Maré homens e mulheres, respectivamente, verificase que o percentual de aprovados entre os homens é superior ao das mulheres. Dos 870 homens que passaram pelo CPV-Maré, 19% foram aprovados, enquanto que de um contingente de 1.257 mulheres, 15,1% foram aprovadas.

4.1. Características socioculturais dos universitários que estudaram no CPV-Maré

O perfil dos universitários da Maré será mapeado a partir dos dados da pesquisa “*O impacto da universidade na vida dos universitários da Maré*” que está sendo finalizada pelos próprios universitários da Maré, integrantes do Observatório Social da Maré (OSM), como já mencionado anteriormente.

O OSM se constituiu na forma de uma rede voltada para a formação de pesquisadores locais e para a produção de pesquisas diversas sobre a Maré e foi responsável pela elaboração e execução do *Censo Maré 2000: Quem Somos? Quantos Somos? O que fazemos?*, Um diagnóstico sociocultural, econômico e educacional da Maré e de seu entorno, que teve como meta a produção de um quadro integrado e abrangente do universo populacional do bairro e, sobretudo, das expectativas dos moradores em relação à qualidade de vida no espaço local, incluindo a questão da acessibilidade e permanência dos jovens no Ensino Superior.

De acordo com objetivos da pesquisa,

O trabalho permitirá a identificação dos universitários do Bairro Maré, a construção de seu perfil sociocultural e econômico e, posteriormente, a proposição de redes de articulação, formação e enfrentamento comum das dificuldades que se colocam em seus projetos de realização no campo educacional e profissional, sobretudo no tocante à melhoria das condições de ingresso, qualificação e permanência no ensino superior e à conclusão dos cursos universitários.

A meta da pesquisa é, a partir do cadastro de universitários que haviam estudado no CPV-Maré e da base de dados do Censo Maré, entrevistar todos os universitários moradores do bairro. O grupo optou por entrevistar inicialmente os alunos egressos do CPV-Maré, tendo em vista a facilidade de encontrá-los, já que um número significativo de ex-alunos atua nos projetos do CEASM.

A pesquisa foi iniciada em abril de 2004. O envolvimento que tive com a pesquisa se deu em dezembro do mesmo ano, ainda no período de coleta dos dados, que já vinha se estendendo havia oito meses, ocasionando problemas de ordem metodológica, tendo em vista que a pesquisa não poderia ser de caráter longitudinal, pois as informações sobre o cotidiano universitário dos estudantes são alteradas a cada seis meses, decorrente do avanço de períodos cursados. Tal limitação fez com que parte das informações coletadas até então fossem atualizadas. Feito isso, foi estipulado um prazo de cerca de dois meses para o encerramento da coleta.

Na busca de cumprir este novo calendário, a equipe me acolheu e recebeu o reforço de mais quatro universitários. Dos 408 universitários egressos do CPV-Maré identificados (incluindo os que ingressaram em instituições privadas) até então, foram localizados 235 universitários. Cabe ressaltar que alcançar o total de 355 aprovados para universidades públicas e PUC-RJ, bem como os demais que foram aprovados para outras instituições privadas, contabilizados por ocasião deste estudo, só foi possível após a aplicação do questionário da pesquisa do OSM, uma vez que vários ex-alunos do CPV-Maré já estavam cursando a universidade e o CEASM ainda não tinha conhecimento de suas aprovações.

O perfil dos universitários a seguir foi traçado a partir dos questionários aplicados junto a 193 estudantes das universidades públicas e da PUC-RJ, o que corresponde a uma amostra de 54,3% desse universo, como mostra a Tabela 21 a seguir:

Tabela 21**Instituição de ensino dos universitários entrevistados**

Universidade	Frequência	Percentual
UFRJ	53	27,5
UERJ	44	22,8
PUC-RIO	35	18,1
UNIRIO	32	16,6
UFF	24	12,4
UFRRJ	5	2,6
Total	193	100

Fonte: Observatório Social da Maré/CEASM

Na Tabela 14, pudemos constatar que 93 estudantes foram aprovados para mais de uma universidade. Por isso, a Tabela 22 a seguir mostra por quais cursos os entrevistados optaram.

Tabela 22**Curso de Ensino Superior dos egressos do CPV-Maré**

Curso	Frequência	Percentual
Pedagogia	26	13,5
Geografia	22	11,4
Arquivologia	17	8,8
Serviço Social	13	6,7
Matemática	11	5,7
Biblioteconomia	11	5,7
História	9	4,7
Ciências Sociais	7	3,7
Letras (Português-Literatura)	7	3,7
Comunicação	6	3,1
Letras (Português-Espanhol)	5	2,6
Filosofia	4	2,1
Educação Física	4	2,1

Contabilidade	4	2,1
Administração	4	2,1
Química	3	1,6
Psicologia	3	1,6
Física	3	1,6
Economia	3	1,6
Biologia	3	1,6
Informática	2	1,0
Letras (Português-Inglês)	2	1,0
Letras (Português-Francês)	2	1,0
Enfermagem	2	1,0
Direito	2	1,0
Agronomia	2	1,0
Publicidade	1	0,5
Engenharia Química	1	0,5
Engenharia de Produção	1	0,5
Engenharia Elétrica	1	0,5
Pintura	1	0,5
Nutrição	1	0,5
Interpretação teatral	1	0,5
Estatística	1	0,5
Economia	1	0,5
Desenho Industrial	1	0,5
Dança	1	0,5
Letras (Português-Italiano)	1	0,5
Letras (Português-Alemão)	1	0,5
Cenografia	1	0,5
Artes plásticas	1	0,5
Arquitetura	1	0,5
Total	193	100

Fonte: Observatório Social da Maré/CEASM

Do conjunto de 193 universitários entrevistados, a grande maioria (59,6%) não foi beneficiada pela política de bolsas acadêmicas. Dentre os beneficiados, a maior parte (24,9%) recebeu bolsa de assistência estudantil e apenas 9,3% recebeu bolsa de pesquisa. O número de universitários de origem popular que consegue participar de pesquisas acadêmicas é extremamente reduzido. É, exatamente a essa demanda que o projeto “Conexões de Saberes” busca atender.

Todo o universo de estudante ora estudado é composto por universitários egressos do CPV-Maré, mas, sobretudo, de alunos de origem popular e de trajetória escolar, majoritariamente, em escolas da rede pública de ensino. A grande maioria dos universitários cursou, integralmente, o Ensino Fundamental (78,2%) e o Ensino Médio (82,9) em escolas públicas.

Apenas 4,7% dos entrevistados moram sozinhos. A média de habitantes para cada domicílio é de 3,78. Este índice está próximo ao índice brasileiro, informado pelo IBGE em 2000, e ao índice municipal, que são de 3,75 e 3,4 moradores/domicílio, respectivamente. A grande maioria (55,8%) mora com, no mínimo, mais três pessoas. O percentual populacional dos universitários influencia diretamente a renda familiar: 25% dos entrevistados possuem renda familiar de 3 a 4 salários mínimos. E ainda, se verificarmos esse dado pela renda per capita, chegaremos ao percentual de 38,9% dos universitários que possuem renda per capita de apenas até um salário mínimo e 35,8% entre um e dois salários mínimos.

Se isolarmos apenas a renda dos universitários, verificamos que 16,6% não possuem renda e 32,6% possuem renda entre 1 e 2 salários mínimos. Dentre os que exercem atividade remunerada - 140 universitários -, 45,1% exercem atividades formais, 27,5% atividades informais e apenas 37,8% exercem atividades relacionadas às suas respectivas formações. Destaca-se o percentual (11,9%) de estudantes das mais diversas licenciaturas que atuam como educadores. Dentre os estudantes que não exercem atividades relacionadas às suas respectivas formações, destaca-se a diversidade de atividades realizadas pelos estudantes, como podemos constatar na Tabela 23 na seguir:

Tabela 23**Atividades remuneradas exercidas pelos universitários egressos do CPV-Maré**

Atividade remunerada	Freqüência
Não exerce atividade remunerada	53
Educador	23
Bolsista/ Pesquisador/Entrevistador	19
Aux. Administrativo / Aux. de escritório/ Secretária(o)	16
Comerciante/Comerciário/Operador de caixa/Vendedor	8
Militar	6
Operador de telemarketing	6
Arquivista	6
Estagiário/a	5
Assistente bibliotecário/Bibliotecário	5
Repórter comunitário	3
Técnico em eletrônica/química/controle de qualidade	3
Programador de computador/Diagramador	3
Motorista	2
Recepcionista/Atendente	2
Gráfico/Informática	2
Repositor/Empacotador/Aux. de almoxarife e estoque	2
Agente comunitário	2
Técnico/Estagiário em contabilidade	2
Administrador	2
Assistente Social	2
Dançarino/Ator	2
Arte-finalista/ Projetista	2
Coordenador de projeto	2
Cozinheiro	1
Porteiro	1
Eletricista	1

Mecânico de automóveis	1
Supervisor/Conferente/Fiscal	1
Funcionário público	1
Aeroviário	1
Fotógrafo	1
Inspetor de alunos	1
Ourives	1
Carteiro	1
Guarda Municipal	1
Quadrista	1
Editor e Operador de TV	1
Guia de Turismo	1
Total	193

Fonte: Observatório Social da Maré/CEASM

Dentre os entrevistados, 54,9% são do sexo feminino. A predominância feminina está em todo o conjunto de universidades brasileiras. Os dados do Censo do Ensino Superior 2003 permitem identificar predominância de mulheres nas matrículas (56,4%), mantendo a tendência observada desde 1995. Em números absolutos, encontram-se hoje 2.193.246 mulheres e 1.693.776 homens matriculados nos cursos presenciais de graduação. (Censo da Educação Superior 2003/INEP)

A grande maioria dos estudantes entrevistados está na faixa etária entre 20 e 29 anos (73,06%). Apenas 1,55% possui idade inferior a 20 anos e 1,06% possui idade superior a 45 anos. Metade desses alunos (50,8%) ingressaram nas universidades com idades entre 20 e 24 anos, ou seja, a grande maioria não consegue ingressar na universidade na idade tradicionalmente regular, segundo a correspondência idade/anos de estudo. (Ver Tabela 24)

Tabela 24

Idade de ingresso no ensino superior e idade atual em números absolutos e em percentual

Faixa etária atual	Idade de ingresso	%	Idade Atual	%
20 anos ou menos	29	15,0	3	1,6
20-24 anos	98	50,8	70	36,3
25-29 anos	33	17,1	71	36,8
30-34 anos	19	9,8	19	9,8
35-39 anos	9	4,7	19	9,8
40-44 anos	04	2,1	9	4,7
45 anos ou mais	1	0,5	2	1
Total	193	100,0	193	100,0

Fonte: Observatório Social da Maré/CEASM

Esta distorção idade/série não é uma característica apenas dos universitários que estudaram no CPV-Maré, mas sim da grande maioria dos estudantes de origem popular, oriundos do ensino público, independentemente do nível escolar em que está inserido. Se compararmos com os dados do Relatório do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), de 2001, essa distorção já se apresenta nos primeiros anos do ensino básico, onde 39,1% dos alunos desse nível de ensino estão em média alocados em turmas não compatíveis com sua idade. Tal distorção se dimensiona quando nos deparamos com os índices regionais: região Norte com 52,9% de distorção, região Nordeste com 57,1%, região Sudeste com 24,0%, região Sul com 21,6% e a região Centro Oeste com 38%. (BOMENY, 2002)

A grande maioria, 87% dos universitários entrevistados, é carioca, mas de origem familiar nordestina, já que a maior parte de seus responsáveis migraram de diversos estados nordestinos - 56% dos pais e 51,8% das mães. Tais percentuais

corroboram as características nordestinas de ocupação da Maré. Apesar de 66,9% dos entrevistados se autodeclararem pretos ou pardos, a Maré não possui características de ocupação de negros, comuns a muitas favelas cariocas, como a Serrinha, localizada no bairro de Madureira, que até hoje, perpetua as tradições africanas, trazidas pelos escravos, como o jongo, o makulê e a capoeira. Se destacarmos apenas os estudantes entrevistados que se autodeclararam negros, o percentual cai para 18,7%.

Segundo Ricardo Henriques (2000), essa desigualdade entre negros e não negros está presente em todos os níveis de educação, como podemos constatar a seguir:

- Analfabetismo, pessoas com mais de 15 anos de idade, são de 18,7% para negros contra 7,7% para brancos.
- No acesso à escola, na faixa de 5 a 19 anos de idade, a diferença em relação às séries concluídas são em média sete séries para os brancos e, em média, cinco séries para os negros.
- No ensino médio, em relação aos alunos que concluem, são de 6,4% negros contra 51% de brancos.
- No ensino superior do total de universitários brasileiros: 97% são brancos, sobre 2% de negros e 1% de descendentes orientais.

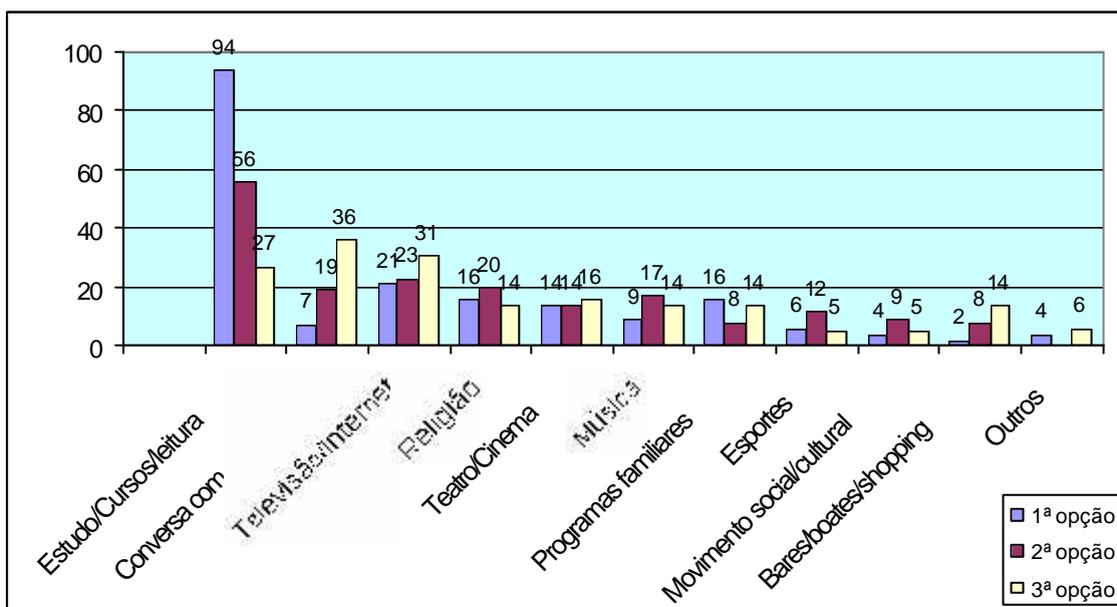
Dentre os universitários entrevistados, 80% continuam morando na Maré. Do conjunto dos que já não moram no bairro, cerca de 65% residem em bairros próximos à Maré. Os universitários que não residem mais na Maré optam por morar nos bairros localizados no entorno da Maré, como Penha, Ramos, Bonsucesso, dentre outros. Cabe salientar que, nesse grupo, possivelmente haja universitários que ainda são moradores da Maré, mas declararam ser moradores dos bairros adjacentes. Este comportamento justifica-se no não reconhecimento da Maré como bairro, tendo em vista que uma significativa parcela dos moradores da Maré não o reconhecem como tal, situação que mostra como os moradores

desenvolvem estratégias de sobrevivência. Em algumas situações como a busca por empregos, identificar-se como morador da Maré pode ser um ponto negativo. Enquanto que em outras como a busca por um benefício público pode se positivo.

Por fim, as atividades com as quais os universitários mais ocupam suas horas vagas, por ordem de importância, são atividades demandadas do curso como leitura e estudo, consecutivamente. A terceira opção mais apontada foi conversa com os amigos. Além dessas, atividades religiosas e assistir televisão foram as atividades mais recorrentes.

Gráfico 6

Atividades realizadas pelos estudantes universitários egressos do CPV-Maré nas horas vagas por ordem de importância



Fonte: Observatório Social da Maré/CEASM

Esse quadro mostra como o acesso a outros bens culturais, como o teatro, cinema, espetáculos, dentre outros, ainda está muito restrito. As opções mais indicadas pelos estudantes continuam sendo muito limitadas.

4.2. Os egressos do CPV-Maré que concluíram o Ensino Superior.

Do conjunto de universitários que estudaram no CPV-Maré em seus sete anos de existência, até março de 2005, 37 alunos (21,5%) concluíram o ensino superior, número reduzido diante dos alunos contabilizados que ingressaram nas universidades nos anos de 1999, 2000 e 2001, que é de 172 estudantes, conforme a Tabela 25. Possivelmente esse número seja maior, tendo em vista que muitos ex-alunos do curso não moram mais na Maré e por isso, não foram localizados. E ainda, alguns alunos, ainda moradores da Maré, também não foram localizados. A Tabela 25 mostra o número de alunos formados pelo ano de aprovação no vestibular:

Tabela 25

Número de estudantes egressos do CPV-Maré por ano de ingresso no ensino superior

Ano de ingresso no Ensino Superior	Alunos
1999	15
2000	21
2001	1
Total	37

Fonte: Observatório Social da Maré/CEASM

Para se chegar a esse quantitativo de 37 alunos formados, foram utilizadas as informações coletadas na pesquisa realizada pelo Observatório Social da Maré. Os demais estudantes dos respectivos anos e não entrevistados nesse momento, foram contatados por telefone e/ou e-mail, a fim de obter a confirmação da possível conclusão do curso de graduação. A Tabela 26 mostra os cursos concluídos pelos primeiros ex-alunos do CPV-Maré formados:

Tabela 26**Cursos concluídos pelos alunos egressos do CPV-Maré**

Curso	Quantidade
Arquivologia	10
Serviço Social	4
Pedagogia	4
Ciências Sociais	3
Filosofia	2
Geografia	2
Letras	3
Biblioteconomia	3
Teatro	1
História	1
Matemática	1
Biologia	1
Ciências Agrícolas	1
Administração	1
Total	37

Fonte: Observatório Social da Maré/CEASM

Dentre os alunos já formados, três alunos estão dando continuidade aos estudos, cursando Mestrado. O percentual reduzido de conclusão do curso superior - principalmente nos cursos menos competitivos das universidades públicas - acompanha uma tendência do ensino superior público no Brasil. Das turmas de 50 alunos do 1º período, menos de 40% integralizam os cursos no prazo esperado. Pode-se afirmar que entrar não significa cursar e/ou se formar, assim como se formar não quer dizer se envolver com o local de origem.

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados do CPV-Maré e do movimento dos pré-vestibulares populares são muito positivos. As ações afirmativas de acesso e/ou permanência têm tido resultados muito significativos e contribuído para a diminuição das desigualdades e, portanto, para a discriminação. Como a questão racial está intrinsecamente ligada com a social, a reserva de vagas para estudantes de escolas públicas, mas com a prioridade para os estudantes negros e indígenas parece ser o caminho mais sensato. O fato de a pessoa ser de baixa renda ou estar dentro dos critérios de etnia não significa que ela não tenha capacidade intelectual de cursar o ensino superior. O que exclui esses jovens de origem popular do processo é, além de tudo, a falta de oportunidades proporcionada por uma situação de desigualdade histórica, que poderá ser modificada a partir de políticas como essa e extinta com investimentos para melhorar os níveis educacionais que antecedem o acesso à universidade, que ainda é uma "competição".

As ações afirmativas trabalham com o conceito de igualdade de consideração, uma vez que visam à superação das desigualdades a partir de um tratamento diferenciado. O conceito de igualdade de consideração é muito utilizado por Paul Singer³⁰ e outros teóricos mundiais, que ressaltam a sua absoluta distinção da igualdade de oportunidades, baseada no conceito liberal de que todos devem ter acesso a oportunidades semelhantes. A igualdade de consideração leva em conta a situação de cada indivíduo. Desse modo, mostra-se um conceito interessante para a abordagem do tema cotas, pois aborda a questão ética das medidas afirmativas.

Sobre o Pro-Uni, é consenso que todos nós gostaríamos de ver as vagas ociosas das universidades privadas ocupadas. Agora, fazer isso através de isenção de impostos, de renúncia fiscal, parece ser um caminho equivocado, pois prejudica a base de cálculo do resto da educação. A arrecadação fiscal deveria ser utilizada na melhoria da estrutura e da qualidade da universidade pública, através da qualificação e valorização do corpo docente, infra-estrutura, pesquisas,

sistemas de avaliação dos discentes, motivação, etc. O acesso para todos é importante, significa equidade, mas não podemos esquecer a outra meta na educação, que é a qualidade, que não pode ser ameaçada. É necessário investir na educação pública, melhorar o ensino, criar outros ambientes de aprendizagem, qualificar e pagar bem os professores, aumentar o número de escolas e estimular o aluno para que possam concorrer em igualdade de condições com os das escolas privadas, em todos os níveis.

Houve grande avanço para garantir a universalização do ensino básico. Agora, é necessário buscar a qualidade desse ensino e buscar a universalização do ensino médio, que é fundamental para a cidadania, independentemente de se querer cursar o ensino superior ou não. Por isso, precisamos discutir uma reforma universitária mais ampla. Precisamos ter cursos técnicos para essa população, que, depois do ensino médio, não quer fazer universidade, quer ir para o mercado. Para os que optam por cursar o ensino superior, é necessário que sejam implementadas políticas universitárias que garantam a permanência desses estudantes nas universidades e possibilite a participação em pesquisas acadêmicas e trabalhos de extensão comunitária, a exemplo do “Programa Conexões de Saberes” que atualmente possui 350 bolsistas, todos de origem popular, moradores das periferias de todo o Brasil. A partir de abril deste ano serão 775 bolsistas.

No desenho global do Programa Conexões de Saberes, cabe aos universitários selecionados em cada instituição de ensino superior construir diagnósticos no interior de suas instituições sobre as condições socioeconômicas e pedagógicas dos alunos de origem popular e desenvolver diagnósticos sociais e ações solidárias em comunidades populares. Dessa forma, é possível a formulação de propostas voltadas para a melhoria das condições de ingresso e permanência dos alunos de origem popular na universidade pública; o fortalecimento dos vínculos identitários dos estudantes com seus espaços sociais de origem, além da aproximação dos setores populares das instituições de ensino superior, ampliando as possibilidades de encontro dos saberes destes dois espaços sociais.

O crescente movimento de cursos pré-vestibulares populares, comunitários, alternativos etc. tem dado sua contribuição para garantir a universalização. Alguns deles também têm buscado participar ativamente da luta pela melhoria da qualidade de ensino. A participação do Curso Pré-Vestibular Comunitário da Maré, nessa mobilização, ainda é muito tímida, ao contrário de sua contribuição sobre metodologia, organização e resultados, que se destaca dentro do universo dos pré-vestibulares comunitários. A participação do CEASM para a melhoria da qualidade do ensino público da Maré é destacável, haja vista a importância do Programa de Criança, que atua nas escolas públicas locais. O objetivo maior desse Programa é o desenvolvimento das crianças numa perspectiva mais global, construindo, através da parceria com a escola pública, uma proposta que possibilite um enriquecimento do espaço educativo, garantindo não só a permanência dessas crianças na escola, mas uma interferência na qualidade dessa permanência. Através do programa, educadores das mais diversas áreas de expressão oferecem aos alunos do ensino público, através de oficinas, o exercício de novas linguagens, como teatro, expressão corporal, dança, capoeira, leitura e escrita (oficina da palavra), música, informática, idiomas, artes plásticas, hip-hop e desenho em quadrinhos, educação ambiental, [que fomentam um vínculo maior e mais produtivo com a multiplicidade das práticas culturais na sociedade]³¹.

Além disso, o CEASM liderou uma campanha para a implantação na Maré de uma escola técnica, chegando, inclusive, a conseguir a doação do espaço físico por empresário. Até o momento, a Maré continua com um número muito reduzido de escolas públicas de ensino médio e a luta pela escola técnica continua. Ainda não há projeto do governo estadual e/ou federal.

A despeito das conquistas, do expressivo número de jovens que procurou o CEASM confirmando a importância do Programa para a comunidade, são muitas as dificuldades e grandes os desafios que o CPV-Maré tem para ultrapassar ou minimizar.

Em relação ao CPV-Maré, o sistema de cotas facilitou o acesso à UERJ. O número de aprovações aumentou mais de 400% em relação ao ano anterior a

essa política. Possibilitou também o acesso a cursos mais disputados. Ainda assim, nenhum aluno obteve aprovação para cursos cujo processo seletivo exige maior acúmulo de conteúdos, como medicina.

O contato com os documentos do curso possibilitou a constatação de que, inicialmente, havia uma maior preocupação em registrar e avaliar as atividades do curso. A utilização de instrumentos de acompanhamento, formulários, informativos etc. foram, aos poucos, sendo extintos do cotidiano do curso. A exemplo disso, há os formulários de acompanhamento das inscrições e carreiras dos alunos, a carta de princípios do curso, os informativos que explicam o que é o CEASM e toda a sua lógica de funcionamento, dentre tantos outros, que atualmente não são utilizados e nem foram substituídos. (ver anexos)

Apesar da excelente estrutura física do CPV-Maré e de as listagens e pautas estarem digitalizadas, não houve preocupação em mantê-las arquivadas. Além disso, os documentos impressos foram encontrados armazenados de forma muito precária. Por causa disso, não foi possível verificar com maior exatidão o percentual de evasão ano a ano, sendo isso possível apenas para os anos de 1999, 2002, 2003 e 2004. Faz-se necessário armazenar os documentos em um ambiente mais arejado e mais bem acondicionado. Os registros eletrônicos deveriam ser arquivados ano a ano, sem prejuízo de perda de documentos anteriores.

O aumento do percentual de aprovados, à medida que se considera a repetição do curso, mostra que a contabilização do contingente de alunos que cursaram até três anos aponta que o percentual de aprovados não sofre alteração a partir do terceiro ano de curso, não acontecendo com os estudantes que excedem o quarto ano de curso, os dados revelam que o percentual declina, indicando que a essa altura, repetir o curso já não é o fator predominante para a aprovação dos alunos remanescentes.

A despeito do fato de a maioria de os alunos aprovados ter cursado o CPV-Maré por apenas um ano denotar um resultado expressivo, os dados revelam, também, que quase a metade dos aprovados necessitou cursá-lo por mais de um ano. Como já mencionado, dos 1.506 alunos que cursaram o CPV-Maré por

somente um ano, 1.313 alunos não obtiveram aprovação até o vestibular 2005. Embora não se saiba quantos deles prestaram exame vestibular posteriormente, é um número bastante elevado diante do fato de que, com tantos vestibulandos em potencial, apenas 10 alunos tenham obtido aprovação nos anos seguintes. Essa comparação torna evidente a importância desse curso na preparação dos estudantes da Maré.

Em relação ao número de alunos aprovados no vestibular imediato ao ano de ingresso no CPV-Maré, os anos de 2000 e 2001 refletem uma queda percentual de alunos aprovados no vestibular imediato ao ano de ingresso em relação ao total de ingressos no ano, traduzindo-se nos dois piores resultados anuais do CPV-Maré, em se tratando de alunos que o cursaram pela primeira vez. A julgar pela ausência de comentário ou menção por parte de professores e coordenadores nas entrevistas realizadas para este trabalho, é provável que a instituição não tenha atribuído importância maior ao fato - talvez, por não ter havido queda expressiva no número absoluto de aprovados, uma vez que a instituição contabiliza o número de aprovados independentemente do ano em que o aluno iniciou e de quantas vezes ele tenha repetido o curso.

O total percentual dos alunos que obtiveram aprovação no vestibular imediato ao seu primeiro ano de ingresso difere do percentual dos alunos que foram aprovados tendo cursado o CPV-Maré por um único ano.

O conjunto de considerações apresentadas nesse item, e, de certa forma, no conjunto do trabalho, evidenciam a importância da contribuição do curso no ingresso dos moradores da Maré para a universidade. A expectativa é que o CPV-Maré se afirme também como uma alternativa para uma parcela dos jovens da Maré se reunirem em grupos de estudos e grupos político-sociais, permitindo maior participação no campo social e coletivo da Maré, proposta que norteia todas as ações do CEASM.

Finalizo este trabalho propondo alguns desafios para o CPV-Maré. São eles:

1. Aperfeiçoar os mecanismos de organização e de registros dos dados;

2. Acompanhar o desempenho dos ex-alunos aprovados no vestibular;
3. Aperfeiçoar o programa didático de maneira que a expectativa de ingresso na universidade não seja restrita às áreas menos competitivas de conhecimento;
4. Repensar os conteúdos;
5. Implementar um programa de reforço.

BIBLIOGRAFIA

FONTES

- CEASM - CENTRO DE ESTUDOS E AÇÕES SOLIDÁRIAS DA MARÉ. *Site Institucional*. Disponível em <<http://www.ceasm.org.br>>. Acesso em 15 jan.2005.
- _____. *Listagem dos alunos aprovados – 1999/2004*. Rio de Janeiro, 2005.
- _____. *Controle de freqüência dos alunos do CPV-Maré - 1998/2004*. Rio de Janeiro, 2004.
- _____. *Colegiado de Coordenadores e Diretores do CEASM: ampliação da participação e a consolidação do poder legítimo*. Seminário de Planejamento e Organização do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré. Rio de Janeiro, junho de 2003.
- _____. *“Censo Maré 2000 – Quem somos, quanto somos e o que fazemos”*. A Maré em dados. Rio de Janeiro: CEASM, 2003.
- _____. *Valores Primordiais do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré*. Rio de Janeiro, agosto de 2002.
- _____. *Jornal o Cidadão. Projeto político na forma de pré-vestibular*. Rio de Janeiro; ano IV; nº 19; abril/2002.
- _____. *Projeto de captação de recursos para o CPV-Maré*. Rio de Janeiro, 2001.
- _____. *Jornal o Cidadão. Jovens na Maré ingressam na Universidade*. Rio de Janeiro; ano II; nº 3; fevereiro/março: 2000.
- _____. *Ata de fundação do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré*. Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1997.
- PVNC. *Carta de Princípios do Pré-Vestibular para Negros e Carentes*. Rio de Janeiro, abril de 1999.
- _____. *Pré-Vestibular para Negros e Carentes. Site Institucional*. Disponível em: <<http://www.pvnc.hpg.ig.com.br>>. Acesso em 10 jan.2004.

LIVROS E ARTIGOS

- BACCHETTO, João Galvão. *Cursinhos Pré-Vestibulares alternativos no município de São Paulo (1991-2000): a luta pela igualdade no acesso ao ensino superior*. Dissertação de Mestrado em Educação pela USP. São Paulo, 2003.
- BOMENY, Helena Maria. *Quando os números confirmam impressões: desafios na educação Brasileira*. Texto escrito como subsídio à elaboração do Relatório Nacional do SAEB 2001. Diretoria de Avaliação da Educação Básica (DAEB), INEP, MEC, sob a coordenação de Iza Locatelli. Rio de Janeiro, abril de 2002.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia da trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 2001.
- BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean Claude. *A Reprodução*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1982.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. *Sociedade, Cotidiano Escolar e Cultura(s): uma aproximação*. Revista Educação & Sociedade. Ano XXIII, nº 79, agosto de 2002.
- _____. *Universidade, Diversidade Cultural e Formação de Professores*. PUC-RIO/CNPq, 2000.
- CARVALHO, José Carmelo Braz de e FILHO, Hélcio Alvim e COSTA, Renato Pontes (Org). *Cursos Pré-Vestibulares Comunitários: espaços de mediações pedagógicas*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2005.
- CARVALHO, José Murilo de. *Prefácio*. In PANDOLFI, Dulce Chaves e GRZYNSZPAN, Mário. (Org.) *A favela fala: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- COHN, Gabriel. *Weber*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Cortez, 1999.
- CUSTÓDIO Jorge. *“Querendo modificar ‘destinos’ sociais: experiências e projetos de trabalhadores cariocas e a formação universitária”*. Dissertação de

- Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2001.
- FANTÁSTICO, Jornal eletrônico. Rede Globo de Televisão. Entrevista realizada em fevereiro de 2003. *Site Institucional*. Disponível em <<http://redeglobo.globo/fatastico>. Acesso em 27 de dezembro de 2003.
- FOGAÇA, Azuete. *Educação, Qualificação e Pobreza: um resumo da crise educacional brasileira*. In BOMENY, Helena M. B. Ensino Básico na América Latina: experiências, reformas e caminhos. UERJ/Programa de Promoção da Reforma Educativa na América Latina e Caribe (PREAL). Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1998.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GOHN, Maria da Glória. *História dos Movimentos e Lutas Sociais: A construção da cidadania dos Brasileiros*. São Paulo: Editora Loyola, 2001.
- GONÇALVES, Dalcio Marinho. *Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré: uma organização não governamental na dimensão do movimento social e político comunitário*. Monografia do Curso de Especialização em Pesquisa de Mercado e Opinião Pública. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social. Rio de Janeiro: 2001.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Tradução de Carlos Néelson Coutinho. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1988.
- _____. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1981.
- HENRIQUES, Ricardo. *As Desigualdades Regionais no Sistema Educacional Brasileiro*. In Ricardo Henriques (org.), *Desigualdade e Pobreza no Brasil*, Rio de Janeiro: IPEA, 2000.
- IPP. Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos. *Site Institucional*. Disponível em <http://www.rio.rj.gov.br/ipp>. Acesso em 11 de outubro de 2004.
- JACOBI, Pedro Roberto. *Ampliação da cidadania e participação debate sobre educação*. Texto apresentado no GT Educação e Sociedade no século XX – Encontro Anual da ANPOCS, outubro de 2000.

LANDIM, Leilah. *Experiência Militante* 0c. 98.25 0 1D /F3 11.625 T23-0.9875 Tc 0

SARAIVA, Enrique. *“Mecanismos Eficazes de Inclusão Social”*. In: Encontros Temáticos: Cultura, Política e Direitos. Teixeira Coelho (Org.), Rio de Janeiro, Unesco/Sesc/Faperj, 2002.

SCHWARTZMAN, Simon. *A Revolução Silenciosa do Ensino Superior*. Disponível em <http://www.schwartzman.org.br/simon/publicac.htm>. Acesso em 12 de janeiro de 2004.

-----, Simon. *O Ensino Superior no Brasil – 1998*. [On-line].

Disponível em <http://www.schwartzman.org.br/simon/publicac.htm>. Acesso em 12 de janeiro de 2004.

SECAD. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade da Educação. Ministério da Educação. *Site Institucional*. Disponível em <<http://www.mec.gov.br/secad>>. Acesso em 20/11/2005.

_____. *Política de Reserva de vagas para afro-brasileiros na Educação Superior*. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. Departamento de Políticas. Nota Técnica. Brasília, 2004.

SILVA, Elionalva Sousa. *Programa Telecurso: Dilemas... Soluções? A experiência das Telessalas do Morro do Timbau - Maré em 1998 e 1999*. Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do grau de Licencianda em Pedagogia. Rio de Janeiro, 2003.

SILVA, Tânia Dauster Magalhães e. *“Bolsistas” e “elite” – tensão e mediação na construção diferencial de identidades de estudantes universitários*. In: VIII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada Belo Horizonte. Anais, 2002.

_____. Economia socialista. In, SINGER, Paul & MACHADO, João, *Economia socialista*. São Paulo, Ed. Fundação Perseu Abramo, 2000a.

_____. Economia solidária: um modo de produção e distribuição. In: SINGER, Paul & SOUZA, André R. de. *A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*. São Paulo, Contexto, 2000b.

SOARES, Luiz Eduardo. *Políticas das Ciências Sociais: armadilhas do heroísmo esquecido de si.* Disponível em http://www.bibvirt.futuro.usp.br/textos/hemeroteca/racs/vol13n36/rbcs_13n36_mesaredonda_11.pdf. Rio de Janeiro: 2004. Acesso em 10 de novembro de 2005.

SOUZA E SILVA, Jailson de. *As práticas "afirmativas" do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré - CEASM.* Rio de Janeiro: In PAIVA, Ângela Randolpho. *Ação afirmativa na universidade: reflexão sobre experiências concretas Brasil-Estados Unidos (Org.).* Rio de Janeiro, PUC-Rio: 2004-A.

_____. *Por que uns e não outros? Caminhada de jovens pobres para a universidade.* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

_____. *Adeus, "cidade partida".* In *Dez anos depois: Como vai você, Rio de Janeiro?* Rio de Janeiro: Trabalho e Sociedade. Rio de Janeiro, ano 3, n.5, p.25-28, março 2003.

_____ e Barbosa, Jorge Luis. *Observatório Social de Favelas do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Trabalho e Sociedade. Rio de Janeiro, ano 2, n.3, p.3-6, abril, 2002.

_____. *Sobre a vivência dos moradores de espaços favelados.* In *O Mercado de Trabalho do Rio de Janeiro.* Secretaria Municipal do Trabalho, Conjuntura e Análise, n.6, outubro de 1999.

TELLES, Vera da Silva. *Sociedade Civil e a construção de espaços públicos.* In DAGNINO, Evelina (Org.). *Os anos 90: política e sociedade no Brasil.* São Paulo: Brasiliense, 1994.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Site Institucional.* Disponível em <<http://uerj.gov.br>>. Acesso em 20/11/2005.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Site Institucional.* Disponível em , <http://unb.br>. Acesso em 3 de novembro de 2005.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose. Antropologia das Sociedades Complexas.* Jorge Zahar Editora, Rio de Janeiro, 1994.

_____. *Individualismo e Cultura. - notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea.* Jorge Zahar Editora, Rio de Janeiro, 1987.

Anexo I – Questionário elaborado pela equipe da pesquisa: O Impacto da Universidade na Vida dos Jovens da Maré - CEASM – Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré - Rede de Educação - Observatório Social da Maré

1. Data do preenchimento:	_ _ _ _ _ _ _ _ 2005
Bloco I – Identificação	
2. Nome do(a) universitário(a):	_____
3. Data de Nascimento:	_ _ _ _ _ _ _ _ 1 9 _ _ _ _
4. Naturalidade	
Município:	_____ Estado: _____
5. Bairro onde mora:	_____ 6. Comunidade: _____
7. Endereço:	_____
7.1 CEP:	_ _ _ _ _ _ _ _ _ - _ _ _ _ _
8. Telefone(s):	_ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ - _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _
9. E-mail:	_____
10. Sexo:	1. _ _ Masculino 2. _ _ Feminino
11. Estado civil:	
	1. _ _ Solteiro(a) 2. _ _ Casado(a) 3. _ _ Separado(a) 4. _ _ Viúvo(a)
12. Caso tenha filhos, quantos possui? ⇒	_ _ _ _
13. Em relação a sua cor/etnia, como você se define?	_____
14. Em relação a sua cor/etnia, de acordo com as opções abaixo, com qual delas você mais se identifica?	
	1. _ _ Branca 4. _ _ Amarela
	2. _ _ Preta 5. _ _ Indígena
	3. _ _ Parda
Bloco II – Moradia e família	
15. Sempre morou na Maré?	
	1. _ _ Sim 2. _ _ Não
16. Por quanto tempo vive/viveu na Maré?	_ _ _ _ anos ou em _ _ _ _ meses)
17. Naturalidade do pai: município:	_____ Estado _____
18. Naturalidade da mãe: município:	_____ Estado _____

... favelas e/ou espaços populares além da que mora?
 ordenando-as conforme a importância / Para tal, use 1; 2 e 3)

... fazer
 ... (es) ⇒ Qual(is)? | _____ |

... variam a não frequentar outra favela e/ou espaço popular?
 ordenando-as conforme a importância / Para tal, use 1; 2 e 3)

... funk
 ... favelas
 ... não frequentar

... |___| Outra(s) ⇒ Qual(is)? | _____ |

21. No quadro a seguir, diga qual é a relação ou grau de parentesco de cada um dos moradores do domicílio com você e indique, para cada um deles, o sexo, a idade e a última série escolar concluída. |___| Todo emar
 (obs. relacione somente as pessoas que moram com você, portanto, não inclua seus dados)

Morador	Relação ou grau de parentesco com você (não escreva o nome, só o parentesco)	Sexo (M ou F)	Idade (mesmo aproximada)	Escolaridade Informe a última série concluída e o grau correspondente (ex.: 2ª série / 1º grau)
1				
2				
3				
4				
5				
6				
7				
8				

Bloco III – Trajetória escolar

22. Em que t1ª a 8ª série)? .75 028 TD 0 Tc 0.2895 Tw () Tj ET 59.-28 TD -e h W Tc /F2 Tf () Tj 078.2895 T11(

<p>25. Em qual(is) modalidade(s) de Curso você estudou durante o Ensino Fundamental (1ª a 8ª série)? (se for o caso, assinale mais de uma resposta)</p> <p>1. <input type="checkbox"/> Ensino regular 2. <input type="checkbox"/> Supletivo 3. <input type="checkbox"/> Sistema de módulos 4. <input type="checkbox"/> Provão/secretaria de educação 5. <input type="checkbox"/> Telecurso ... <input type="checkbox"/> Outro ⇒ Qual? _____</p>	
<p>26. Em que tipo de estabelecimento/ unidade de ensino você cursou o Ensino Médio (2º grau)?</p> <p>1. <input type="checkbox"/> Todo em escola pública/gratuita 2. <input type="checkbox"/> Todo em escola particular 3. <input type="checkbox"/> Maior parte em escola pública/gratuita 4. <input type="checkbox"/> Maior parte em escola particular</p>	
<p>27 Nome do bairro e da escola que cursou o tipo de ensino mencionado acima: Bairro: _____ Escola: _____</p>	
<p>28. Com que idade você começou e terminou o Ensino Médio (2º grau)?</p> <p>1. Idade que iniciou: _____ anos. 2. Idade que terminou: _____ anos</p>	
<p>29. Em qual(is) modalidade(s) de Curso você estudou durante o Ensino Médio (2º grau)? (se for o caso, assinale mais de uma resposta)</p> <p>1. <input type="checkbox"/> Ensino regular 2. <input type="checkbox"/> Supletivo 3. <input type="checkbox"/> Sistema de módulos 4. <input type="checkbox"/> Provão/Secretaria de Educação 5. <input type="checkbox"/> Tele-curso ... <input type="checkbox"/> Outro ⇒ Qual? _____</p>	
<p>30. Você fez algum curso específico preparatório para o vestibular?</p> <p>1. <input type="checkbox"/> Sim ⇒ pule para o item 32 2. <input type="checkbox"/> Não ⇒ responda o item 31 e pule para o 33</p>	
<p>31. Por qual(is) motivo(s) você NÃO freqüentou um curso pré-vestibular?</p> <p>1. <input type="checkbox"/> O ensino do meu colégio era suficiente 2. <input type="checkbox"/> Dificuldades econômicas 3. <input type="checkbox"/> Bastava estudar sozinho 4. <input type="checkbox"/> Não tinha tempo, pois estudava e/ou trabalhava ... <input type="checkbox"/> Outro(s) ⇒ Qual(is)? _____</p>	
<p>32. Que modalidade de curso pré-vestibular você freqüentou?</p> <p>1. <input type="checkbox"/> Sim, pré-vestibular privado 2. <input type="checkbox"/> Sim, pré-vestibular CEASM 3. <input type="checkbox"/> Sim, outro pré-vestibular comunitário ⇒ Qual? _____ 4. <input type="checkbox"/> Sim, matérias isoladas. ... <input type="checkbox"/> Outro ⇒ Qual? _____</p>	
<p>33. Por quanto tempo você freqüentou o(s) curso(s) preparatório(s) para o vestibular?</p> <p>1. <input type="checkbox"/> Menos de um ano 2. <input type="checkbox"/> Um ano 3. <input type="checkbox"/> Três anos 4. <input type="checkbox"/> Quatro anos ou mais 5. <input type="checkbox"/> Dois anos</p>	
<p>34. Por quantos anos você prestou o vestibular?</p> <p>1. <input type="checkbox"/> Um ano 2. <input type="checkbox"/> Dois anos 3. <input type="checkbox"/> Três anos 4. <input type="checkbox"/> Quatro anos ou mais</p>	
<p>35. Nos vestibulares prestados, houve mudança na sua opção de curso?</p> <p>1. <input type="checkbox"/> Não 2. <input type="checkbox"/> Sim, mesma área, mas outro curso 3. <input type="checkbox"/> Sim, de outra área</p>	
Bloco IV – Situação universitária	
<p>36. Nome da Universidade / Escola Superior: _____</p>	
<p>37. Ano de ingresso na Universidade / Escola Superior: _____ - _____</p>	
<p>38. Curso atual (ou concluído): _____</p>	
<p>39. Você considera que aproveita(ou) bem o que <u>é/ foi</u> oferecido na Universidade?</p> <p>1. <input type="checkbox"/> Sim 2. <input type="checkbox"/> Não</p>	

<p>40. Ao ingressar na graduação, em qual turno você foi matriculado? _____ </p>
<p>41. Durante o curso, você passou a estudar em turno(s) diferente(s) daquele(s) no qual você foi matriculado?</p>
<p>42. E no período atual (ou no último cursado), em qual turno está? _____ </p>
<p>43. Você cursou, integral ou parcialmente outro curso superior?</p> <p>1. <input type="checkbox"/> Não</p> <p>2. <input type="checkbox"/> Sim, parcialmente</p> <p>3. <input type="checkbox"/> Sim, integralmente</p>
<p>44. Participa / participou de pesquisa acadêmica e/ou grupo de estudos na Universidade?</p> <p>1. <input type="checkbox"/> Sim ➤ responda o item 45 e pule para o 47</p> <p>2. <input type="checkbox"/> Não ➤ pule para o item 46</p>
<p>45. Que modalidade(s) de pesquisa acadêmica e/ou grupo de estudos você participa / participou? (admite mais de uma resposta)</p> <p>1. <input type="checkbox"/> Monitoria</p> <p>2. <input type="checkbox"/> Iniciação Científica</p> <p>3. <input type="checkbox"/> Bolsa Treinamento</p> <p>4. <input type="checkbox"/> Estágio</p> <p>... <input type="checkbox"/> Outra(s) ⇒ Qual(is)? _____ </p>
<p>46. Se NÃO participa/participou de pesquisa acadêmica, por que razões? (admite mais de uma resposta)</p> <p>1. <input type="checkbox"/> Não tem tempo</p> <p>2. <input type="checkbox"/> Desconhece (não há informação)</p> <p>3. <input type="checkbox"/> Não tem interesse</p> <p>4. <input type="checkbox"/> Não tem nota suficiente (C.R)</p> <p>5. <input type="checkbox"/> Ainda está no início do curso</p> <p>6. <input type="checkbox"/> Tem reprovação</p> <p>7. <input type="checkbox"/> Não são oferecidas aos alunos do curso noturno</p> <p>... <input type="checkbox"/> Outra(s) ⇒ Qual(is)? _____ </p>
<p>47. Você recebe/recebeu algum tipo de bolsa?</p> <p>1. <input type="checkbox"/> Sim, de assistência estudantil (alimentação, transporte, moradia, outros)</p> <p>2. <input type="checkbox"/> Sim, de pesquisa (CNPq, CAPES, FAPERJ, etc)</p> <p>3. <input type="checkbox"/> Não recebo / recebi</p>
<p>48. Recebeu e/ou recebe algum auxílio externo à universidade para se manter estudando?</p> <p>1. <input type="checkbox"/> Não</p> <p>2. <input type="checkbox"/> Sim, da Igreja</p> <p>3. <input type="checkbox"/> Sim, de ONG</p> <p>4. <input type="checkbox"/> Sim, de familiares</p> <p>5. <input type="checkbox"/> Sim, de político</p> <p>6. <input type="checkbox"/> Sim, governamental</p> <p>7. <input type="checkbox"/> Sim, da empresa do meu responsável</p> <p>8. <input type="checkbox"/> Sim, da empresa que trabalho</p> <p>... <input type="checkbox"/> Outro(s) ⇒ Qual(is)? _____ </p>
<p>49. Caso seja/tenha sido aluno de universidade particular, recebe/recebeu algum tipo de desconto na mensalidade?</p> <p>1. <input type="checkbox"/> Sim, integralmente</p> <p>2. <input type="checkbox"/> Sim, parcialmente</p> <p>3. <input type="checkbox"/> Não</p>
<p>50. Quanto à sua participação política na universidade, você diria que a intensidade e a freqüência desta participação é / foi:</p> <p>1. <input type="checkbox"/> Baixa</p> <p>2. <input type="checkbox"/> Média</p> <p>3. <input type="checkbox"/> Alta</p> <p>4. <input type="checkbox"/> Não participo / participei</p>

Bloco V – Trabalho e renda**Os itens 52.1; 52.2 e 52.3 destinam-se à obtenção da RENDA FAMILAR e da RENDA PER CAPITA no seu domicílio**

Esta informação será analisada tendo em vista o conjunto da população e tem importância fundamental para o estudo, o que demanda máxima precisão na resposta.

§ Considere qualquer tipo de renda: fixa ou não, informal, aposentadoria, pensão, auxílio etc.

§ No caso do morador cuja renda não é fixa ou não é mensal, estime, para efeito de registro, uma MÉDIA MENSAL recebida pelo mesmo.

51. Nº de moradores no seu domicílio (incluindo você): |__|__|

52. Nº de moradores no seu domicílio (incluindo você) que possuem alguma renda: |__|__|

53. Soma da Renda Mensal no seu domicílio: R\$ |__|__|__|__|__|,00

54. Renda Individual: R\$ |__|__|__|__|__|,00

55. Atualmente exerce alguma atividade remunerada? (exceto bolsa de estudos/pesquisa)

1. Sim 2. Não **P**ule para o item 60

56. Qual atividade você exerce? |_____|

57. Seu trabalho pode ser considerado: 1. Formal 2. Informal

58. Qual a sua carga horária semanal no trabalho? ⇒ |__|__| horas

59. No seu entender, seu trabalho se relaciona com o seu curso universitário?

1. Sim 2. Não

60. Com que idade você começou a exercer alguma atividade remunerada? ⇒ |__|__| anos

Bloco VI – Características sócio-culturais

61. Qual a sua religião?

... Afro-brasileira ⇒ de qual denominação? |_____|

... Católica

... Espírita

... Evangélica ⇒ de qual igreja/denominação? |_____|

... Outra ⇒ Qual? |_____|

... Sem religião / Agnóstico

62. Quais das atividades abaixo mais ocupam suas horas vagas? (assinale até 03 alternativas, ordenando-as conforme a importância / Para tal, use 1; 2 e 3)

1. Estudo/Cursos

6. Shopping

11. Movimento social/cultural

2. Esportes

7. Leitura

12. Programas familiares

3. Televisão

8. Bares/boates

13. Conversa com amigos

4. Teatro/cinema

9. Música

.... Outra(s) ⇒ Qua(is)? |_____|

5. Internet

10. Religião

63. Quais os meios que você mais utiliza para se manter informado? (assinale até 02 alternativas, ordenando-as conforme a importância / Para tal, use 1 e 2)

1. Nenhum

5. Jornal

2. TV

6. Revistas

3. Rádio

7. Internet

4. Outras pessoas

... Outro(s) ⇒ Qual(is)? |_____|

64. Você lê jornal?

1. Não.
2. Sim, diariamente.
3. Sim, apenas nos finais de semana.
4. Sim, pelo menos uma ou duas vezes por semana.
5. Sim, esporadicamente / sem regularidade semanal.

65. Quais os gêneros de programa de TV que você mais gosta? (assinale até 03 alternativas, ordenando-as conforme a importância / Para tal, use 1; 2 e 3)

- | | | |
|---------------------------------------|---|--|
| 1. <input type="checkbox"/> Auditório | 5. <input type="checkbox"/> Humorístico | 9. <input type="checkbox"/> Infantil |
| 2. <input type="checkbox"/> Educativo | 6. <input type="checkbox"/> Noticiário | 10. <input type="checkbox"/> Documentário |
| 3. <input type="checkbox"/> Esportes | 7. <input type="checkbox"/> Novela | 11. <input type="checkbox"/> Religioso |
| 4. <input type="checkbox"/> Filmes | 8. <input type="checkbox"/> Policial | 12. <input type="checkbox"/> Casa/culinária |
| | | ... <input type="checkbox"/> Outro(s) ⇒ Qual(is) |
- |_____|

66. Quais os gêneros de música que você mais gosta? (assinale até 04 alternativas, ordenando-as conforme a importância/ Para tal, use 1; 2; 3 e 4)

- | | | |
|---|--|---|
| 1. <input type="checkbox"/> Não gosta de música | 7. <input type="checkbox"/> Hip Hop | 13. <input type="checkbox"/> Religiosa |
| 2. <input type="checkbox"/> Charme | 8. <input type="checkbox"/> Jazz | 14. <input type="checkbox"/> Rock |
| 3. <input type="checkbox"/> Clássica | 9. <input type="checkbox"/> MPB | 15. <input type="checkbox"/> Samba |
| 4. <input type="checkbox"/> Eletrônica | 10. <input type="checkbox"/> Pagode | 16. <input type="checkbox"/> Sertanejo |
| 5. <input type="checkbox"/> Forró | 11. <input type="checkbox"/> Pop Internacional | 17. <input type="checkbox"/> Axé |
| 6. <input type="checkbox"/> Funk | 12. <input type="checkbox"/> Rap | ... <input type="checkbox"/> Outro(s) ⇒ Qual(is)? |
- |_____|

67. Participa de grupo(s) ou movimento(s) culturais(s)? Qual(is)? (marcar um X nas opções)

- | | |
|--|--|
| 1. <input type="checkbox"/> Não | 7. <input type="checkbox"/> Dança |
| 2. <input type="checkbox"/> Conjunto Musical | 8. <input type="checkbox"/> Folclore |
| 3. <input type="checkbox"/> Coral | 9. <input type="checkbox"/> Artes Plásticas |
| 4. <input type="checkbox"/> Teatro | 10. <input type="checkbox"/> Grupos Religiosos |
| 5. <input type="checkbox"/> Literário | 11. <input type="checkbox"/> Movimentos Políticos |
| 6. <input type="checkbox"/> Capoeira | ... <input type="checkbox"/> Outro(s) ⇒ Qual(is)? _____ |

68. Qual(is) dos espaços abaixo relacionados você frequenta/faz uso? (assinale até 03 alternativas, ordenando-as conforme a importância / Para tal, use 1; 2 e 3)

- | | |
|---|---|
| 1. <input type="checkbox"/> Centros Culturais | 6. <input type="checkbox"/> Casa de Shows |
| 2. <input type="checkbox"/> Museus | 7. <input type="checkbox"/> Teatros |
| 3. <input type="checkbox"/> Bibliotecas | 8. <input type="checkbox"/> Não frequento espaços culturais |
| 4. <input type="checkbox"/> Cinemas | ... <input type="checkbox"/> Outro(s) ⇒ Qual(is)? _____ |
| 5. <input type="checkbox"/> Lons Culturais | |

69. Conhece algum universitário que resida ou tenha residido na Maré, seja de universidade pública ou privada, por favor, informe os dados cadastrais para podermos incluí-lo nesta pesquisa.

Nome: |_____|

End.: |_____|

Telefone e e-mail: |_____|

Finalização (a ser preenchida pelo entrevistador)**70. Entrevistador :** |_____|**71. Data:** |__|_| |__|_| | **2** | **0** | **0** |__|_|**72. Situação da entrevista:**

1. Integralmente realizada
2. Parcialmente realizada ⇒ Data para término: |__|_| |__|_| | **2** | **0** | **0** |__|_|
3. Recusada ⇒ Por que razão? |_____|

D Se desejar, utilize o verso para fazer observações.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)